

Elizete Aparecida De Marco

**A TRAJETÓRIA E PRESENÇA DO TALIAN E DO DIALETO TARENTINO EM  
SANTA CATARINA: por uma educação intercultural**

Florianópolis

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

**A TRAJETÓRIA E PRESENÇA DO TALIAN E DO DIALETO TRENTINO EM  
SANTA CATARINA: por uma educação intercultural**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e submetida à banca Examinadora, como requisito parcial e último para a obtenção do título de *Mestre em Educação*, elaborada sob orientação da Professora Doutora Cristiana de Azevedo Tramonte.

**Elizete Aparecida De Marco**

Florianópolis, abril de 2009.

Catálogo na fonte por: Dilva Páscoa De Marco Fazzioni CRB-14/636

M267t MARCO, Elizete Aparecida De,  
A trajetória e presença do Talian e do dialeto Trentino em  
Santa Catarina: por uma educação intercultural / Elizete  
Aparecida De Marco; orientadora Cristiana de Azevedo  
Tramonte. – Florianópolis, 2009.  
162f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa  
Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
2009.

1. Talian. 2. Dialeto Trentino. 3. Educação intercultural. I.  
Tramonte, Cristiana de Azevedo. II. Universidade Federal  
de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em  
Educação. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**"A TRAJETÓRIA E PRESENÇA DO TALIAN E DO DIALETO TRENTINO EM  
SANTA CATARINA: POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL"**

**Dissertação submetida ao Colegiado do  
Curso de Mestrado em Educação do  
Centro de Ciências da Educação em  
cumprimento parcial para a obtenção  
do título de Mestre em Educação**

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 24/04/2009**

**Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte (CED/UFSC-Orientadora)**

**Dr. João Klug (CFH/UFSC-Examinador)**

**Dr. Isaac Ferreira (USJ/SC-Examinador)**

**Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma (CFH/UFSC-Suplente)**

*Prof. João Josué da Silva Filho*  
Coordenador do Programa de  
Pós-Graduação em Educação - UFSC

**ELIZETE APARECIDA DE MARCO**

**FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/ABRIL/2009**

Dedico esse trabalho ao meu pai, Guilherme e minha mãe, Sunta  
(*In memoriam*), aos meus irmãos, e a todos que são portadores e  
transmissores dessa cultura.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado forças e inspiração... e por concluir mais uma etapa na minha vida;

Agradeço aos meus pais por ter me dado a oportunidade de crescer ouvindo o Talian;

A toda a minha família e amigos, pela torcida e apoio, ideias, sugestões e principalmente por entender e respeitar minhas ausências;

Agradeço a minha orientadora a prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiana de Azevedo Tramonte, por compartilhar as angústias, ideias, apoio e especialmente à confiança incondicional que depositou em mim nesses dois anos de mestrado.

Ao Arthur por estar sempre meu ao lado apesar do “stress”; pelo suporte técnico; por ter compartilhado comigo cada etapa dessa caminhada; e a família pelo apoio e torcida;

Agradeço também a minha querida amiga historiadora Clarice Bianchezzi, por ter me conduzido pelo “instigante” mundo da História, pelo apoio e dicas ao longo dessa caminhada;

Agradeço a Ana Paula, por ter ouvido todas as minhas descobertas e apreensões;

Agradeço o Núcleo Educação Intercultural e Movimentos Sociais - Mover- pelas oportunidades de partilha, crescimento e reflexão;

Aos membros da diretoria do Circolo Trentino di Florianópolis, pelo apoio e compreensão, durante todo esse trabalho; especialmente no primeiro ano;

As bibliotecárias Célia De Marco e Dilva De Marco Fazzioni pela ajuda e trabalho técnico;

Ao Ivonei Fazzioni, pelas leituras minuciosas e pelas observações precisas e valiosas;

Às prof<sup>a</sup> Helena Notari Rieg, prof<sup>a</sup>. Laura Scoz pela atenção, carinho, apoio e pelas informações rápidas e consistentes;

A Bernardete e Paulo Zircke pela hospitalidade e carinho em Rodeio, durante a pesquisa de Campo;

A Líria e Genilson pela disponibilidade, hospitalidade e atenção em Concórdia durante a pesquisa de campo;

Agradeço também ao prof. José Curi, Clarice Bianchezzi, Célia De Marco, Melissa Barcellos, Karine Simoni, Geraldino Ochner, Teresa Adami Tanaka e Andrey Taffner, Helena Rieg e Laura Scoz pelos importantes materiais emprestados, sem data de devolução;

A CAPES pela sustentabilidade no segundo de pesquisa, e as possibilidades que esta me proporcionou;

E agradeço de coração, a todos os meios entrevistados, mesmo aos que não foram citados no decorrer do texto, por compartilharem comigo suas vivências e memórias. Esse trabalho só foi possível por que cada um contribuiu com suas ideias e opiniões, permitindo-me compreender melhor a realidade dos dois campos de pesquisa,

Espero que esse trabalho possa contribuir de alguma forma para as realidades pesquisadas e que ele possa atender as expectativas...

## RESUMO

O presente estudo busca traçar a trajetória histórica e sociolingüística do Talian no município de Concórdia e do dialeto Trentino no município de Rodeio, ambos no estado de Santa Catarina, desde sua chegada com os imigrantes italianos até os dias atuais. Tendo como objetivo, analisar o caminho percorrido por essas línguas de imigração e suas relações com o ensino da língua Italiana *standard ou padrão*, por meio dos professores, alunos e principalmente pelos seus falantes. Analisa-se o Talian e o dialeto Trentino sob a luz da identidade étnica e da perspectiva intercultural, especialmente frente à Declaração dos Direitos Lingüísticos, proclamada no ano de 1996, em Barcelona. Trata também dos aspectos culturais e lingüísticos do Talian e do dialeto Trentino falados em Santa Catarina, discutindo sobre as características do falante dialetal que são evidenciadas na pronúncia da língua portuguesa. Reflete-se sobre o lugar cultural que as raízes linguísticas desse grupo ocupam junto às gerações atuais, considerando de um lado, o crescente processo de extinção de línguas minoritárias e de outro, o movimento sul brasileiro que luta para que o Talian seja reconhecido como Patrimônio Imaterial do Brasil.

Palavras-Chave: Talian; Dialeto Trentino; Identidade; Educação; Interculturalidade;

## SOMMARIO

Il presente studio cerca di fare la traiettoria storica e sociolinguistica del Talian nel Comune di Concórdia e del dialetto Trentino nel Comune di Rodeio, ambidue nel Stato di Santa Catarina, dal suo arrivo insieme ai immigranti italiani fino ad'oggi. Tiene come obiettivo, analizzare il cammino percorso per queste lingue d'immigrazione e le sue relazioni con il insegnamento della língua Italiana standard, per mezzo dei professori, allievi e principalmente dei suoi parlanti. Analizza-si il Talian e il dialetto Trentino sotto la luce della identità etnica e della prospettiva interculturale, specialmente di fronte alla Dichiarazione dei Diritti Linguistici, proclamata nel 1996, a Barcellona. Tratta anche dei aspetti culturali e linguistici del Talian e del dialetto Trentino parlati in Santa Catarina, discutendo le caratteristiche del parlante dialettale che sono evidenziate nella pronuncia dalla lingua portoghese. Si riflette sopra il posto culturale che le radici linguistiche di questo gruppo occupano insieme alle generazioni attuali, considerando di un lato, il crescente processo di estinzione delle lingue minoritarie e dell'altro, il movimento sul brasiliano che lotta per che il Talian sia riconosciuto come Patrimonio Imateriale del Brasile.

Parole-Chiave: Talian; Dialetto Trentino; Identità; Educazione; Interculturalità.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>20</b>
Línguas de imigração italiana como veículos de comunicação no processo de imigração e nas construções sócio-culturais .....	20
1. O imigrante italiano na política imigrantista no Brasil. ....	21
2. A “criação” de um povo - processo de nacionalização dos estrangeiros para a formação da identidade brasileira (1937-1945). ....	27
3. Línguas de imigração italiana (Talian e o dialeto Trentino): outras línguas além do Português. ....	32
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>38</b>
Trajetórias e estratégias de sobrevivência do dialeto Trentino no município de Rodeio .....	38
1. Trentino Alto Ádige – Itália – O local da partida .....	38
2. Rodeio – SC Brasil – O local da chegada.....	41
3. A função das Escolas Paroquiais na vida de italianos e seus descendentes. ....	44
4. O “Medo” durante a política de nacionalização. ....	54
5. A “vergonha” de falar dialeto Trentino ou Italiano.....	64
6. As Características do Talian e do dialeto Trentino na fala dos descendentes. ....	65
7. Festa do Centenário da Imigração Italiana em Rodeio (1975) –“orgulho” de falar o dialeto Trentino. ....	71
8. Estratégias de manutenção do dialeto Trentino em Rodeio.....	76
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>82</b>
A trajetória e a presença do Talian em Concórdia .....	82
1. Concórdia (SC) - A nova <i>cucanha</i> ? .....	83
2. O medo durante a política de nacionalização e seus reflexos em Concórdia.....	90
3. Entre a vergonha e a alegria de falar Talian.....	98
4. A esperança do Talian se tornar Patrimônio Imaterial do Brasil e o Inventário Nacional da Diversidade Lingüística do Brasil. ....	103
5. O Ensino da Língua Italiana Moderna em Santa Catarina. ....	110
6. Ensino da Língua Italiana padrão em Concórdia- SC .....	120
7. A Declaração Universal dos Direitos lingüísticos e as Minorias Linguísticas.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>140</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>157</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida em dois municípios catarinenses. Nestes municípios existe a presença de ítalo-descendentes, que falam línguas de imigração<sup>1</sup> - o dialeto Trentino em Rodeio e o Talian<sup>2</sup> em Concórdia. Tentou-se traçar uma linha no tempo, começando em torno de 1875, do período das grandes imigrações até o ano de 2009.

Para analisar a presença do Talian e do dialeto Trentino elegeu-se os seguintes municípios, como campo de investigação:

- Concórdia (situado na região Oeste do Estado)
- Rodeio (situado no médio Vale do Itajaí)

Rodeio é um município situado no Médio Vale do Itajaí, que apresenta colonização por migração direta de italianos, sendo a maioria oriundos da região no Trentino Alto Ádige. Já Concórdia, foi colonizada indiretamente “pelos etnias alemã, italiana e cabocla.”<sup>3</sup> No Oeste Catarinense segundo Gregory,

já no final do século XIX e no século atual, a partir do segundo e terceiro decênios, aconteceu a ocupação na direção do Oeste Catarinense, com predominância de eurobrasileiros, provenientes, principalmente, das antigas regiões coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.<sup>4</sup>

Em pleno século XXI, diante das transformações que a sociedade vêm sofrendo e, diante da rapidez em que estas transformações ocorrem, concordamos com a reflexão de Hamel, que nas

últimas décadas presenciamos dois movimentos que, na aparência, se movem em direções opostas, mas no fundo formam parte de uma única realidade: por um, a acelerada *globalização*, que se caracteriza por uma integração cada vez maior dos capitais, o comércio, a divisão mundial do trabalho, as tecnologias e os meios de comunicação; por outro, a crescente

---

<sup>1</sup> Assim o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em política lingüística (IPOL) classifica a pluralidade lingüística brasileira em: línguas indígenas, de imigração, afro- brasileiras.

<sup>2</sup> Além do termo Talian, encontra-se na literatura também os termos dialeto Vêneto ou Vêneto brasileiro. Será usado aqui somente o termo Talian.

<sup>3</sup> NODARI, Eunice Sueli; VIEIRA, Alexandre Sardá. O Oeste de Santa Catarina: a renegociação das fronteiras étnicas. Apud Revista catarinense de História **Fronteiras**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2001.p. 29. Os autores explicam que não estão menosprezando a existência dos grupos indígenas, mas no período estudado já eram grupos minoritários e localizados em lugares determinados, interferindo pouco no espaço ocupado pelas colonizadoras.

<sup>4</sup> GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE 2002. p. 31/35.

afirmação de uma diversidade cultural, étnica e linguística, que em tempos anteriores parecia sucumbir sob a pressão homogeneizadora dos estados nacionais.<sup>5</sup>

E este estudo contempla justamente uma das culturas, que formam a diversidade cultural, étnica e linguística citada por Hamel.

A hipótese de pesquisa inicial era preconceito linguístico. Contudo, durante realização da pesquisa de campo, percebeu-se que não era possível fazer uma análise simplista ou apenas constatar se ocorria ou não o preconceito e em qual circunstância. A realidade mostrou-se muito mais complexa.

Diante disso, foi preciso redobrar o cuidado ao analisar essa realidade, saber quais foram as tramas sociais, políticas e econômicas que permearam, influenciaram e moldaram a história local, resultando em um cenário complexo e instigante, que passou então a ser o foco da pesquisa. Somente a partir disso, seria permitido averiguar a hipótese inicial. Ao final, pudemos perceber que as línguas de imigração passaram por três momentos históricos, caracterizados pelo medo, a vergonha e o orgulho.

Em função da mudança de hipótese de pesquisa inicial, o objetivo principal deste estudo passou a ser uma análise histórica e sociolingüística do Talian e do dialeto Trentino: investigar a relação entre eles e o ensino da língua Italiana *standard* ou padrão através dos professores, alunos e, principalmente, pelos falantes do Talian e do dialeto Trentino. Analisando sob a luz da identidade étnica e do ponto de vista da perspectiva intercultural, especialmente frente à Declaração dos Direitos Lingüísticos, proclamada no ano de 1996, em Barcelona.

Aqui trata-se também da problematização dos aspectos culturais e lingüísticos do Talian e do dialeto Trentino falados em Santa Catarina, bem como discutir as características do falante dialetal, que são evidenciadas na pronúncia da língua portuguesa, refletindo sobre o lugar cultural que as raízes linguísticas desse grupo ocupam junto às gerações atuais.

Nesse estudo o Talian será considerado uma língua, justamente por ter o “primeiro pedido de Registro de uma língua como Patrimônio Cultural Imaterial do

---

<sup>5</sup> HAMEL, Rainer Enrique. **Direitos lingüísticos como direitos humanos**: debates e perspectivas apud OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Declaração Universal dos direitos lingüísticos. Novas perspectivas em política lingüística. Florianópolis: Mercado de Letras, 2003. p. 47.

Brasil,”<sup>6</sup> realizado em 2001. Por haver literatura publicada, e por ser utilizada em vários espaços e locais.

Entende-se língua e linguagem numa perspectiva histórico-social. Dessa forma, Travaglia (1997, p. 23), define que a linguagem é “um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.”<sup>7</sup> e Bakhtin complementa

a linguagem é tratada como fruto da ação de um sujeito sobre outro sujeito, constituída pela pelas relações sociais acontecidas entre e pelos sujeitos da interação verbal. Nesse caso, ser falante implica ser sujeito de um processo de interação com o outro, consigo mesmo, com o mundo. Língua e fala se fundem na linguagem no momento da interação verbal.<sup>8</sup>

Aqui o Talian será chamado de língua, segundo Alvar “é o sistema linguístico de que se utiliza uma comunidade de falantes, caracterizado por ser fortemente diferenciado, com alto grau de nivelação, veiculando a tradição literária e, às vezes, tendo-se imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem.”<sup>9</sup>

O Trentino, por sua vez, será chamado dialeto, pois segundo Alvar “dialeto pressupõe um sistema de signos divergentes de uma língua comum, viva ou desaparecida, geralmente com limitação geográfica definida (...).”<sup>10</sup>

Segundo Iracema Moser Cani,

considerar o dialeto de Rodeio num processo comparativo com o “Talian” é precipitar-se em definições generalizadas. É preciso conhecer a realidade “in loco” a partir de uma convivência regular e sobretudo familiar. Em Rodeio o dialeto, apesar das interferências do Português, está mais para o Trentino (Valsugana, Tesino, Vallagarina, etc.) do que para o Vêneto: no qual se percebe a incidência evidente do “Talian”, principalmente o do Rio Grande do Sul.<sup>11</sup>

<sup>6</sup> Diversidade Linguística do Brasil. Grupo de trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL) **Relatório de atividades. (2006-2007)**. Câmara dos Deputados, Ministério da Cultura.

<sup>7</sup> Apud FERREIRA, Isaac. **Linguagem, Texto e Ensino**: noções fundamentais discutidas em curso de formação continuada. Abordagem com e para professores da rede de ensino de São José. São José: PMSJ-SC, 2008. p. 5.

<sup>8</sup> Idem. p. 4.

Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) e UNESCO. p. 8.

<sup>9</sup> ALVAR, (1961: 51-60) apud CONFORTIN, Helena. **Faina Lingüística**. Porto Alegre: Ed. EST: Erechim:URI.1998. p. 26.

<sup>10</sup> Id.,1998. p. 26.

<sup>11</sup> Informações gentilmente fornecidas vias correio eletrônico.

Mafalda Scoz reforça que o Italiano que fala: “o nosso é dialeto, é diferente da Itália.”<sup>12</sup>

Em relação ao Oeste Catarinense, é relevante a discussão feita por Oliveira<sup>13</sup> em que faz “observações em torno dos diferentes estágios que marcaram a interação entre os povos no Ocidente”. Iniciando sua discussão na *polis* grega que considera “o nascedouro das dificuldades entre os povos” e chega até o Brasil colonial, considerado como

um dos férteis nascedouros de estereótipos e preconceitos, com destacado papel na manutenção das desigualdades étnicas, reforçando o sectarismo em que o negro e o índio, ambos entendidos como ‘destituídos de alma’, ficam vulneráveis ao ritual da escravização e da subjugação.<sup>14</sup>

Porém será tratado aqui do elemento europeu, especificamente do italiano, e e seus descendentes, que mesmo sendo brasileiros mantêm traços culturais, que fazem parte de sua identidade. Não buscamos aqui, fazer apologias ou ser ufanistas. A intenção é a de dar visibilidade aos outros falares constituídos e presentes no Estado de Santa Catarina. Dar visibilidade, a fim de que não se percam. Garantindo dessa forma o conhecimento de uma das muitas culturas que constituem o mosaico cultural- linguístico brasileiro.

No ano de 2005, ao concluir o curso de Letras – Língua Italiana e Literaturas, para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – a opção foi pesquisar o Talian falado em Concórdia.<sup>15</sup>

A partir dos dados levantados nesses campos de pesquisa foi possível ter um panorama geral da realidade de cada um dos campos de pesquisa permitindo, assim, traçarmos paralelos com as informações adquiridas. Dessa forma podemos verificar se as línguas de imigração faladas, enquanto aspectos culturais recebem alguma atenção por parte dos órgãos competentes ou se estas se encontram

---

<sup>12</sup> SCOZ, Mafalda Notari. (89 anos). Fazendo uma comparação com o Italiano *standard*, em entrevista concedida à autora em 16/09/2008. Nas entrevistas para a presente pesquisa, inúmeras vezes, a expressão “italiano” era usada para se referir ao dialeto, pois frente ao português os falantes do dialeto Trentino, entendem que falam o italiano. E quando comparado com a língua italiana Standard, reconhecem que é um dialeto.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Ancelmo Pereira de. **O discurso da exclusão na escola**. Joaçaba: UNOESC, 2002.

<sup>14</sup> Idem. p. 35.

<sup>15</sup> Somente no curso de Letras - Italiano, passei a entender a diferença entre o Talian e o Italiano standard ou padrão, e a perceber que se tratava de duas realidades linguísticas distintas. Sendo o Talian uma língua regional, enquanto o Italiano padrão se referia à língua oficial da Itália.

marginalizadas. E assim se elencou os fatores que contribuem para a valorização ou não destas línguas de imigração.

Segundo Serpa “o sul de Santa Catarina, os Vales de Itajaí-Açu e Itajaí Mirim e a região Oeste foram os locais em que se concentraram os maiores núcleos de colonização italiana nesse Estado,”<sup>16</sup> que vem ao encontro da afirmação feita por Boso que em “Santa Catarina, por sua vez, apresenta três importantes regiões com considerável presença dos dialetos italianos (uma a nordeste, uma ao sul e a outra no oeste), separadas uma das outras e divididas por zonas linguísticas alemãs e luso-brasileiras.”<sup>17</sup> (tradução livre).

Estas afirmações justificam, portanto, a opção por pesquisar essas áreas, delimitadas pelos municípios referidos anteriormente. Ambos os municípios oferecem o ensino da língua italiana na rede pública de ensino. E, de acordo com Boso, a posição geográfica dessas áreas, de um lado favorece a conservação do dialeto, pois permanece, de certa forma, isolado em sua zona etnicamente compacta, circundadas por territórios que são ocupados por outras etnias e, de outro lado se torna difícil a sobrevivência do mesmo em pequenos territórios, especialmente por ter aproximação com outros idiomas e pela influência da língua oficial do Brasil.

Segundo Simoni, “entre 1875 e 1920, período da grande imigração italiana para o Brasil, os dialetos mais falados na Itália possuíam diferenças regionais. Dos que partiram para a América, poucos conheciam o Italiano oficial.”<sup>18</sup> Desta forma, os dialetos falados por esses imigrantes e seus descendentes nas colônias italianas do Vale do Itajaí, Vale do Rio Tijucas e Sul do Estado de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul - Vale dos Sinos e Serra Gaúcha - percorreram novo itinerário na migração interna do Brasil. Filhos, netos e bisnetos dos italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul e posteriormente colonizaram o Oeste e o Norte daquele Estado,

---

<sup>16</sup> MARQUES Agenor N. [s.d.] apud SERPA, Ivan Carlos. **Os Engenhos de Limeira, História e memória da imigração italiana no Vale do Itajaí**. Itajaí: Univali, 2000, p. 45.

<sup>17</sup> BOSO, Ivette Marli. **Noialtri chi parlen tuti en talian**. Trento: Museo Storico in Trento, 2002. p. 19. “Santa Catarina, a sua volta, presenta tre importanti aree con cospicua presenza dei dialetti italiani (una a nord-est, una a sud e un'altra ad ovest) separate l'una dall'altra e divise da zone linguistiche tedesche e luso-brasiliane”.

<sup>18</sup> SIMONI, Karine. **Sonhar, Viver, Recordar**: memórias dos nonos de Xavantina (1920- 1950). Florianópolis: Insular, 2002. p. 75.

seguindo em direção ao Oeste catarinense e Sudoeste do Paraná, entre outros locais, aonde ainda hoje temos vestígios da colonização italiana.

Um movimento a favor do Talian é feito pela Universidade de Caxias do Sul, onde a comunidade científica dá atenção a esta realidade linguística e social, existindo a preocupação em manter a cultura e também a língua<sup>19</sup> veneta. Já foram publicadas as seguintes obras: *Dialetos Italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul* (1983) de Vitalina M. Frosi e Ciro Mioranza e o *Dicionário Vêneto sul Riograndense/Português* de Alberto Vitor Stawinski. Também podemos encontrar a literatura do dialeto vêneto, bem como transmissões radiofônicas e artigos publicados em jornais.

Algumas pesquisas já foram feitas em relação aos dialetos italianos falados no estado catarinense, como teses e dissertações explorando outros aspectos voltados para a lingüística e cultura. Citamos como exemplo: *Leadade lingüística em Rodeio*, 1976 de Andrietta Lenard; *Marcas da História: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*, 2001 de Marizete B. Spessatto; *A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió*, 1985, de Fiorelo Zanella; *A (re)invenção da italianidade em Rodeio –SC*, 2003, de Janiane C. Dolzan.

Segundo Curi,

dois dialetos marcam forte presença em nosso Estado e no Sul do Brasil: o vêneto e o Trentino. O Vêneto tem força total no Rio Grande do Sul e apresenta escritores, textos em prosa e verso, uma gramática e sobretudo algumas teses de pós-graduação com trabalhos em fonética, morfologia e sintaxe. O Trentino, embora tenha também sido estudado sócio-linguisticamente é mais pobre nas publicações.<sup>20</sup>

No entanto, as gerações que ainda convivem com falantes dialetais, são poucos estimuladas a aprendê-lo. Assim, além de não vivenciar essa cultura tão particular que foi moldada ao longo dos anos, uma geração que deixar de aprender o dialeto interromperá o aprendizado e a vivência das gerações seguintes e poderá

<sup>19</sup> Segundo o estudioso Darcy Loss Luzzato o dialeto vêneto é considerado uma língua, pois possui uma estrutura gramatical. Referente ao assunto ver: LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vêneto Brasileiro)**. Porto Alegre: Sagra, 1994.

<sup>20</sup> CURI, José. (1994, p. 1-2) apud MENGARDA, Elias José. **Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense**. Florianópolis- 1996. 210 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.140.

se tornar agentes excludentes, por não entenderem a linguagem usada pelas pessoas de mais idade que têm dificuldade em se comunicar em Português.

Confortin ao fazer sua pesquisa na década de 90 declarava que,

até o momento, passados mais de 80 anos, na região do Alto Uruguai Gaúcho (norte do RS), as informações e conhecimentos sobre a língua e a cultura desses grupos são escassas restringindo-se, basicamente, a informações verbais: pouco existe registrado cientificamente sobre a tradição e os dialetos de tais grupos. Com o processo de contínua miscigenação e aculturação, os núcleos de heterogeneidade lingüístico-cultural tendem a desaparecer.<sup>21</sup>

Apesar de Corrêa afirmar “o imigrante europeu tem maior senso de preservação de sua história e cultura, buscando evitar o desaparecimento e a conseqüente perda de sua identidade,”<sup>22</sup> é necessário que surjam iniciativas, programas ou incentivos, que de alguma forma garantam o espaço, a preferência e o uso das línguas de imigração no meio social visando ao bem estar e à efetiva participação desses falantes.

A necessidade e a importância de existirem pesquisas voltadas aos dialetos italianos no Brasil, “deve-se aos fatores sócio-econômicos que tendem a diluir ou a absorver a realidade cultural e lingüística destes falantes.”<sup>23</sup>

Zanella pondera que o “dialeto trazido pelos antepassados no século passado passa hoje por uma fase de lento extermínio, motivado por fatores sócio-econômico-políticos.”<sup>24</sup>

Quanto à metodologia, a ferramenta utilizada é a história oral, que “é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à vida social de pessoas.”<sup>25</sup>

Assim, as entrevistas foram feitas com descendentes de italianos, conversas com pessoas que fazem parte de associações, radialistas, ou seja, pessoas que de

<sup>21</sup> CONFORTIN, Helena. **A faina lingüística**. Porto Alegre: Ed. EST: Erechim: URI.1998.p.16.

<sup>22</sup> CORRÊA, Isaque de Borba. **Dicionário catarinense**: tratado de dialetologia, falares, subfalares e expressões idiomáticas no estado barriga-verde. Florianópolis: Insular, 2000.p. 40.

<sup>23</sup> FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Dialetos Italianos**, um perfil dos Ítalo-Brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: Ed. Movimento,1983, p. 13.

<sup>24</sup> ZANELLA, Fiorelo. **A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió**. Florianópolis, 1985. 243 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. (resumo)

<sup>25</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola,1996, p. 13.

alguma forma têm envolvimento com os campos de pesquisa e com o tema em questão.

Dessa forma, como pontua Pollack

ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional.<sup>26</sup>

Nas entrevistas, para fazermos a análise histórica e sociolinguística, priorizamos as memórias dos entrevistados. Segundo Von Simpson “existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.”<sup>27</sup>

Muitas entrevistas no município de Concórdia não foram gravadas, pois percebíamos que o fato de gravar, além de inibir os entrevistados, fazia com que eles não nos oferecessem informações importantes. Já em Rodeio, as pessoas pareciam familiarizadas com o gravador, não se importavam. Interpretou-se essas circunstâncias da seguinte forma: em Rodeio, uma cidade menor, a proximidade com a Itália e também a festa do centenário em 1975, “permitem” que as pessoas se refiram ao dialeto, sem ressalvas. Já Concórdia é uma cidade maior, não possui vínculos diretos e constantes com a Itália. Assim, os entrevistados apresentavam uma certa desconfiança ao serem solicitados para falar sobre o Talian.

Esse “desconforto” também foi sentido por Paulo Bernardi, ao fazer sua pesquisa de doutoramento em uma comunidade do interior do município de Concórdia. Assim ele descreve: “Quando comecei a detalhar informações sobre a pesquisa que pretendia realizar em Lageado dos Pintos ao administrador do Centro Comunitário daquela localidade, Jacinto Stedile, eis que, em tom jocoso em língua taliana,<sup>28</sup> lançou-me duas perguntas fulminantes: *Parche sito drio far ste cose? Zelo par el governo ?*<sup>29</sup>

<sup>26</sup> POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/comum/htm](http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm) acesso em: 15/10/2008.

<sup>27</sup> VON SIMPSON, Olga Rodrigues de Moraes. **O Direito à memória**. Centro de Memória Unicamp e o projeto de construção, manutenção e divulgação da memória de Campinas e região. p.1.

<sup>28</sup> Taliana faz referência à língua Talian, falada na região Oeste Catarinense.

<sup>29</sup> “Porque estás fazendo estas coisas (estas pesquisas)? São para o governo?” Entendemos que isso seja resquício do tempo do Estado Novo em que língua foi proibida.

Andrieta Lenard, em sua dissertação datada de 1976, constatou que em “Rodeio, se manifesta uma tendência no sentido de se conservarem o dialeto Trentino e o Português, sem o prejuízo de nenhum deles”.<sup>30</sup> Hoje, três décadas depois pode-se verificar qual é a atual situação, traçando sempre que possíveis paralelos entre ambas as línguas de migração.

Quando é feita referência a falantes dialetais ou do Talian, muitos dos entrevistados têm o dialeto como língua materna. Muitos sujeitos de pesquisa, com idade acima de 60 anos são os que utilizam mais a língua de imigração.

Edward Thompson considerou importante a

lembranças dos mais velhos, pois nelas estão as crenças não escritas, normas sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento. Essa área é a mais difícil de recuperar, precisamente porque só pertence à prática e à tradição oral.<sup>31</sup>

Outro aspecto importante que faz parte da pesquisa é o fato que “os valores por eles vividos nem sempre são entendidos por aqueles que os sucedem. Deixados de lado, eles não podem mais ensinar aquilo que levaram uma vida inteira para aprender. Num mundo regido pelo capitalismo, não conseguem mais produzir economicamente em grande escala e a sua sabedoria deixa de ter sentido. Não raras vezes, a sociedade acaba por excluí-los porque seus passos já não andam na mesma velocidade do passado”.<sup>32</sup>

Segundo Simoni, “as brincadeiras, os jogos, os cantos e as danças alegres de outrora podem chegar até nós através da conversa com uma pessoa anciã. É ela quem traz de volta o tempo que passou a aqueles elementos que, quando os perdemos, nos fazem diminuir”.<sup>33</sup>

De acordo com Meihy, “trabalhos de história oral registram a trajetória de pessoas idosas e, por meio delas recompõem aspectos da vida individual, do grupo em que estão inseridas e da conjuntura que os acolhe (...)”.<sup>34</sup>

A opção pelo uso da história oral, deve-se, principalmente porque:

---

<sup>30</sup> LENARD, Andrieta. **Lealdade Lingüística em Rodeio (SC)**. Florianópolis, 1976. 279 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1976. (Resumo.)

<sup>31</sup> THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. 1998, p.88.

<sup>32</sup> SIMONI, op. cit., p. 20.

<sup>33</sup> Idem. p. 74.

<sup>34</sup> MEIHY, op. cit., p. 9.

(...) a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da História oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência história e a sentirem-se parte do contexto em que vivem.<sup>35</sup>

Procurou-se entender a realidade lingüística do campo de pesquisa, a partir de sujeitos que não tinham filhos e/ou netos estudando a língua italiana *standard* na rede pública de ensino e também por sujeitos que convivam com essa realidade, para perceber dessa forma se há ou não conflitos lingüísticos/culturais neste cenário, pois como nos afirma Paulo Freire (1975 p.119) “(...) a investigação do pensar do povo, não pode ser feita sem ele, mas com ele, sendo ele sujeito de seu pensar.”

Dalfovo declara que a presente pesquisa, contribui

no sentido de derrubar preconceitos e de resgatar uma cultura das muitas brasileiras, dentro da temática intercultural é de tamanha relevância, pois investiga uma língua/dialeto que carrega uma cultura e que tenta sobreviver no espaço e no tempo e dessa forma, contribuiu para a afirmação da diversidade cultural do ser humano. Sendo assim, vai de encontro ao discurso neo-liberal, que nos muitos dos seus discursos e mitos quer incutir em nossas mentes, que a diversidade cultural humana acaba com a chamada globalização.<sup>36</sup>

Com o intuito de oportunizar essa minoria lingüística, procurou-se ouvir a opinião de cada pessoa que foi entrevistada, e/ou a partir de conversas informais, apreender e registrar aspectos culturais e sociais de seu grupo. Podendo dessa forma compreender a realidade e, a partir desse estudo, abrir caminho para futuros pesquisadores.

Em contrapartida, essa pesquisa voltou seu olhar e procurou dar voz ao falante dialetal Italiano, debruçando-se o estudo, para o aspecto social, pois se caracteriza como uma minoria lingüística e, por isso, sujeita a todo e qualquer tipo de discriminação e repulsa, típicas do ser humano diante das diferenças conforme citado acima.

De acordo com Eric Hobsbawm “mais uma vez, ‘a nação’, ou o grupo étnico, ‘aparece como a garantia última’ quando a sociedade fracassa. Não se tem que

<sup>35</sup> MEIHY, op.cit., p.10.

<sup>36</sup> DALFOVO, Wladson. Parecer sobre o projeto, resultante da disciplina Seminário de Dissertação I referente ao semestre 2007/1.

fazer nada para pertencer a ela. Não se pode ser expulso. Nasce-se e se permanece nela.<sup>37</sup> e o argumento de Eugene Roosens, declara “afinal, ninguém pode modificar o ‘passado’ do qual descende, e ninguém pode deixar de ser quem é.”<sup>38</sup>

A estrutura da dissertação dá-se da seguinte forma: no capítulo inicial aborda-se a política de imigração ocorrida no Brasil, tendo como foco a vinda do imigrante italiano passando pela formação da nação e da identidade brasileira, finalizando com a presença das línguas de imigração que dividem o espaço com a Língua portuguesa.

O segundo capítulo se ocupa da realidade linguística da cidade de Rodeio, um dos campos de pesquisa. Faz-se a análise da relação entre o dialeto Trentino e o Italiano *standard*, traçando uma linha temporal, desde a época das escolas paroquiais até hoje, com a obrigatoriedade do ensino do Italiano *standard* na rede municipal. E a relação entre ambos e os três momentos significativos para o dialeto Trentino identificados a partir da história local.

No terceiro e último capítulo faz-se a análise a partir do segundo campo de pesquisa, analisando a trajetória do Talian em Concórdia ao longo da história, relacionando-a com o presente ensino da língua italiana *standard* na rede municipal de ensino.

Utilizou-se de referência bibliográfica sobre o tema de pesquisa e assuntos relacionados a esse, bem como de fontes orais. Foram ao todo 16 entrevistas registradas, mais duas entrevistas gentilmente cedidas por Tereza Adami Tanaka, e uma entrevista que pertence ao Museu Hermano Zanoni di Concórdia e mais 23 entrevistas/conversas sem registros.

---

<sup>37</sup> HOBBSAWM, Eric. Etnia e Nacionalismo na Europa de hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 282.

<sup>38</sup> ROOSENS, Eugene (1989.p 16). apud Hobsbawm,op.cit., p. 282.

## CAPÍTULO I

### Línguas de imigração italiana como veículos de comunicação no processo de imigração e nas construções sócio-culturais

*“Tratar da língua é tratar de um tema político, já que também é tratar de seres humanos.”*<sup>39</sup>

A Constituição Brasileira de 1988 declara no Título II, capítulo III sobre a nacionalidade, art. 13 que “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.”<sup>40</sup> A partir disso “a concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a língua portuguesa. Ser brasileiro e falar o Português (do Brasil) são sinônimos.”<sup>41</sup>

Porém, Morello e Oliveira (2003) a respeito da diversidade lingüística brasileira fornecem importantes dados afirmando que,

são faladas cerca de 210 línguas por cerca de um milhão e meio de cidadãos brasileiros que não têm o Português como língua materna, e que nem por isso são menos brasileiros. Cerca de 190 línguas são autóctones, isto é, línguas indígenas de vários troncos lingüísticos, como o Apurinã, o Xoklêng, o latê, e cerca de 20 são línguas alóctones, isto é, de imigração, que compartilham nosso devir nacional ao lado das línguas indígenas e da língua oficial há 200 anos, como é o caso do Alemão, do Italiano, do Japonês.<sup>42</sup>

Oliveira assegura que no caso brasileiro produziu-se o conhecimento de que aqui, “se fala o Português, e o ‘desconhecimento’ de que muitas outras línguas foram e são igualmente faladas” e questiona: “trata-se de preconceito, de desconhecimento da realidade, ou antes, de um projeto político - intencional, portanto - de construir um país monolíngüe?”<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola 2002. p.9.

<sup>40</sup> **BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 53/2006 e pelas emendas Constitucionais de revisão nº 1 a 6/94.- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2007. p. 22.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. apud SILVA, Fabio Lopes da. MOURA, Heronides Maurílio de Melo. (Orgs). **O Direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 83.

<sup>42</sup> MORELLO, Rosângela; OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **Uma política patrimonial e de registro para as línguas brasileiras**. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia> acesso em: 02/12/2007.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, Gilvan Muller. op. cit., 2002, p. 83.

O objetivo aqui é analisar o Talian e o dialeto Trentino presentes no estado de Santa Catarina, verificando como elas se configuraram ao longo dos anos, desde o momento de sua chegada em solo brasileiro e catarinense, até os dias atuais.

## 1. O imigrante italiano na política imigrantista no Brasil.

Vários fatores contribuíram para que as lideranças políticas brasileiras começassem a pensar em alternativas para suprir a falta de mão de obra escrava que começava a decrescer.

Segundo José de Souza Martins a política imigrantista da segunda metade do século XIX estava

diretamente ligada à constituição de um mercado livre de trabalho para a grande lavoura, (...) que a passagem do trabalho escravo para o livre ocorreu de uma forma particular de exploração do trabalho: o colonato. Essa forma de trabalho combinou a produção da mercadoria de exportação (café) e a produção direta dos meios de vida necessários à reprodução do próprio trabalhador e sua família.<sup>44</sup>

A implantação dos sistemas de colonato e de parcerias,<sup>45</sup> fazendo apropriação da mais-valia, era conveniente para o fazendeiro, pois desta forma o imigrante não se sentiria explorado, uma vez que além de trabalhar na fazenda, poderia trabalhar para si, plantando gêneros de subsistência que poderiam ser comercializados e, com os lucros obtidos manter uma poupança, alimentando aí, a ideia de que através do trabalho poderia também adquirir uma propriedade.

Então, visando solucionar o problema da carência de mão-de-obra no Brasil, “rearticulam-se, as relações de dominação, concomitantemente, às novas formas de relações de trabalho, sob o manto da proposta democrática,”<sup>46</sup> passam a ser alvos

---

<sup>44</sup> José de Souza Martins apud SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a sociedade civilizada**. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 23.

<sup>45</sup> Quanto ao sistema de parceria, a situação do colono dentro da cafeicultura não sofre nenhuma alteração em relação ao período escravagista. Os colonos continuam sem ter oportunidades de ganho suplementar; metade no mínimo, da renda líquida anual dos imigrantes era destinada a suprir suas dívidas; e quando não conseguiam saldar suas dívidas, ficavam submetidos aos fazendeiros pelos contratos, como se fossem escravos. Tal sistema beneficiava apenas os proprietários das fazendas apud BARZOTTO, Salete Scheila. **Colonização em Videira: alemães versus italianos**. Caçador, 2005. 57 p. Trabalho de conclusão de curso -TCC - (Graduação em História) Universidade do Contestado, Caçador. p. 17-18.

<sup>46</sup> SALLES, op. cit., p.79.

da política imigrantista “os pobres, os rejeitados, os industriais da Europa,”<sup>47</sup> pessoas que perderam seus bens e meios de trabalho em virtude do desenvolvimento do capitalismo. Estes seriam ‘o trabalhador ideal’ para a burguesia brasileira, pois sob a promessa de enriquecimento e condições melhores de vida, seria fácil mantê-los no trabalho das lavouras uma vez que o retorno para a terra de origem passaria a ser uma possibilidade remota. Se o imigrante tivesse família, teria a concessão de alguns favores, pois famílias representam garantias de estabilidade, uma vez que o sustento da prole estaria sob sua responsabilidade.

Segundo Salles, o imigrante preferido por apresentar “qualidades de bom trabalhador, morigerado, obediente era o italiano, proveniente de regiões rurais e, que eram habituados à agricultura, vindo, portanto, ao encontro das condições da economia cafeeira.”<sup>48</sup> E segundo Rogato

o mesmo ideário que associava o negro, o índio e mesmo o trabalhador branco nacional à indolência e à preguiça, via o italiano como imigrante por excelência: branco, europeu, latino, católico, e acima de tudo era gente *frugal, dócil e trabalhadora*.<sup>49</sup>

Segundo Santos, no contrato Caetano Pinto de 1874, assinado entre o governo Imperial brasileiro e o empresário Caetano Pinto Júnior, deixa claro que os imigrantes que deveriam vir ao Brasil deveriam ser “alemães, austríacos, suíços, italianos do norte, bascos, belgas, suecos, dinamarqueses e franceses.”<sup>50</sup> Neste contrato Caetano Pinto se compromete em um prazo de 10 anos trazer para o solo brasileiro, 100.000 imigrantes europeus.

Em carta, o próprio Caetano Pinto<sup>51</sup> endereçada ao governo do império brasileiro, reforça as afirmações feitas acima, “tenho recusado, quase em absoluto, aceitar (*sic*) imigrantes (*sic*) solteiros, tendo expedido quase que exclusivamente

---

<sup>47</sup> BETHELL, Leslie (Org). **História da América Latina: da Independência até 1870**. São Paulo: Imprensa oficial/EDUSP/FAG, 2001, p. 704.

<sup>48</sup> SALLES, op.cit., p.112.

<sup>49</sup> ROGATTO, Geraldo Matheus. Achiropita, Fettuccine e Vinho: sobre a italianidade e a colônia italiana de São Paulo. apud DE BONI, Luis A. (Org) **A presença italiana no Brasil**. v. II. Porto Alegre;Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.p. 413.

<sup>50</sup> SANTOS, Roselys Correa dos. O país da Cocanha: emigração italiana e imaginário apud FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis Mover/ NUP/UFSC,1998. p. 74-75.

<sup>51</sup> Para conhecer o contrato Caetano Pinto na íntegra ver: PIAZZA, Walter F. **A Colonização Italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC- Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A., 1976. p. 53/57.

famílias e estas escolhidas e procedenciais notoriamente conhecidas, de gente pacífica, laboriosa e morigerada.”<sup>52</sup>

De acordo com Angelo Trento “entre 1887 e 1902, os italianos constituíram 60% do total dos imigrantes recebidos pelo Brasil. Segundo ele, as estatísticas brasileiras entre os anos de 1836 a 1902, o total de imigrantes italianos era de 1.129.265.”<sup>53</sup> Com esse dado temos noção de quantos se aventuraram em função das promessas do governo brasileiro.

Analisando a situação da época, houveram alguns fatores que contribuíram para a vinda maciça de italianos para o Brasil. De um lado do Atlântico temos a burguesia brasileira que acredita ser o italiano, o imigrante ideal, e do outro lado, os italianos que às más condições de vida na Itália os estimulavam a vir tentar melhor sorte no Brasil.

Após a unificação italiana, as dificuldades no país aumentaram, fazendo com que os italianos buscassem novas alternativas para não morrerem de fome. Porém não sabiam eles que “*oltremare*” se deparariam com novas dificuldades, que o país da *cucanha*<sup>54</sup> era até o momento, o país da escravidão. Seriam os imigrantes, novas marionetes nas mãos dos governantes do país, a manipulá-los de acordo com o seu interesse e jogo de poder. Esses imigrantes “eram vistos, no entanto, como úteis em função do trabalho,”<sup>55</sup> pois “famílias de 4 a 6 pessoas trabalhavam por 8 a 16 escravos.”<sup>56</sup>

Segundo Roselys Corrêa dos Santos (1998, p.73) o mito do país da *cucanha* pode ser considerado como uma epopéia paródica, comum na Idade Média. Ginsburg adverte que o país da *cucanha* ganhou várias versões, sendo “provavelmente exagero da imagem já mítica, que os primeiros viajantes forneceram

<sup>52</sup> SANTOS, Roselys Corrêa dos. op. cit.,1998. p.72.

<sup>53</sup> TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.** Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Uma Brandão- São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro,1988. p. 34. SANTOS, apresenta que a o número de 1.277.040 italianos entraram no Brasil entre 1820 a 1908. Lesser, por sua vez, mostra outros dados. Segundo ele, entre os anos de 1880-1969 entraram no Brasil, 1.576.220 italianos.

<sup>54</sup> Em relação à palavra *cucanha*, encontramos variações. Santos usa *cocanha*, Curi usa *cucanha*, Aquiles Bernardi usa *cuccagna*. Radin, *cucagna*. Utilizar-se-á nesse estudo o termo *cucanha* adotado por Curi.

<sup>55</sup> KLUG, João. A imigração alemã no sul do Brasil. apud WEHR, Ingrid (ed) **Un continente en movimiento:** migraciones em América Latina. Barcelona/Frankfurt:Iberoamericana/Verwuert, 2006. p. 340.

<sup>56</sup> TRAMONTINI, 2000, p. 109, apud KLUG, João. op. cit., p. 340..

das terras descobertas além do Oceano e de seus habitantes.”<sup>57</sup> Dessa forma serviram, sobretudo, para confirmar a crença já presente no imaginário das pessoas, e reforçar a ideia da real existência desse mundo, saindo, portanto do campo ilusório.

Sendo, portanto, a abundância a principal característica deste país imaginário, esse mito foi utilizado, pois representava justamente a contraposição à miséria constante vivida pelos camponeses. Outros elementos completam esse país imaginário, como a inexistência do trabalho e da propriedade, onde

Todos têm o que querem facilmente  
e quem pensasse em trabalhar  
Pra força iria e o céu não salva...  
Lá não há camponês sem cidadão  
Todos são ricos, têm o que desejam...<sup>58</sup>

Os portugueses por sua vez, fizeram uso desse mito quando descreviam as terras brasileiras como sendo o paraíso terrestre. Já no caso específico dos imigrantes italianos, foi utilizada a venda do mito do *país da cucanha* uma vez que, como afirma Santos, este já estava sedimentado no imaginário popular dos camponeses do Norte da Itália. Então os propagandistas da imigração a utilizaram para difundir e convencer a vinda desses italianos para o novo mundo.

Segundo Dall’Alba os folhetos de propaganda utilizados para atrair os imigrantes ofereciam “fortunas à flor da terra, facilidades impossíveis, que atraíam milhares de incautos, transformando-os em desiludidos e revoltados ao encontrar a realidade em toda a sua crueza.”<sup>59</sup>

Neste contexto a maioria os imigrantes que vieram para o Brasil foram trazidos sob pretextos idealizados, através da propaganda de um país do futuro, promissor e moderno.

Quando os imigrantes aqui chegavam percebiam que nem tudo que haviam ouvido a respeito do país era verdade ao se depararem com uma realidade diferente

---

<sup>57</sup> GINSBURG, Carlo. O queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 apud SANTOS, Roselys Corrêa dos. **A terra Prometida: emigração Italiana mito e realidade.** 2ª ed. Itajaí: Univali, 1999. p. 143.

<sup>58</sup> SANTOS, Roselys Corrêa dos. op. cit., 1998. p. 73.

<sup>59</sup> DALL’ALBA, João Leonir. **Imigração Italiana em Santa Catarina.** EDUCS: Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Florianópolis: Lunardelli.1983 p. 116.

daquela descrita nos folhetos, volantes, poesias, artigos e livros sobre o Brasil. Como constata Piero Brunello (1998):

os folders e os “volantes”(…) nunca aludem à presença de índios nas florestas brasileiras. Não falam nem mesmo de florestas. Posto que deviam convencer os camponeses a deixar tudo e atravessar o oceano, tinham os seus motivos para não falar sobre isso. Exaltam colheitas férteis e terras luxuriantes. A única referência às florestas era a garantia de que o colono encontraria madeira gratuita e em grande quantidade.<sup>60</sup>

As pessoas que deixavam a Itália traziam consigo a esperança de “*far la mérica*” sua cultura e sua língua – a maioria das vezes a única forma de comunicação conhecida por eles - denominada aqui no Brasil, sob a ótica linguística, dialeto.

Porém

ao deslocar-se para outro país, o imigrante defronta-se com outra cultura, com uma língua desconhecida, e seus referenciais simbólicos (gestados no seu lugar de origem apresentam-se limitados para interpretar regras, hábitos e comportamentos de uma sociedade diferente da sua.<sup>61</sup>

A dificuldade de comunicação foi o grande obstáculo encontrado pelos imigrantes, em solo brasileiro. Segundo Luzzatto, no Rio Grande do Sul, as famílias eram “distribuídas” ao acaso, não foi respeitada a origem de cada uma. Assim, por exemplo, uma família oriunda da região do Trentino Alto Ádige tinha como vizinho um friulano, sendo que cada um falava seu respectivo dialeto e desta situação, diante da necessidade da comunicação, surge uma língua ou uma *coiné*,<sup>62</sup> muito mais veneta do que lombarda ou friulana. A predominância veneta se justifica porque a língua veneta já era conhecida pela maioria dos imigrantes, devido à abrangência da Sereníssima República de Veneza.<sup>63</sup>

<sup>60</sup> BRUNELLO, Piero. Índios e colonos italianos no sul do Brasil. apud FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. 1998. Florianópolis Mover/ NUP/UFSC, p.100.

<sup>61</sup> SANTOS, Gislene A. dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. apud DIAS, Leila C.; SILVEIRA, Rogério L.L. (Orgs) **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.p. 56.

<sup>62</sup> Segundo o dicionário Aurélio Online, *coiné* significa código resultante do contato entre línguas muito semelhantes, ou entre subsistemas de uma mesma língua.

<sup>63</sup> O ano de 697 foi muito importante para a história de Veneza, porque Paolo Lucio Anafesto se tornou o “*capo*” da cidade, sendo o primeiro a ser eleito pelas pessoas, e assim a cidade começou rapidamente a desenvolver-se. Mas é depois de 1220 que chegam as conquistas, e com elas a guerra, porque os venezianos lutavam contra Gênova pelo mar e contra Verona pela terra. Luzzatto informa que em 1420 os seus domínios da Sereníssima República de Veneza iam de Adda situada em Lombardia até a cidade de Udine na região de Friuli-Venezia-Giulia, e no fim do século XV, já dominava o mar Adriático e o comércio das especiarias, a Sereníssima se transforma em um país rico

Como mencionado anteriormente, os imigrantes não recebiam informações precisas sobre a realidade do Brasil, pois o que sabiam sobre o país era por meio de “atravessadores” ou via circulação de textos enviados do Brasil para a publicação em jornais italianos, geralmente com os seguintes dizeres:

esperando que o Senhor conceda saúde, para um que tem boa **vontade de trabalhar** e fazer economia de seu dinheiro, aqui não há o que temer, nem a fome, nem o ‘birro’(fiscal). Devagar corta **o bosque** na sua colônia (...) a selva no meio do vale cai sob o machado. <sup>64</sup> (grifo nosso)

Diante do exposto, atentamos às palavras como: boa vontade de trabalhar, ou seja, trabalhador e que fazendo economia, poderiam com o passar do tempo, adquirir uma propriedade, isso dentro da realidade paulista. Assegurando a promessa da propriedade, principal motivação para os imigrantes italianos, tendo em vista que haviam perdido tudo em sua terra natal. De acordo com Gramsci, em “relação aos italianos, também, parece estar inerente aos migrantes, a ideia de que a propriedade privada da terra é condição *sine qua non* de realização pessoal e familiar.” <sup>65</sup>

Gramsci defende ainda que “o direito de propriedade da terra e de seus frutos é intensamente sentido pelo camponês italiano.” <sup>66</sup> Nesse caso, as afirmativas acima justificam o sucesso da propaganda feita para atrair os imigrantes.

Ressaltamos que a imigração que foi direcionada para o Sul do Brasil - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - teve outros interesses. Enquanto no sudeste, o imigrante era visto como substituição de mão-de-obra, no sul o seu objetivo era o de povoar as províncias, “não só para incrementar a renda nacional, mas por razões de caráter político-militar, pois se tratava de áreas de fronteira e, portanto, sujeitas a influências e pressões de países limítrofes, como Uruguai e Argentina.” <sup>67</sup>

O governo brasileiro incentivava os imigrantes para que se deslocassem para o sul. De acordo com Trento, era atribuído aos imigrantes com suas famílias, um lote

---

e livre. A maneira de falar das pessoas deste território república ganha status de língua. Esta era falada e também escrita não somente nas regiões ocupadas pelo Vêneto, mas também na Lombardia, em quase todo o território Trentino, no Friuli-Venezia-Giulia, na Dalmácia, ao longo do Adriático nos portos do Mediterrâneo e no Mar Negro.

<sup>64</sup> SANTOS, Roselys Correa dos. 1999. op. cit., p. 81.

<sup>65</sup> GREGORY, op.cit., p. 48.

<sup>66</sup> GRAMSCI (1979, p.100) apud GREGORY op. cit., p. 48.

<sup>67</sup> TRENTO, Angelo. op. cit. p. 77.

de terra, que deveria ser pago em cinco prestações anuais, incluindo os juros, a partir do segundo ano de localização, ou seja, depois da primeira colheita.<sup>68</sup>

Dos imigrantes italianos que foram para o estado do Rio Grande do Sul, 95% eram provenientes do chamado Trivêneto composto pelo: Vêneto, Trentino Alto Ádige, Friuli Venezia Giulia e também alguns oriundos da Lombardia. “Destes, mais de 60% tinham língua e cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o Vêneto.”<sup>69</sup>

## 2. A “criação” de um povo - processo de nacionalização dos estrangeiros para a formação da identidade brasileira (1937-1945).

Sobre o surgimento do nacionalismo Possamai afirma que

entre os romanos, o termo *natio*, tal como *gens*, entediavam-se como referência a grupos ou comunidades de pessoas de ascendência comum, ainda não integradas na forma política do Estado, mas que se mantinham unidas simplesmente por sua localização e por língua, costumes e tradições comuns.<sup>70</sup>

Possamai argumenta ainda que o “ressurgimento do sentimento de nacional estava então estreitamente relacionado à língua (...) era, pois a língua o elemento que formava as nações.”<sup>71</sup>

O autor lembra que “mesmo com o desenvolvimento da colonização, para os funcionários coloniais, o Brasil tinha uma população, mas não tinha um “povo” que devesse ser representado na metrópole.”<sup>72</sup>

Dentro dessa concepção, o Brasil estava longe de ser uma nação, pois um mesmo espaço era dividido por diversas etnias<sup>73</sup>, conseqüentemente com suas línguas, costumes, tradições. Portanto, cada uma com sua cultura. Era formado por uma diversidade de etnias, as quais faltava dividirem a mesma língua.

<sup>68</sup> Para saber mais sobre o assunto ver: TRENTO, Angelo. op. cit., p. 78

<sup>69</sup> LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian** (Vêneto brasileiro). Porto Alegre: ed. Sagra, 1994. p. 21.

<sup>70</sup> POSSAMAI, Paulo. “**Dall’Italia siamo partiti**”: a questão da identidade dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005. p. 20.

<sup>71</sup> Id., 2005. p. 22

<sup>72</sup> Ibid., p. 44.

<sup>73</sup> De acordo com Hobsbawn, a “etnia, seja qual for a base, é um modo prontamente definível de expressar um sentimento real de identidade grupal que liga os membros do “nós” por enfatizar suas diferenças em relação a “eles”. Apud BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 274.

No intuito de solucionar o “problema” <sup>74</sup> da diversidade lingüística, segundo o Grupo de Trabalho da Diversidade Lingüística do Brasil (GTDL):

a política lingüística principal do Estado sempre foi a de *reduzir* o número de línguas, num processo de *glotocídio* (eliminação de línguas) através de *deslocamento lingüístico*, isto é de sua substituição pela língua portuguesa. Somente na primeira metade do século XX, segundo Darcy Ribeiro, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil – mais de uma por ano, portanto (Rodrigues, 1993:23). Das cerca de 1.078 línguas indígenas faladas em 1500, ficamos com aproximadamente 180 em 2000 (um decréscimo de 85%) e várias destas 180 encontram-se em estado avançado de desaparecimento, caracterizando uma verdadeira catástrofe cultural, já que a extinção de língua acarreta a perda de conhecimentos milenares ou centenários produzidos pela cultura do respectivo povo. <sup>75</sup>

Línguas maternas de outros povos que compõem a população brasileira foram alvo dessa política de extinção de idiomas. Por isso que esse Grupo de Trabalho mencionado vem atuando pela preservação desses depositórios culturais, incluindo as línguas de comunidades afro-brasileiras. Segundo o GTDL,

o desaparecimento das línguas africanas no Brasil, o maior pólo escravocrata do mundo na era moderna, relaciona-se com a eliminação física dos próprios escravos, sua vida relativamente curta nas cruéis condições das fazendas, a dificuldade que tiveram em se estabelecer como comunidades e de constituir famílias. Relaciona-se também com a suma desvalorização, por parte dos segmentos do governo e da sociedade, de tudo o que se relacionava com a cultura dos escravos. Apesar disso, os quilombos nos dão mostras de grande vitalidade e originalidade lingüísticas, ainda muito pouco estudadas. <sup>76</sup>

Foi a partir da política de nacionalização que todas as pessoas que não fossem brasileiras passaram a representar um perigo ao projeto de nação que se queria construir e, portanto, essas deveriam se adequar às exigências impostas.

Conforme Luzzatto, a situação se agravou depois que o Brasil, em 1942, declarou guerra aos países do Eixo: - Itália, Alemanha e Japão - proibindo o uso dos dialetos originários desses países. Houve então a junção da ameaça que o imigrante representava com o ideal de nacionalismo que se queria implantar no país.

---

<sup>74</sup> Em outros países o conhecimento de várias línguas aumenta o valor cultural do povo e conseqüentemente do país. Já no Brasil, a existência da diversidade lingüística gerou problemas e ainda gera preconceitos e intolerância tanto dentro da sala de aula como fora dela. Existe, portanto, grupos que estão lutando para que aja no Brasil uma política lingüística consciente que possa garantir a respeitabilidade a essas línguas e seus falantes.

<sup>75</sup> Lingüística do Brasil. Grupo de Trabalho da Diversidade Lingüística do Brasil (GTDL) **Relatório de atividades. (2006-2007)**. op. cit., 2007. p. 3.

O GTDL foi instituído com o objetivo de propor políticas públicas voltadas ao reconhecimento e promoção do multilinguismo do país.

<sup>76</sup> Id., 2007. p. 4.

Os imigrantes e seus descendentes passaram por períodos difíceis quando “o Brasil rompeu relações democráticas com os países do Eixo. Até “maio de 1945, as ações governamentais estavam voltadas contra ‘os perigos’, representados na imagem do estrangeiro ou de pessoas de descendência dos países ligados ao Eixo.”<sup>77</sup>

Houve a junção da ameaça que o imigrante representava com o ideal de nacionalismo que se queria implantar no Brasil. Dessa forma a

Secretaria de Segurança Pública fez circular um Edital, no dia 28 de janeiro de 1942, tornando público, entre outras proibições (...) que os estrangeiros naturais dos países Itália, Alemanha e Japão: “Ficam proibidos, a contar desta data, os hinos, cantos e saudações que lhes sejam peculiares, bem como o uso dos idiomas dos países acima apontados.”<sup>78</sup>

Assim, a partir dessa publicação fica expressamente proibido do uso dessas línguas, “sob risco de duras penas.”<sup>79</sup> A resolução atingiu um considerável contingente de pessoas e deixou profundas marcas, tanto é que as conseqüências são percebidas ainda hoje, passando a ser um fator determinante para a manutenção e sobrevivência das línguas de imigração aqui estudadas.

Segundo Fiori,

dados do Censo Brasileiro de 1940 era então expressivo o número de brasileiros natos que utilizavam um idioma estrangeiro como forma principal de comunicação, na vida do lar. Em âmbito de Brasil, o idioma Alemão e Italiano eram os mais falados por brasileiros natos: 644.255 falavam a língua alemã e 458.093 empregavam o idioma Italiano (...) e em Santa Catarina 95.602 brasileiros natos falavam o Italiano, ao vivenciar a vida familiar.<sup>80</sup>

A medida adotada pelo governo reforçou também a política de “nacionalização forçada”<sup>81</sup> dos estrangeiros que adotaram o Brasil como segunda pátria.

Os descendentes destas etnias passaram a sofrer repressões, perseguições, corriam o risco de serem considerados traidores e, por fim muitos foram presos:

<sup>77</sup> FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Itajaí: Univali; Florianópolis: UFSC. 2004. p. 42.

<sup>78</sup> Ibid., p.97.

<sup>79</sup> Para saber mais ver: FÁVERI, op. cit., 2002.

<sup>80</sup> FIORI, Neide Almeida. **Rumos do nacionalismo brasileiro nos tempos da Segunda Guerra Mundial**: o “nacional” e as minorias étnicas “inimigas”. Apud Natureza, história e Cultura, Repensando o Brasil. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.p.137.

<sup>81</sup> FIORI, Neide Almeida. (Org) **Etnia e educação**: a escola alemã do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis/Tubarão: UFSC; Unisul, 2003. p.15.

entre 27 de janeiro de 1942 e 27 de janeiro de 1943, foram realizadas 1.227 detenções e abertos 27 inquéritos por reincidência do uso do idioma Alemão ou Italiano, em Santa Catarina (...) detenções feitas em Blumenau, Joinville, Hamônia, São Bento do Sul, Jaraguá do Sul e Rodeio.<sup>82</sup>

De acordo com Fiori o “censo de 1940 levantou dados preocupantes, sobre o número de brasileiros natos que utilizavam um idioma estrangeiro como principal forma de comunicação, na vida do lar.”<sup>83</sup>

Segundo Carvalho de Oliveira autor da tese *Alfabetização e Nacionalização do Colono no Brasil*, declara que o maior problema nacional era a alfabetização e nacionalização do estrangeiro, porém, o Brasil necessitava de colonos para povoar as terras, de braços para as cultivar e escolas, de muitas escolas não somente para educar a inteligência, mas também o caráter.<sup>84</sup> Portanto colonização e educação eram dois problemas que afligiam o Brasil.

A vinda do imigrante e a colonização eram necessidades do Brasil, mas, por outro lado, representavam também ameaças para a nacionalidade brasileira que se queria construir, pois cada imigrante trazia consigo sua língua, seus costumes e conhecimentos e isso poderia gerar o desagregamento nacional.

Para favorecer a unidade nacional e afastar o fantasma do possível desagregamento era preciso investir nas futuras gerações, educar os filhos dos imigrantes, uma vez que educar os imigrantes adultos seria muito difícil e pouco profícuo.

Por isso, o professor Carvalho de Oliveira sugere na I Conferência Nacional de Educação, que os dirigentes do país deveriam defender e garantir a nacionalização do ensino primário, atingindo assim todos os filhos de imigrantes, bem como proibir que professores particulares estrangeiros lecionassem nas colônias e núcleos federais.

Ainda segundo Carvalho, o analfabetismo passava a ser a marca da inaptidão para o progresso e só resolvendo esse problema é que o Brasil poderia “assimilar o

---

<sup>82</sup> Id., 2004, p. 96 e 97. A cidade de Hamônia hoje se chama Ibirama (SC).

<sup>83</sup> FIORI, Neide Almeida. **Homogeneidade Cultural Brasileira**: estratégias governamentais sob o Estado Novo apud ADORNO, Sérgio (Org) **A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade. 1995, p.18

<sup>84</sup> OLIVEIRA, Acrísio Carvalho de. Apud COSTA, Maria José Franco Ferreira da. *et al* (Orgs). **I Conferência Brasileira de Educação**. MEC-SEDIAAE/INEP-IPARDES. Brasília, 1997. Tese nº 29 p.162.

estrangeiro que aqui se instalou em busca da fortuna esquiua.”<sup>85</sup> Era preciso que o Brasil assimilasse o estrangeiro, ou dentro de algumas gerações o Brasil seria por ele absorvido.

No caso das colônias italianas, especificamente em Santa Catarina, o projeto de nacionalização também deveria atingir as escolas criadas pelos imigrantes, que se constituíam de “um quadro negro, bancos feitos de tábuas serradas à mão, um mapa da Itália e um crucifixo.”<sup>86</sup>

As escolas existentes nas colônias e mantidas pelos imigrantes eram motivo de preocupação para o governo brasileiro. Segundo Fiori,

nessas escolas, especialmente nos primeiros tempos, no currículo, nos livros escolares, a língua predominante era a da comunidade local – o idioma do imigrante; e os valores transmitidos na socialização básica, familiar e escolar estavam impregnados de “italianidade e de “germanidade”, pois o contato desses grupos com a sociedade nacional era mínimo.<sup>87</sup>

De acordo com Vicenzi, os professores, na maioria das vezes, eram as pessoas mais cultas de cada colônia e conduziam suas aulas no único idioma que conheciam. Nas colônias italianas, por exemplo, nas aulas de geografia era utilizado o mapa italiano e ensinavam como se ainda estivessem em solo italiano. Isso fica claro com a seguinte expressão “aqui, caros rapazes, o mapa da nossa Pátria... a Itália é uma grande bota, que avança ao mar.”<sup>88</sup> (tradução livre).

A partir do Estado Novo

foram tomadas medidas para a nacionalização do ensino, tendo dois aspectos distintos embora solidários: tratava-se, por um lado, de ‘abrasileirar os brasileiros’ através da alfabetização e da educação moral e cívica e, por outro, de integrar o imigrante estrangeiro.<sup>89</sup>

Mas a iniciativa mais relevante, para de fato atingir o objetivo desejado,

foi a intervenção nas escolas estrangeiras. Novas disposições legais prescreviam que respeitassem os feriados nacionais, ministrassem o ensino em vernáculo, incluíssem no currículo o ensino de Português, Geografia e História do Brasil por professores natos e ensinassem os cantos nacionais nas classes infantis. Além disso, essas escolas deveriam

<sup>85</sup> CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 41.

<sup>86</sup> VICENZI, Pe. Victor. **História de Rios dos Cedros (1875/1975)**. Blumenau: Odorizzi, 1975. p. 58.

<sup>87</sup> FIORI, op. cit., 1995. p. 213.

<sup>88</sup> “ecco qui, cari ragazzi, il mapa della nostra Pátria...L'Italia è un grande stivale gigantesco, che avanza in mezzo al mare.” Apud VICENZI, Pe. Victor. **História e imigração italiana em Rio dos Cedros**. 3ªed. Blumenau: Odorizzi, 2000. p. 98.

<sup>89</sup> CARVALHO, Marta Maria Chagas de op. cit., p.44.

abrir-se à inspeção do estado e fornecer-lhes os dados estatísticos solicitados.<sup>90</sup>

De acordo com Fiori “constata-se que, no período getuliano, a educação de cunho nacionalista que se implantou tinha uma relação difícil com as culturas étnicas, ou seja, a dos núcleos coloniais de imigrantes estrangeiros” e Simon Schwartzman (apud FIORI p. 217) conclui que o objetivo da nacionalização “era o da erradicação das minorias étnicas, linguísticas e culturais que se haviam constituído no Brasil nas últimas décadas, cuja assimilação se transformaria em uma questão de segurança nacional.”

### 3. Línguas de imigração italiana (Talian e o dialeto Trentino): outras línguas além do Português.

O veículo de comunicação utilizado pelos imigrantes italianos recém-chegados ao Brasil é denominado pelos lingüistas de dialeto.<sup>91</sup> De acordo com Dubois, dialeto é

um sistema de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usado num ambiente mais restrito que a própria língua. (...) é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o *status* cultural e social dessa língua.<sup>92</sup>

Della Casa, referindo-se à realidade italiana, declara que os dialetos refletem as suas tradições e a sua cultura, possuem um léxico e uma gramática. É, portanto, visto como:

- Uma variedade falada e utilizada em uma área mais circunscrita em relação à língua nacional;
- Código distinto da língua nacional;

<sup>90</sup> Id., 1989. p. 44.

<sup>91</sup> Segundo o estudioso Darcy Loss Luzzatto o que era no princípio dialeto Vêneto, com o passar do tempo transformou-se em Talian (vêneto brasileiro) é considerada uma língua, pois possui uma estrutura gramatical. Referente ao assunto ver: LOSS LUZZATTO, Darcy. **Talian** (Vêneto Brasileiro). Porto Alegre: Sagra, 1994. **Talian Vêneto brasileiro sem mestre**. Porto Alegre: Sagra, 1997. Aprofundaremos o assunto no capítulo III.

<sup>92</sup> DUBOIS (1973/1993:184) apud SPESSATTO, Marizete B. **Marcas da história**: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis, 2001. p. 50.

- São as “línguas” particulares das várias regiões da Península;
- Instrumento de comunicação lingüística de âmbito e emprego demográfico mais restrito em relação à língua oficial;
- Derivam todos do latim vulgar (como o Italiano padrão, que em sua origem, era também um dialeto, o florentino).

No princípio eram dialetos, mas com o passar do tempo, frente as suas transformações hoje são consideradas línguas *alóctones* ou de imigração. As línguas de imigração italiana presentes no estado de Santa Catarina resistem há mais de 130 anos mesmo longe de sua terra de origem, apesar da evidente influência da língua Portuguesa, e de outras línguas com as quais tem contato. As transformações que vêm sofrendo são reflexos das construções sócio-culturais ocorridas devido à necessidade de adaptação ao novo espaço geográfico.

Segundo Bourdieu “Saussure discute as relações entre a língua e o espaço. Pretendendo provar que não é o espaço que define a língua, mas a língua que define seu espaço, Saussure observa que nem os dialetos, nem as línguas conhecem limites naturais (...).”<sup>93</sup>

Contudo, com o processo de nacionalização, seguido da proibição do seu uso, as *línguas de imigração*, sofreram grandes perdas, já que os mais velhos, com medo, deixavam de falar o dialeto com os mais jovens. Apesar das profundas marcas deixadas por essa política os dialetos resistiram mesmo reconfigurando-se com o passar dos anos.

Ainda hoje é possível encontrar pessoas que os utilizam, como é caso específico do Talian, falado em alguns municípios no Sul do estado e na região Oeste e o dialeto Trentino falado em municípios situados no médio Vale do Itajaí, delimitando assim o campo da presente pesquisa, conforme o mapa.

---

<sup>93</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas**. O que falar quer dizer. Tradução: MICELI. Sérgio. São Paulo:Edusp, 1996.p.31.



Fontes: Disponíveis em: <http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=98&Pag=2>  
[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008\\_DOU.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf), acesso em: 24/2/2009.

Segundo Boso,<sup>94</sup> os dialetos italianos resistiram principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, áreas onde teve início à colonização dos primeiros imigrantes, e que hoje são ocupadas pelos seus descendentes. Mas se fazem presentes em outros estados como Paraná e Espírito Santo.

A autora destaca a área do sudeste do Rio Grande do Sul, que segundo alguns estudiosos, é a única área nacional na qual a coine italiana poderá ter um futuro promissor, porque se apresenta como uma língua de amplo uso, e já existem movimentos para que seja reconhecida como língua culta. Podemos encontrar também uma literatura dialetal, sendo publicado um dicionário Vêneto/Português, existindo transmissões radiofônicas e escritas nos jornais locais.

Ainda segundo Boso, no Rio Grande do Sul, existe uma preocupação em manter a cultura e também o que hoje chamam de Talian (Vêneto brasileiro); isso se pode comprovar na Universidade de Caxias do Sul, cuja comunidade científica dá atenção a esta realidade lingüística, onde foram publicadas as obras: *Dialetos Italianos: um perfil lingüístico dos Ítalo-Brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul* (1983) de Vitalina Frosi e Ciro Mioranza e o *Dicionário Vêneto sul Riograndense/*

<sup>94</sup> BOSO, op. cit., p.19.

Português, de Alberto Vitor Stawinski. Retomaremos essa discussão no terceiro capítulo.

De acordo com os PCN, (1998) “uma língua é o veículo de comunicação de um povo por excelência. É através de sua forma de expressar-se que esse povo, transmite sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos, se faz necessário esclarecer o que se entende por cultura, “já que a língua naturalmente é parte da cultura.”<sup>95</sup> Portanto seguem algumas definições elaboradas por especialistas.

Para Brandão o conceito de cultura consiste em “instrumentos, técnicas e atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, da ordem social, de normas, palavras, ideias, valores, símbolos, preceitos, e sentimentos<sup>96</sup>”.

Para Edward Tylor, a palavra cultura une todas as possibilidades de realizações humanas, mostrando o caráter de aprendizagem da cultura. Defende também a ideia que o homem recebe influências do ambiente no qual vive, e em consequência disso, transforma-se no resultado do ambiente cultural, no qual se socializa. Portanto, a cultura não é outro que todo o conhecimento e experiência histórica acumulada pelas numerosas gerações sucessivas.<sup>97</sup>

Segundo Bernardi cada cultura pode ser identificada através de elementos materiais quanto imateriais que a compõem, por exemplo, nós a vemos na arquitetura, no modo de cultivar a terra; este fator é importante porque os italianos que migraram para o Brasil e vieram para o sul eram na sua maioria camponeses. Também os utensílios, o modo de preparar a comida e de manipular os alimentos (o vinho, a carne de suíno, o grão, o leite), são particularidades que juntas fazem a diferença quanto confrontada com outras culturas, criando dessa forma a sua identidade social.

Desse modo “à memória de seu espaço de origem funde-se a memória das necessidades de sobrevivência em seu novo território.”<sup>98</sup>

Em relação à língua materna, no contexto italiano, o escritor italiano Giacomo Novanta escreve que “somente através do dialeto é possível expressar com

---

<sup>95</sup> OLIVEIRA, Gilvan Muller. op. cit., 2002.p. 87.

<sup>96</sup> BRANDÃO, Carlos. **Educação como cultura**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 20.

<sup>97</sup> TYLOR apud LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 25.

<sup>98</sup> SANTOS, Gislene A. dos. op. cit., 2005. p. 57.

naturalidade e sem retórica, sentimentos e paixões, grandes concessões filosóficas e humildes acontecimentos do quotidiano.”<sup>99</sup> (tradução livre)

Já sobre o autor Fontini assegura que “somente através do dialeto Noventa consegue falar sobre o que a cultura moderna não consegue nominar.”<sup>100</sup> (tradução livre)

Ambos os campos de pesquisa, demonstraram, por exemplo, que

o dialeto é falado em qualquer lugar onde se reúnem pessoas de mesma afinidade, sobretudo no seio familiar onde o dialeto traduz melhor a afetividade, nas reuniões amigas, no bar, nas manifestações culturais direcionadas (seratas Folk, recitais, comédias, musicais, etc.). Mesmo nos mercados é comum presenciar as pessoas dialogando ou negociando e se utilizando do dialeto: o falar mais direto e simplificado.<sup>101</sup>

Em Rodeio, especificamente “é na comicidade que o dialeto se declara a linguagem da espiritualidade nata do povo trentino - brasileiro.”<sup>102</sup>

Na Itália, apesar de sabermos da existência de muitos dialetos, eles lutam para manter seu espaço na sociedade. Uma forma de prestigiar o dialeto local foi registrando – o através de poesias, especialmente das últimas décadas do século XX. Essas poesias representam

a tentativa de recuperar um mundo próximo a se extinguir para sempre, sobretudo pelas tumultuosas mudanças sociais ocorridas. Através do dialeto parece possuir e ‘salvar’, isto é, extrair do tempo, uma realidade mais acurada - carregada de valores antitéticos daqueles dominantes na moderna e consumista sociedade capitalista- rica isto é, ainda de solidariedade, de humanidade honesta e profunda, de laços duradouros. (tradução livre).<sup>103</sup>

Esse movimento dá visibilidade e respeitabilidade aos dialetos falados pelo povo, presentes em solo italiano. Exemplo clássico disso é a obra prima *Divina*

---

<sup>99</sup> “ritiene che soltanto attraverso il dialetto sia possibile esprimere con naturalità e senza retorica sentimenti e passioni, grandi concezioni filosofiche e umili avvenimenti quotidiani” apud Corso di formazione *VENETO-BRASILE 2008/09*. Modulo 1: LETTERATURA. A cura di Elena Lazzaro Università Ca' Foscari-Venezia. Dipartimento di Scienze del Linguaggio, TCLab. www.teoriacomunicazione.it scheda 9 Giacomo Novanta.

<sup>100</sup> “Solo attraverso il dialetto Noventa riesce a parlarci di quel che la cultura moderna non sa più nominare.” Idem.

<sup>101</sup> CANI, Iracema Moser. Informação concedida via correio eletrônico em 06/12/2008.

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> “può essere da parte de alcuni il tentativo di ricuperare un mondo vicino a estinguersi per sempre, sopraffatto dal tumultuoso cambiamento sociale in atto. Attraverso il dialetto sembra di poter possidere e “salvare”, cioè sottrarre al tempo, una realtà più salda - carica di valori antitetici a quelli dominanti nella moderna e logorata società capitalista- ricca cioè ancora di solidarietà, di umanità schietta e profonda, di legami duraturi” apud Tratto da Segre C., Martignoni C., **Testi nella storia. La letteratura italiana dalle origini al Novecento**, vol. 4, Edizioni Scolastiche Mondadori, 1996. p. 1280-1281.

*Comédia* de Dante Alighieri, que juntamente com Petrarca e Boccaccio, dão origem à língua italiana *standard* quando da unificação italiana. No caso dos dialetos italianos, e no caso brasileiro das línguas de imigração, é necessário que sejam respeitadas e vistas como língua materna de muitos falantes.

## CAPÍTULO II

### Trajetórias e estratégias de sobrevivência do dialeto Trentino no município de Rodeio

*El me dialet  
L'è come la voze  
De me mama:  
No se poderá mai  
Desmentegarla!<sup>104</sup>*

O ponto de partida dessa pesquisa é o ano de 1875, período em que houve uma grande entrada de imigrantes trentinos no Brasil e no estado de Santa Catarina, se estendendo até a atualidade, no ano de 2008.

#### 1. Trentino Alto Ádige – Itália – O local da partida

Região situada no norte da Itália<sup>105</sup>. Está localizada entre os vales do rio Ádige e Isarco, formado por inúmeros vales transversais. Esses vales formam o “caminho natural para transpor os Alpes nos dois sentidos.”<sup>106</sup> Foi também “rota natural de Roma à Alemanha,”<sup>107</sup> e, portanto, uma região estratégica, disputada por todos. Por isso, foi palco de muitas disputas que definiram a sua própria história.

---

<sup>104</sup> “O meu dialeto, é como a voz de minha mãe: não poderá mais esquecê-la” (tradução livre). Apud BERTULUZZA, Aldo. **Storia e tradizione del dialetto trentino**. Antologia Calliano (Trento): Manfrini 1983.

<sup>105</sup> Há várias versões sobre a origem do nome Trento. Uma é a do tridente, isto é, de uma força com três pontas, do deus Netuno: “Tridentum”. Outra é que entre os historiadores de Trento, baseada nos três picos existentes nos Alpes, que em emolduram a cidade, em forma de três dentes. “Tridentum”. In: VICENZI, Pe. Victor. **História e Imigração italiana em Rio dos Cedros**. 3º ed. Blumenau: Odorizzi. 2000. p. 31.

<sup>106</sup> LENARD, Andrieta. **Lealdade Lingüística em Rodeio (SC)**. Florianópolis, 1976. 279 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras- Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 13.

<sup>107</sup> Disponível em: <http://www.trentini.com.br/?pagina=conteudo&unidade=1&idioma=port&id=42> acesso em: 05/09/2008.



Província Autônoma de Trento (Trentino Alto Àdige)

Fonte: Apostila Trentina.

No período que esta região pertenceu a Áustria foi chamada de Tirol. Em 1867 por motivos políticos a Áustria e a Hungria se juntam “formando um império dual com parlamentos e governos próprios, o Império Austro- Húngaro.”<sup>108</sup>

De acordo com Bonatti e Lenzi, a região do Tirol era uma província do Império Austro-Húngaro, mas como conseqüência dos desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, em 1918 a região foi dividida entre a Áustria e a Itália. Ficando a parte ao norte pertencendo à Áustria e tendo por capital Innsbruck e a parte ao sul pertencendo à Itália, tendo como capital Trento. A parte do Tirol italiano é ainda por sua vez dividida em duas partes: o Trentino ao sul e o Alto-Ádige ao norte. Juntas formam a Província Autônoma di Trento pertencendo à República Italiana.

Quando nos referimos ao Tirol, lembramos dos povos de etnia alemã. Mas nesse caso a região sul do Tirol anexada à península italiana, é formada por trentinos e sua língua é o dialeto Trentino.<sup>109</sup>

Diante disso “embora em 1875 quando os trentinos vieram para a América, para Rio dos Cedros, e também Rodeio e Nova Trento, o Trentino fosse território austríaco, esse povo sempre se sentiu italiano e falava um dialeto italiano.”<sup>110</sup>

De acordo com Curi, o pároco de Rodeio Lucínio Korte escreveu que os tirolezes e os italianos, por causa da língua que falavam, eram considerados de uma única nacionalidade.

Ainda hoje

no Trentino, além do Italiano, fala-se o dialeto Trentino, que se subdivide em subdialetos referentes a cada vale. O dialeto Trentino é também chamado tirolés e até o século XVIII era comumente designado como dialetto tirolese, por ser uma língua de origem latina existente no Tirol. O dialeto Trentino é uma “evolução” do idioma ladino, mas que sofreu influências dos dialetos italianos lombardo e vêneto. Além disso, existe um grande número de palavras de origem alemã no dialeto, principalmente do Alemão tirolés.<sup>111</sup>

Já em território catarinense Andrietta Lenard em sua dissertação de mestrado em lingüística constata

<sup>108</sup> BONATTI, Pe. Mario; LENZI, Mauro. **As primeiras famílias trentinas de Rio dos Cedros**. Indaial: ASSEVI, 2006.p. 21

<sup>109</sup> Lembramos que a língua Italiana standard, só passou a ser a língua oficial da Itália depois de sua unificação ocorrida entre 1861 a 1870.

<sup>110</sup> BONATTI; LENZI. op. cit., p.20.

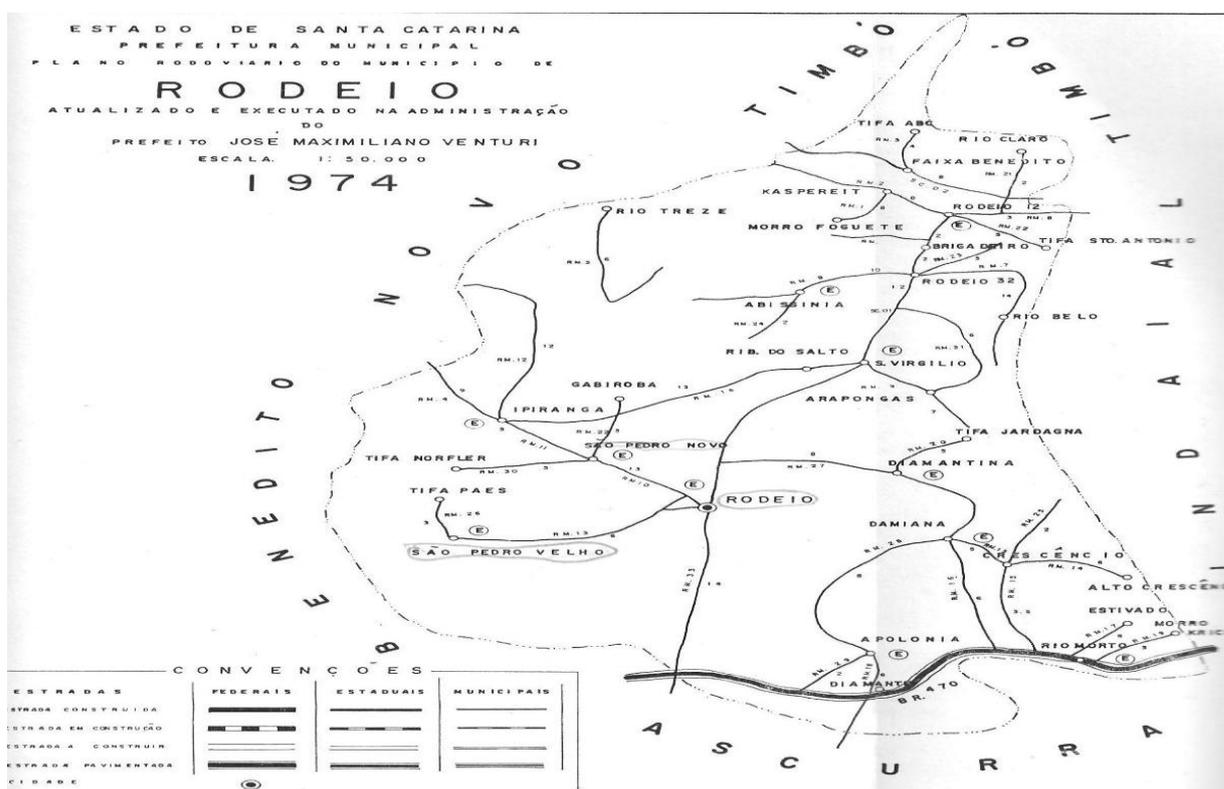
<sup>111</sup> ALTMAYER, Everton. **DO QUE SOU DESCENDENTE? DE TIROLESES! CÒSSA SON MI? MI SON TIROLÉS!**: pequena introdução sobre nossas origens trentinas. Apostila Trentina. Circolo Trentino di São Paulo. 2008. Mimeo.

que a maioria dos habitantes de Rodeio descendem desses imigrantes; e as gravações das entrevistas, em dialeto, que levamos a Trento (Itália), em janeiro/fevereiro de 1975, nos permitiram averiguar que o dialeto falado em Rodeio é realmente o dialeto Trentino.<sup>112</sup>

Em relação ao dialeto Trentino falado na região do Trentino – Itália e em Rodeio (SC) Brasil, nosso objeto de estudo, De Mauro afirma “que os dialetos italianos não são corrupções do Italiano, mas derivações do latim que, como o florentino, possuem legitimidade histórica.”<sup>113</sup>

## 2. Rodeio – SC Brasil – O local da chegada

*Exemplo de uma comunidade totalmente integrada na terra que a acolheu, mas que soube conservar e salvar os valores culturais positivos que trouxe da velha Itália.*<sup>114</sup>



Fonte: BERTOLDI, Frei José; SCOTTINI, Frei Guido. **Rodeio 1875-1975: aspectos de sua história e de sua gente.** Rodeio, 1975. (anexo s/p.) Mapa ampliado no anexo 3.

<sup>112</sup> LENARD, op. cit., p. 08.

<sup>113</sup> Ibid., p. 8.

<sup>114</sup> BERTOLDI, Frei José; SCOTTINI, Frei Guido. **Rodeio 1875-1975: aspectos de sua história e de sua gente.** Rodeio, 1975. 100 anos da sua Fundação. p.10 A.

“Vinte e cinco anos após a fundação da colônia Blumenau,”<sup>115</sup> em 1850 o Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau, que comandava o empreendimento, teve que recorrer às autoridades Austro-Húngaras para obter a quota de colonos necessária para cumprir as cláusulas do contrato firmado com o governo brasileiro. Na ocasião, o governo do Império Austro-Húngaro ofereceu os habitantes da região sul, os considerados “italianos.” Assim a colônia Blumenau passa a receber levas de imigrantes italianos.

Angelo Trento argumenta que em meados dos anos 1870, a imigração italiana foi vista como a solução frente a “certa apreensão” do governo com a “progressiva germanização das províncias sulinas devida à organização das colônias alemãs.”<sup>116</sup> As “colônias situadas sob o governo de Doutor Blumenau (Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra, etc.) em menos de um mês cada família de colonos italianos que chegava já recebia o seu lote.”<sup>117</sup>

No entanto, “esses imigrantes são responsáveis pela fixação de novos centros irradiadores de povoamento e colonização: Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros e Apiúna.”<sup>118</sup>

Em Rodeio, foram ao todo “114 famílias distribuídas em três turmas: a primeira, composta de 20 famílias (...) a segunda, composta de 34 famílias (...) a terceira, com 60 famílias.”<sup>119</sup>

Começava uma nova história para esses imigrantes originários do Tirol Trentino e também para esse território. História que foi feita, contada e lembrada por seus descendentes e que foi transmitida, inicialmente, por meio da única língua que conheciam. E que com o passar do tempo, o dialeto Trentino trazido por esses imigrantes foi entrelaçando-se na vida e na sociedade que estava sendo construída por esses cidadãos.

---

<sup>115</sup> Livro tombo da paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. v. I. 1900. p.02.

<sup>116</sup> TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. Tradução: Mariarosaria Fabris (cap. 2 a 5) e Luiz Eduardo de Lima Brandão (cap. 1,6 e 7) - São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988. p. 79.

<sup>117</sup> CURI, José. A influência do “Talian” na fala catarinense apud **Blumenau em Cadernos**. Tomo XLVI - n. 05/06 – maio/jun, 2005. p. 35.

<sup>118</sup> PIAZZA, Walter F. **A Colonização Italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC- Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A., 1976. p. 87.

<sup>119</sup> CANI, Iracema Moser. **Rodeio Vale dos Trentinos**. Prefeitura Municipal de Rodeio. 1997.p. 5.

Em alguns momentos da história, esse dialeto foi o único meio de comunicação, em outros passa a dividir o mesmo espaço com a língua Italiana *standard* que passou a ser ensinada pelos freis franciscanos, conforme veremos a diante. O uso do dialeto passa por vários momentos distintos: era o meio de comunicação da colônia, depois, como já vimos, foi proibido durante a política de nacionalização, mais tarde sua fala torna-se motivo de vergonha por parte dos usuários, até que o orgulho pela italianidade é retomado após a festa do centenário da imigração e novamente divide o mesmo espaço com o Italiano *standard* que agora é ensinado na rede municipal de ensino. Todos esses momentos deixaram marcas que contribuíram para a transformação do dialeto Trentino na região de Rodeio.

O município de Rodeio tem atualmente uma população de 11.146 habitantes<sup>120</sup>, sendo que “80% da população são descendentes de italianos da região de Trento, mantendo vivos os costumes e a tradição de seus antepassados.”<sup>121</sup> Localizada em “pleno vale alemão,” Rodeio é considerada “uma das cidades mais italianas do sul do Brasil.”<sup>122</sup>

É partindo desse epíteto que buscou-se compreender como foi construída essa ideia de italianidade e principalmente como se portou o imigrante, falante de língua *alóctone*,<sup>123</sup> personagem principal dessa história. A pesquisa é desenvolvida no intuito de compreender e analisar os desdobramentos históricos e os meandros nos quais tivemos, de um lado, uma etnia, uma identidade, um dialeto e do outro lado, o poder político, o religioso e o econômico que tentava moldar essa realidade de acordo com seus interesses e da nação brasileira.

Faz-se necessária aqui uma observação: que algumas pessoas não sabem a diferença entre o dialeto Trentino e o Italiano *standard*. Muitas vezes ao perguntar sobre o ensino de Italiano na escola, observou-se que havia aprovação da iniciativa, pois é recorrente que em Rodeio se fala “Italiano”. Portanto, conclui-se que essa

---

<sup>120</sup> Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP\\_2008\\_TCU.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP_2008_TCU.pdf) acesso em 24/02/2009.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Disponível em: <http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio> acesso em: 29/08/08

<sup>123</sup> Segundo o Dicionário Aurélio Online, “*Alóctone*: Diz-se de pessoa que não é originária do país onde habita”, logo, língua de imigração.

situação causa este equívoco, pois acredita-se que na escola se ensina o mesmo “Italiano” que é falado no município. Não é verdade, pois o que se ensina na escola é o Italiano *standard* ou padrão e, portanto, diferente. Ilustramos a situação com a seguinte fala: “eu falo tudo Italiano eu entendo tudo, mas escrever é diferente, é diferente.”<sup>124</sup>

Outro fato que reforça nossa hipótese é o fato contado por uma professora de língua italiana da cidade, Laura Scoz ao relatar que quando começou trabalhar com a língua italiana *standard* no ano de 1989 na cidade de Ascurra,<sup>125</sup>

em uma escola estadual, na primeira reunião que teve com os pais, era uma assembleia, e aí os pais questionaram o ensino da língua italiana, que eu estava ensinando errado para ele. Na verdade eles conheciam o dialeto e não sabiam a diferença do dialeto e da língua italiana. Nessa reunião eles “malharam” que eu não estava ensinando direito, por exemplo, que os dias da semana não eram *lunedì, martedì* e sim *lune, marte, mercole* eu tive que explicar que o dialeto era uma coisa e o Italiano outra. E eu coloquei toda essa situação e aí eles entenderam a questão, mas foi difícil no começo trabalhar, muito difícil, complicado.

Porém conta que em Rodeio, houve um caso mais recente,

isso também aconteceu em uma escola municipal aqui em Rodeio, foi em 2003, quando comecei a trabalhar para o município, eram crianças pequenas, de 2ª série. Tinha uma avó que ensinava muito uma criança lá, quando eu cheguei na escola, eu ensinava muita coisa solta, porque eram crianças pequenas, então a gente ensinava através de canto, através de joguinhos. Eu estava ensinando os dias da semana, e aí essa criança começou a questionar. Dizendo – minha avó disse que é assim, que a professora ensina tudo errado. Eu tive que conversar com a mãe dessa criança, com a avó, e explicar para elas que são línguas diferentes.

### **3. A função das Escolas Paroquiais na vida de italianos e seus descendentes.**

Se analisarmos criticamente a história, veremos que as regras sempre foram ditadas ou por quem está no poder, ou é contada pelo vencedor, seja no campo político, econômico e também no campo religioso.

Como analisamos no capítulo anterior, houve uma política “perversa”, que procurava satisfazer os interesses da elite brasileira e que permeou a propaganda, a

<sup>124</sup>D.M. faz referência ao dialeto que fala e entende. Mas “*escrever é diferente*”, refere-se ao Italiano padrão, que de fato se diferencia do dialeto. Rio dos Cedros na ocasião dos *III Giochi Trentini* em 07/09/2008.

<sup>125</sup>Ascurra é um município está localizado a 4 km de Rodeio e diferentemente deste, apresenta maior incidência de descendentes vênnetos, tendo falantes do Talian.

vinda e as instalações dos imigrantes, não somente os italianos, em solo brasileiro. Diferente do que acontecia nos núcleos de imigrantes alemães, onde segundo Klug, “o Estado não estava presente, assim como a Igreja também não.”<sup>126</sup>

Em Rodeio, a Igreja se encarregou de criar na região as escolas paroquiais, nas quais se ensinava na língua italiana *standard*, sendo um fato histórico relevante.

Depois de instalados os imigrantes no Médio Vale do Itajaí, é chegada à vez da Igreja cumprir seu papel; entram, então em cena os freis franciscanos e com eles, “por exemplo, a primeira escola paroquial, fundada pelo Frei Lucínio Korte, padre franciscano a quem Rodeio deve incalculável colaboração.”<sup>127</sup>

Documentos nos mostram que 1892,

(...) já um dos padres residia quase continuamente nas colônias remotas italianas i. e. no Rodeio, lugar considerado também pelo Padre Jacobs como central e sede futura de um sacerdote. Allí(*sic*) também sob a direção do Padre foi bem cedo erigida uma casa *stabil (sic)* no terreno doado pelos vizinhos a este fim. Porém esta casa devia servir como *capella (sic)*, escola e morada do padre.”<sup>128</sup>

No ano “1894 fundou-se a residência franciscana, contando com dois padres e dois irmãos leigos.”<sup>129</sup> Segundo Otto (2006) em 1895 foi projetado uma nova e ampla igreja e também um novo convento, inaugurado em 1899. Somente em 1900, Rodeio é elevado à condição de paróquia independente de Blumenau e já em 1901 passa a funcionar no convento de Rodeio o noviciado da Ordem.<sup>130</sup> E em “20 de janeiro de 1905 instalou-se o novo órgão de fabricação alemã, sendo o primeiro em Santa Catarina.”<sup>131</sup>

Existindo uma capela, passa a existir também uma escola em Rodeio. Os freis se responsabilizaram em dar instruções aos imigrantes e aos filhos destes, “em 1893 a escola foi freqüentada por 120-130 alunos (*sic*) instruídos por um irmão leigo,”<sup>132</sup> chamado Germano Wunsick.

<sup>126</sup> KLUG, op. cit., p. 342.

<sup>127</sup> JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **A interpretação regional do município de Rodeio**. Florianópolis, 1948.p.16.

<sup>128</sup> Livro tombo da paróquia São Francisco de Assis. v. I .Rodeio.1900 p.03

<sup>129</sup> BERTOLDI; SCOTTINI, op. cit., p.14.

<sup>130</sup> Crônica do Convento de Rodeio. (Rodeio) p. 4-25 (CFR) apud OTTO, Clarícia. **Catolicidades e Italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular. p.47.

<sup>131</sup> BERTOLDI; SCOTTINI.op. cit., p.15.

<sup>132</sup> Livro tombo da paróquia São Francisco de Assis. v. I. Rodeio.1900. p.03

Além dessa capela/escola situada na sede de Rodeio, é importante destacar a fundação de escolas primárias também em outras colônias, de modo que cada capela<sup>133</sup> tinha sua escola.

De acordo com Otto, no Médio Vale do Itajaí-Açú estavam instaladas 17 escolas italianas, geridas pelos religiosos, mas o cônsul Giuseppe Caruso McDonald as designava “italianas pelo fato de o ensino ser ministrado em língua italiana.”<sup>134</sup>

Anna Notari comenta que “minha mãe e uma porção de gente aprendeu o Italiano (...) era o gramatical. A minha mãe falava bem o Italiano. A minha avó tinha livros que contava história em italiano. (...) O frei Lucínio ensinava Italiano e Alemão.”<sup>135</sup>

Para Marques, “parece que para os padres, a princípio, a educação religiosa não passava pelo ensino da língua portuguesa, ao contrário, aprendiam a língua dos colonos para melhor se comunicar com eles.”<sup>136</sup>

Além disso, “os franciscanos criaram em Rodeio um jornal em língua Italiana, para os colonos dessa nacionalidade, com o título *l'Amico*, que passou a funcionar em 1904”<sup>137</sup> e permaneceu ativo por 12 anos.

Portanto a língua italiana *standard* era a que transitava no ambiente escolar e na Igreja. O senhor Joaquim Fiamoncini lembra que: “o padre rezava tudo em Italiano, a Ave Maria, o Pai Nosso...”<sup>138</sup>

Mas quem elegeu ser a língua italiana *standard*, a mais adequada para ocupar esses espaços?<sup>139</sup> Talvez porque a maioria dos imigrantes que vieram e que se instalaram em Rodeio fossem tirolezes de língua italiana.<sup>140</sup> Ou ainda por ser a língua italiana *standard* que mais se aproximava da fala dos imigrantes, já que eles falavam o dialeto.

---

<sup>133</sup> Existia uma Capela em cada comunidade, por exemplo, em São Virgílio, Rodeio 12, Rodeio 30 e Rodeio 50, essas denominações eram dadas no momento da divisão dos lotes de terra, no período da colonização. Hoje são bairros ou comunidades com o mesmo nome.

<sup>134</sup> OTTO, op. cit., p. 57.

<sup>135</sup> NOTARI, Anna, 77 anos. Entrevista cedida à autora em 16/09/2009 em Ipiranga – Rodeio.

<sup>136</sup> MARQUES, Ana Maria. Italianos no Vale do Itajaí-Mirim apud PIAZZA, Walter. (Org). **Italianos em Santa Catarina**. v.I., Florianópolis: Lunardelli, 2001.p. 61

<sup>137</sup> BERTOLDI; SCOTTINI. op. cit., p.16.

<sup>138</sup> FIAMONCINI, Joaquim. Entrevista concedida a autora em 15/09/2009 em Diamantina, (Pico) Rodeio.

<sup>139</sup> O que os levou a considerar que a língua italiana deveria ser ensinada na escola? Foi escolhida porque os imigrantes se consideravam italianos?

<sup>140</sup> OTTO, op. cit., p.61.

De acordo com Curi, “ainda que a maioria absoluta dos imigrantes italianos falasse dialetos italianos e não a língua italiana toscanizada, todos esses dialetos, se eram díspares na configuração, eram iguais na essência, isto é, todos eles tinham base latina.”<sup>141</sup> Ora, sabemos que “desde os princípios da imigração, os trentinos faziam questão de afirmar uma identidade separada da dos italianos (...) a maioria dos imigrantes trentinos assumiu com orgulho a denominação de “tiroleses.”<sup>142</sup>

Possamai lembra que o governo austríaco não se propôs a germanizar a região do Trentino, tanto é que manteve o italiano como a língua usada no ensino público e nas deliberações dos conselhos municipais. Apesar disso, Petrone coloca o seguinte panorama em relação à língua dos imigrantes: “que o emprego da língua italiana, com maior ou menor propriedade, verificava-se mais na Toscana e na cidade de Roma que no restante do país, mais nas cidades maiores que nos pequenos *paesi* ou *villaggi*, mais nos quadros urbanos que rurais.”<sup>143</sup>

Isso elucida então que no município pesquisado, os imigrantes eram oriundos dos *paesi* que Petrone se refere, pois vieram da Província de Trento, dos lugares: Rovereto, Civezzano, Pèrgine, Fornace, Baselga di Pine, Lèvico, Vigolo Vattaro<sup>144</sup> e ainda segundo Petrone “é fato amplamente conhecido que, na massa dos imigrantes de origem italiana entrada no Brasil, foi muito elevada a participação de contingentes originários das áreas rurais, caracterizados por elevadas taxas de analfabetismo.”<sup>145</sup>

No caso específico de Rodeio sabemos que eles não falavam italiano *standard*, ou seja, o “italiano da Itália”<sup>146</sup> mas sim o dialeto Trentino. Petrone ressalta “que poucos, talvez pouquíssimos, sabiam expressar-se no idioma italiano. Isso no Rio Grande do Sul, mas também certamente em Santa Catarina e São Paulo e Espírito Santo,”<sup>147</sup> sendo, portanto, uma realidade lingüística bem abrangente e não somente localizada.

---

<sup>141</sup> CURI, José. A Influência do “Talian” na fala catarinense apud **Blumenau em Cadernos** - Tomo XLV I- n. 05/06- maio/junho- 2005. p. 22.

<sup>142</sup> POSSAMAI, op. cit., p.87.

<sup>143</sup> PETRONE, Pasquale, Italianos e Descendentes do Brasil: escola e língua apud: De BONI, Luis (Org) **A presença italiana no Brasil**. v.II. Porto Alegre; Torino: escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli,1990. p. 605

<sup>144</sup> Disponível em: <http://www.rodeio.sc.gov.br/conteudo> acesso em: 25/09/2008.

<sup>145</sup> PETRONE, op. cit., p. 603

<sup>146</sup> É assim se algumas pessoas se referem ao italiano ensinado na escola, observação feita no campo de pesquisa.

<sup>147</sup> PETRONE, op. cit., p. 603.

Diante de tantas afirmações em relação à língua falada pelos imigrantes, que a presença do dialeto<sup>148</sup> se torna incontestável. Dessa forma não se sabe por que se ensinava e se ensinou italiano *standard* nas escolas paroquiais.<sup>149</sup>

Em relação às escolas e à educação, Dall’Alba afirma que 1901, havia um movimento à favor da instrução pública, “sob a liderança do Cav. Pio de Savóia começaram a chegar do Ministério dos Negócios Exteriores da Itália e da benemérita sociedade Dante Alighieri, livros e materiais escolar em suficiente quantidade, e, juntamente, algum subsídio pecuniário.”<sup>150</sup>

A Sociedade Dante Alighieri, fundada na Itália em 1889, tem como objetivo, a preservação e difusão da língua italiana no mundo. E segundo De Boni “a escola tinha uma função eminentemente patriótica, como a melhor forma de transmitir e preservar a cultura italiana.”<sup>151</sup> Com esse objetivo a Sociedade divulgava “que a instrução seria um recurso indispensável para os emigrados manterem os vínculos com a Itália e também a identidade de italiano no exterior. A identidade dos emigrados, no entanto, ainda estava em processo de formação.”<sup>152</sup>

Enquanto a entidade italiana trabalhava para transmitir a italianidade aos que haviam deixado o país, o governo brasileiro se preocupava em “abrasileirar” os imigrantes.

Em função disso Dallabrida destaca que

além do ensino da língua italiana, a Geografia e a História procuravam enfatizar os valores neófito “Reino da Itália” e do “Risorgimento”. De acordo com o “Relatório sobre as escolas dos tirolezes na paróquia de Rodeio (São Francisco de Assis)” uma das “más conseqüências” da instituição das

<sup>148</sup> Marilda CAVALCANTI, professora do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, afirma que sobre os conceitos de “língua” e “dialeto” não existe consenso entre os linguistas a respeito da diferença entre eles. Para alguns, o termo dialeto carrega, popularmente, uma conotação pejorativa, como se fosse “menor” em relação à língua, que seria o “padrão”. Disponível em: [http://www.fundacaoastrojildo.org.br/index.asp?opcao=mostra\\_noticia&id=748](http://www.fundacaoastrojildo.org.br/index.asp?opcao=mostra_noticia&id=748) acesso em: 02/12/2007. Nas bibliografias consultadas encontramos várias definições concernentes ao que chamamos aqui de dialeto italiano; alguns autores como Luzzato, Zanella, se referem a eles como língua, Fiori se usa idioma, Souza usa falar étnico e Boso utiliza ora dialeto, ora língua. Optamos por usar o termo língua para o Talian e o Trentino de dialeto.

<sup>149</sup> Somos levados a pensar que se ensinava na língua italiana justamente para manter o elo com o país de origem dos imigrantes que era o mesmo da Ordem Franciscana. Ou porque era a língua conhecida pelos freis. Ou ainda por ser a língua na qual dispunham de material didático.

<sup>150</sup> DALL’ALBA, op. cit., p. 173.

<sup>151</sup> DE BONI, Luís Alberto apud OTTO, op. cit., p. 116.

<sup>152</sup> OTTO, op.cit., p. 113

escolas italianas era a transformação de “alguns tirolezes” em “italianíssimos.”<sup>153</sup>

Tanto faziam para manter a italianidade, que houve um periódico produzido pela Sociedade Dante Alighieri de Curitiba, intitulado *Sentinella d'Itália*. Nesse periódico defendiam o ensino da língua Italiana *standard*,

nenhum inconveniente existe se, embora tornando-se cidadãos brasileiros, conhecerem a **língua de seus pais**, as tradições históricas e a alma de sua pátria de origem, inclusive imbuídos e educados italianamente serão cidadãos mais conscientes e mais úteis também para o país para o qual pertencerem (...).<sup>154</sup> (grifo nosso)

Segundo Otto apesar do incentivo por parte da Sociedade Dante Alighieri em manter o ensino da língua Italiana *standard* e dos esforços do cônsul Alberto Rotti, desde 1896 e depois de Pio de Savóia em 1900, em mandarem material escolar e subsídios do governo italiano diretamente para frei Lucínio, responsável pelas escolas paroquiais, esse material não era remetido aos professores.

O cônsul Giuseppe Caruso McDonald constata que “os franciscanos ainda não tinham adotado os livros e o material escolar enviado pelo Ministério dos Negócios exteriores da Itália e pela benemérita Sociedade Dante Alighieri. É de opinião que o material enviado ao Convento não era repassado às escolas”<sup>155</sup>.

Nossa preocupação está centrada no campo educacional e social. Se for papel da escola ensinar, não entendeu-se porque a língua italiana *standard* foi escolhida, uma vez que os imigrantes já não estavam em seu país de origem. Diante da realidade exposta, somos levados a concordar com a declaração feita por Dall'Alba,

certo número de escolas italianas fora constituído no município de Blumenau, por iniciativa dos **franciscanos alemães**, mas essas escolas não tinham nenhum caráter nacional e ensinava-se italiano mais por exigência de fé, que por espírito de patriotismo.<sup>156</sup> (grifo nosso)

<sup>153</sup> PARÓQUIA de Rodeio. Relatório sobre as escolas dos tirolezes na paróquia de Rodeio – Município Blumenau. Tradução por Edith Sophia Eimer. Rodeio, 18 de maio de 1910. p. 5 apud DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do campanário: o Catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio vale do Itajaí Açu (1892-1918)**. Florianópolis - 1993. 205p. Dissertação (Mestrado em História), Florianópolis: UFSC. p. 172.

<sup>154</sup> OTTO, op. cit., 2006. p. 116.

<sup>155</sup> DALLABRIDA, op.cit., p. 120. Por que não usaram o material enviado pelo governo italiano, já que material na época era tão escasso? Essa ação nos leva a crer, que havia por parte do governo italiano e dos franciscanos, adversidade de ideais. Mas não nos cabe aqui discutir esse assunto

<sup>156</sup> DALL'ALBA, op. cit., p. 173.

Podemos observar que eram franciscanos alemães, mas conhecedores do idioma Italiano.<sup>157</sup> A exigência de fé, ao qual o cônsul Giuseppe Caruso McDonald se refere objetivava manter, por meio da língua italiana, o catolicismo romanizado. Outro ponto diferencial entre o núcleo de imigrantes italianos e alemães é que em algumas colônias, onde segundo Klug “eram os fiéis que romanizam seus padres e não o contrário.”<sup>158</sup>

Por serem de origem alemã, os frades não teriam motivos (afetivos ou de sentimento patriótico) para fortalecer o sentimento de italianidade entre os imigrantes oriundos da Península Itálica. Consta no livro Tombo que

em 17 de novembro 1917 foi expedido aviso n. 24, pela Câmara Eclesiástica sobre o uso da língua alleman (*sic*). ‘Patriotismo e oração’ é o titulo do mandamento publicado pelo Exmo. Senhor Bispo Diocesano (...)exhortando (*sic*) a todos que multipliquem as suas preces ao Altíssimo pela cessão da tremenda guerra atual.<sup>159</sup>

Supõe-se, então, que a motivação daqueles frades fosse o desejo de catequizar e solidificar a fé daquele povo. Por outro lado, os mesmos frades mantinham ligação e criavam um elo dos imigrantes italianos com a Alemanha – de onde eles provinham.

Conforme o livro tombo p. 30, no ano de 1947 “por duas ou três vezes, angariou-se esmolas e donativos para as vítimas da guerra na Europa (Alemanha) depois de ter feito um apelo na [Igreja] matriz”.

É certo que os religiosos, de qualquer origem, possam pedir orações pela paz mundial, mas também é provável que os afligia o fato de seu país e quem sabe seus familiares e amigos estivessem enfrentando e participando desse conflito bélico. Assim, os italianos imigrados para o Vale do Itajaí rezavam pela paz e faziam doações à Alemanha. De qualquer forma, não fica clara a Pátria à qual o bispo se referia ao publicar seu documento ao Brasil, Itália ou Alemanha?

De acordo com Otto, fato verificado em 1921, frei Policarpo comunica ao Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira da Diocese de Florianópolis, que o imigrante Joaquim Moratelli estava colhendo assinaturas para a implantação de uma

<sup>157</sup> Ibid., p. 47. Frei Lucínio nasceu em 01/07/1866. Fez teologia em Roma. Foi Pároco da Paróquia São Francisco de Assis, em Rodeio, de 1900 a 1907 e Frei Germano era sapateiro e pedreiro, tendo trabalhado por vários anos em Roma, no Colégio Santo Izidoro, onde também aprendeu a língua italiana. Revista VIDA FRANCISCANA, v.18, n.1, p.02-12, 1942.

<sup>158</sup> KLUG, op. cit., p. 342.

<sup>159</sup> Livro tombo na paróquia São Francisco de Assis, Rodeio.1917. p. 27.

escola pública na localidade de Rodeio 12. A preferência pela escola pública e não paroquial se deve a dois motivos específicos: com a escola pública não teriam despesas,<sup>160</sup> pois para o colono o mais importante era a sobrevivência, e “talvez mais necessário o uso da língua portuguesa, pois muitos nem conheciam a língua italiana, apenas algum de seus dialetos”.<sup>161</sup>

Além da escola paroquial não responder às reais necessidades dos imigrantes, elas acabam por gerar conflitos de interesses junto aos cônsules italianos que estava no estado na época em questão. O cônsul Giuseppe Caruso McDonald defendia a ideia de que os freis não ensinavam a língua italiana, por questão de “entendimento”, pois para ele, “simplesmente ensinar a língua italiana ou dialetal não se constituía cultivar a italianidade, mas era a forma de manter os colonos italianos ligados aos sentimentos religiosos.”<sup>162</sup>

Partindo desse pressuposto, está colocado que a língua italiana *standard* foi usada como artifício, pois estava em jogo, questão de interesses comprovados por afirmativas como “o futuro de uma igreja nos tempos modernos só é garantida quando ao lado da igreja é erigida também uma escola paroquial (*sic*),”<sup>163</sup> ou ainda a declaração escrita, mediante a transformação das escolas paroquiais em públicas, “nesta transformação de línguas os vigários sejam bem atentos [...] de guardar e cultivar a língua italiana como os andaimes; e somente os dispensam e tiram ou desfazem, quando a casa está bem construída e consolidada; na nossa Santa Religião Católica Apostólica Romana.”<sup>164</sup>

Dentro dessa realidade com o confronto de interesses, Dall’Alba coloca que “(...) os franciscanos alemães em Rodeio e sobre toda a linha de Guaricanas ao Rio dos Cedros, exercitam uma autoridade, extraordinária, incontestada, medieval.” E acrescenta: “Falam-lhe a língua, como o negociante se esforça para conhecer a do cliente, mas lhe ignoram as vias do coração, e nada tendo em comum com eles,

---

<sup>160</sup> Porque as escolas paroquiais eram mantidas pelos colonos, freis e subsídios do governo italiano e alemão.

<sup>161</sup> OTTO, op. cit., p. 63.

<sup>162</sup> Ibid., p. 64.

<sup>163</sup> Livro tombo na paróquia São Francisco de Assis, Rodeio. Ano 1917, p. 26.

<sup>164</sup> Livro tombo na paróquia de Rodeio v.I p. 82 verso e 83.1930. (CFR). Apud OTTO, op. cit., p. 65

além do vínculo religioso, são induzidos a tratá-los sem nenhum respeito em todo o resto.”<sup>165</sup>

Podemos então concluir que os imigrantes italianos receberam assistência religiosa, suprimindo-lhes essa carência, porém não podemos afirmar o mesmo quando se trata de princípios de cidadania e humanidade. Mesmo assim as escolas paroquiais resistiram até 1945 “tendo sido entregue a Escola Parochial (*sic*) por dificuldades políticas ao governo, não foi mais possível dispor das crianças quanto se queria para a preparação durante os dias letivos.”<sup>166</sup>

Foi em função do trabalho desenvolvido nestas escolas que em 12 de junho de 1923, o capitão Luigi Zeghetti, membro da diretoria da *Associazione Cattolica Italiana*, após visitar a escola paroquial da sede de Rodeio e a de São Vigílio escreve: “sobre o ensino de nossas escolas se mostrou muito impressionado, afirmou, se mostrou interessado em conseguir através do governo italiano posteriores melhoramentos.”<sup>167</sup> (tradução livre). E escreve também “palavras de louvores aos nossos amados franciscanos que souberam manter em Rodeio o uso culto da língua Italiana melhor do que qualquer lugar do estado de Santa Catarina.”<sup>168</sup> (tradução livre).

Além da presença marcante dos freis franciscanos não podemos deixar de mencionar que a presença das Irmãs da Divina Providência em Rodeio,

por ocasião da primeira visita do Diretor da Congregação Vinzenz Wienken a Blumenau, em 1902, os franciscanos lhe pediram irmãs também para Rodeio, sobretudo uma professora italiana e uma enfermeira. O pedido foi atendido, e, no dia 15 de julho de 1905, três irmãs – Arnolda (após um mês substituída pela Irmã Rufina), Roberta e Clemência chegaram a Rodeio.<sup>169</sup>

Sendo forte a presença religiosa no município de Rodeio, “desde 1914 se manifestaram as primeiras vocações religiosas de descendência italiana, e

<sup>165</sup> DALL’ALBA, op.cit., p. 110.

<sup>166</sup> Livro tombo da Paróquia São Francisco de Assis. Rodeio. p. 23.

<sup>167</sup> “Dell’insegnamento impartito nelle nostre scuole si mostrò bene impressionato, affermando, poiche si sarebbe interessato per conseguire dal governo italiano ulteriori miglioramenti.” Apud Livro tombo da Paróquia São Francisco de Assis. Rodeio. p. 30.

<sup>168</sup> “Parole di viva i lode per i nostri amati francescani che seppero mantenere in Rodeio il culto e l’uso della lingua italiana meglio che in qualunque altra località dello Stato di Santa Catarina. Apud Livro tombo da Paróquia São Francisco de Assis. Rodeio. p. 30.

<sup>169</sup> FUCK, Irmã Clea. **100 anos de História: 1875-1995 congregação das irmãs da Divina Providência no Brasil**. Florianópolis: EDEME, 1995. p.107.

receberam suas primeiras preparações com as irmãs professoras do Convento Menino Deus para depois trabalharem nas escolas locais no interior do município.<sup>170</sup>

No ano seguinte, devido ao número acrescido de escolas e à carência de pessoas idôneas para regê-las, Frei Policarpo Schuhen faz um apelo “às filhas de Maria o apostolado importante do ensino à juventude (...) três<sup>171</sup> filhas de Maria se ofereceram para entrar num curso de preparação para depois reger uma escola paroquial.”<sup>172</sup> Começa aí a Congregação das Irmãs Catequistas.

Segundo Fuck,

em 1935 a Escola Paroquial foi assumida pelo governo, tendo as irmãs professoras, inicialmente continuado a lecionar nas mesmas. Também a catequese, sobretudo de 1ª Eucaristia, continuou marcando a forte presença das freiras junto à infância e juventude rodeense.<sup>173</sup>

Segundo Marques (2001)

as irmãs, tanto Catequistas quanto da Imaculada Conceição, tinham origem italiana. Falavam a mesma língua. Trabalhando nas escolas paroquiais, tal como os professores italianos, tornavam-se alvos de identificação com uma cultura não reconhecida como nacional-brasileira. A língua corrente nestes estabelecimentos era a italiana, fosse gramatical (dos livros e dos padres italianos) ou dialetal (fluente na linguagem verbal dos moradores, os quais, em grande maioria, originários do Trentino, principalmente na sede de Nova Trento).<sup>174</sup>

Em virtude da lei de nacionalização do ensino que estava em vigor, no ano 1938, o governo brasileiro exigiu que “todas as irmãs alemãs, que quiserem continuar no magistério, deveriam renunciar à sua cidadania de origem e naturalizar-se brasileiras.”<sup>175</sup>

No intuito de compreendermos a problemática do nosso objeto de pesquisa, após a análise da forma como se constituiu essa realidade, percebemos de antemão três momentos históricos distintos que marcam a trajetória do dialeto Trentino.

Poderemos nominá-los através de três sentimentos: medo; vergonha e orgulho, os quais serão analisados ao longo do capítulo.

A saber:

<sup>170</sup> BERTOLDI; SCOTTINI, op. cit., p. 25.

<sup>171</sup> As três primeiras irmãs foram: Irmã Maria Avosani, Irmã Amabile e Irmã Liduína Venturi. Elas foram instruídas pelas Irmãs da Divina Providência.

<sup>172</sup> Ibid., p. 22.

<sup>173</sup> FUCK, op. cit., p. 108-109.

<sup>174</sup> MARQUES, Ana Maria. op. cit., p. 61.

<sup>175</sup> FUCK, op. cit., p.170.

1. O “medo” no período da Política de Nacionalização ocorrida entre os anos de 1937 a 1945, pelo Presidente da República Getúlio Vargas;
2. Depois da política de Nacionalização, a “vergonha” de falar a dialeto;
3. Festa do Centenário da Imigração Trentina em Rodeio - 1975 - o “orgulho” de falar o dialeto Trentino;

#### 4. O “Medo”<sup>176</sup> durante a política de nacionalização.

Ano de 1930 assume a presidência da República do Brasil, Getúlio Dornelles Vargas. Nesse período

o Brasil não tinha fragmentação geográfica, mas precisava lidar com a diversidade cultural e lingüística que se faziam presentes na sua formação com base em várias etnias. A questão foi enfrentada pelo governo, nas décadas 30/40 entendendo que: (...) já conquistada historicamente a unidade territorial e a unidade política do país, fazia-se necessário implantar e/ou solidificar a unidade cultural brasileira; devolvendo o sentimento de nação, alimentado pela sua vertente lusa<sup>177</sup>

No ano de 1937, Vargas fecha o Congresso Nacional e instala o Estado Novo, um regime ditatorial, de forte inspiração nacionalista

a Constituição de 1937, absolutamente autoritária e centralizadora, deu a Getúlio Vargas plenos e absolutos poderes de gerir a seu gosto as leis do país. Governando por decretos, excluiu o mandado de segurança (instrumento das liberdades públicas). (...) Estava pronto o cenário para as medidas repressivas: os decretos de imposição, liberdades cerceadas, garantias individuais negadas. Com a repressão à língua, os incautos falantes e delatados por um vizinho eram então enquadrados na Lei de Segurança Nacional como criminosos que atentavam contra a segurança do Estado.<sup>178</sup>

Sendo a região Sul do Brasil colonizada e habitada, de acordo com Campos (apud Santos, 1977, p. 109-110)

além de descendentes de alemães e italianos, habitavam o estado também populações de origem açoriana, no litoral, especialmente, nas cidades de Florianópolis, São Francisco e Laguna; populações que herdaram tradições

<sup>176</sup> Colocamos em cada momento histórico, um sentimento, que ilustra o momento vivido por italianos e seus descendentes.

<sup>177</sup> FIORI, Neide Almeida. A cultura luso-brasileira ameaçada? Controvérsias dos tempos da segunda guerra mundial. Dinâmicas multiculturais, novas faces, novos olhares. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 1996 p. 621 a 630 apud LIZ, Renilda Aparecida Costa de. **A identidade Nacional Brasileira e a Educação: Homogeneidade x Pluralidade Cultural**. Florianópolis, 2001. 91p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia Política) Florianópolis: UFSC, p.23.

<sup>178</sup> FÁVERI, Marlene de.op. cit., p.98.

de origem gaúcha, no oeste e planalto, também sobreviventes das tribos Xokleng e Kaingang; guetos de negros, descendentes de escravos, além de alguns descendentes de imigrantes europeus e asiáticos.

Obviamente o estado apresentava uma população com culturas heterogêneas, e segundo Campos a política de nacionalização via a sociedade catarinense como “lugar de emergência de sinais de rebeldia às práticas uniformizadoras empreendidas pela política nacionalizante de Vargas que, desconsiderando diversidades culturais, empenhou-se em inventar uma nação unificada, homogeneizada, portadora de um único tipo de habitante, adaptado aos costumes e práticas nacionais.”<sup>179</sup>

Segundo Correa, “o imigrante europeu tem maior senso de preservação de sua história e cultura, buscando evitar o desaparecimento e a conseqüente perda de sua identidade.”<sup>180</sup>

Mas para não serem reprimidos, deveriam ocultar ou anular sua identidade cultural e étnica. Castells entende por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.”<sup>181</sup> E acrescenta “lançaria como hipótese de que a língua, principalmente uma língua plenamente desenvolvida, constitui um atributo fundamental de auto-reconhecimento(...).”<sup>182</sup>

Mesmo que essa identidade étnica tenha sido construída no Brasil. No caso dos imigrantes italianos, Rogatto assegura que

a “identidade italiana” surgiu somente quando os imigrantes se inseriram na economia colonial. Isto porque essas pessoas identificavam-se com o “paese” ou região de origem, portanto não se percebiam “italianas”, tanto as que pertenciam ao reino da Itália, quanto as que estavam vinculadas ao Império Austro-Húngaro. Será frente aos “brasileiros” que eles se descobrem italianos.<sup>183</sup>

<sup>179</sup> CAMPOS, Cynthia Machado. Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas apud **Fronteiras: Revista Catarinense de História/ Universidade Federal de Santa Catarina**. Departamento de História, Programa de pós-graduação em História da UFSC e Associação Nacional de História (ANPUH-SC). n.7 (1999). Florianópolis: imprensa Universitária. 1998/1999. p. 46.

<sup>180</sup> CORRÊA, Isaque de Borba. op. cit., p. 53.

<sup>181</sup> CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra. 2008. p. 22.

<sup>182</sup> Ibid., p. 70.

<sup>183</sup> ROGATTO, op.cit.,1990. p. 413.

A prevalência do conceito de nação sobre os valores individuais (a proibição do uso de um dialeto aprendido em família, por exemplo) é uma das características do fascismo italiano e do nazismo alemão, em ascendência naqueles dois países no durante a década de 1930. Por esse e outros aspectos, o regime totalitário de Vargas se assemelhava àquelas duas correntes ideológicas, estimulados pelo medo e ansiedade da classe média após a Primeira Guerra Mundial.

Foram os avanços e o recrudescimento dos regimes de Mussolini na Itália e de Hitler na Alemanha que provocaram a Segunda Guerra Mundial. Ao lado do Japão, os dois países formaram o Eixo, que era combatido pela Aliança, um agrupamento de países como Estados Unidos, Reino Unido, França e União Soviética. Vargas buscou manter-se neutro, apesar da pressão norte-americana para tomar posição. Por fim, em janeiro de 1942 o Brasil rompeu relações diplomáticas e declarou guerra aos países do Eixo - Alemanha, Itália e Japão.

Com o rompimento, os imigrantes “alemães, japoneses e italianos passaram, então, a serem vistos, como traidores e “quinta-colunas.” Dessa forma, eram diabolizados, criando-se no meio da população um imaginário de medo”.<sup>184</sup>

No processo de nacionalização não usar a língua portuguesa era considerado uma traição à pátria. O uso da língua estrangeira definia o falante, segundo Fiori, “se a língua era o italiano, tratava-se de um fascista; se era o alemão, estava-se diante de um nazista.”<sup>185</sup> Dessa forma percebemos que o medo estava presente nos “dois lados da história,” tanto dos estrangeiros quanto dos nacionais.

Além disso, Fáveri informa que Vasco Leitão Cunha, ministro interino da Justiça declarou que o estrangeiro pode continuar tranqüilo, mas os que cooperarem com os espões estrangeiros, e por a segurança do Brasil em perigo, podem ser até fuzilados.<sup>186</sup>

O Edital que a Secretaria de Segurança Pública veiculou em 1942 contribuiu para a política de “nacionalização forçada”<sup>187</sup> dos estrangeiros que adotaram o Brasil como segunda pátria.

---

<sup>184</sup> FÁVERI, op. cit., p. 46.

<sup>185</sup> Ibid., p.101.

<sup>186</sup> Ibid., p. 47.

<sup>187</sup> FIORI, Neide Almeida. (Org). **Etnia e educação: a escola alemã do Brasil e estudos congêneres**, 2003, p.15.

No dia 21 de abril de 1942, é realizada em Rodeio a inauguração do Grupo escolar “Oswaldo Cruz”<sup>188</sup>, sendo a “primeira Escola Pública Estadual Brasileira em Rodeio, em substituição à Escola Italiana, pois a Colônia encontrava-se em pleno processo de nacionalização da língua Portuguesa.”<sup>189</sup> Cani também informa que no início o Grupo Escolar recebeu uma equipe de professores de Florianópolis, para trabalharem com a formação brasileira dos rodeenses.

Antonio Adami recorda que

na época da proibição, nós, eu era criança (...) nossa maior dificuldade foi quando começamos a estudar, com 7 anos, era aprender Português. Naquela época não se falava Português só italiano. Pra aprender o Português foi brabo, pra mim por exemplo.

Aprender o Português na sala de aula era comum para a época. Da mesma forma, Orlando Girardi comenta:

minha mãe não me ensinou Português, ela ensinou o dialeto Trentino, não o Italiano, mas o dialeto do Trentino. Eu fui aprender o Português com 6 anos e meio, 7 anos quando eu comecei ir pra aula na escola Amábile Avosani, lá no Rodeio 50.<sup>190</sup>

No convite da solenidade de inauguração do Grupo Escolar estava escrito: “O Departamento de Educação tem o máximo prazer convidar-vos e Exma. família para assistir às 10 horas, ao ato inaugural do grupo escolar ‘Oswaldo Cruz’, da cidade de Rodeio, que será presidido por Sua Excelência o Senhor interventor Federal Dr. Nereu Ramos.”

Em ocasiões públicas como a inauguração, tendo a presença expressiva da população, no ano de 1940 o município tinha uma população de 12.389 habitantes<sup>191</sup>, as autoridades políticas aproveitavam para propagar e reforçar os conceitos ideológicos que defendiam.

Segundo o senhor Érico Moser,

eu nunca esqueço, na inauguração do Grupo Escolar ‘Oswaldo Cruz’, Nereu Ramos, o então interventor do Estado de Santa Catarina, disse: os que não quiserem aprender a falar o brasileiro, ele deu ordem para os professores

<sup>188</sup> “Em homenagem ao Exmo. Senhor Dr. Getúlio Vargas”, conforme convite veiculado na ocasião.

<sup>189</sup> CANI, Iracema Moser. op.cit.,1997. p.12.

<sup>190</sup> GIRARDI, Orlando, (53 anos). Entrevista concedida à autora em 09/08/2008. Rodeio.

<sup>191</sup> JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **Interpretação Regional do Município de Rodeio**. 1948. p. 48.

queimar a língua com ferro, aí projetou-se, já que tínhamos a Guerra Mundial, o medo de falar italiano e a perseguição.<sup>192</sup>

Este é um exemplo do que Pollack se refere a respeito da doutrinação ideológica e a sobrevivência de lembranças traumatizantes, que esperam “o momento propício para serem expressas (...), essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas”.<sup>193</sup>

O discurso do interventor é explícito, criminaliza toda qualquer “fala” que não seja a língua nacional. Vicenzi lembra que os livros adotados nas escolas italianas, antes da intervenção do governo, eram “L’Abbaco, Il Libro di Peppino, La Storia Sacra, Il Catechismo, La Piccola Storia de Itália, e outros fornecidos pelos Consulados Italiano e Austríaco. E acrescenta que “não havia textos em Português.”<sup>194</sup> A ausência de textos em Português apenas dificultava o aprendizado da língua Portuguesa por parte das crianças e aprofundava o conflito entre os que defendiam o uso exclusivo da língua nacional e os que defendiam o idioma dos imigrantes.

Fáveri argumenta que desde o início do século XX, durante a Primeira Guerra, a nacionalização dos estrangeiros presentes no Brasil sinalizava um problema a resolver. “Não houve investimentos que dessem resultados - a língua, escolarização, preces coletivas, cultos e as sociabilidades eram realizadas da forma apreendida dos pais e avós.”<sup>195</sup> Foi somente com as políticas educacionais voltadas para a alfabetização, com a Carta Constitucional de 1934 que a União passou a fixar as diretrizes e bases da educação. Em Santa Catarina, algumas medidas já estavam em vigor. No ano seguinte, reformas e decretos intensificaram a fiscalização em torno da nacionalização do ensino.<sup>196</sup>

entre 27 de janeiro de 1942 e 27 de janeiro de 1943, foram realizadas 1.227 detenções e abertos 27 inquéritos por reincidência do uso do idioma Alemão ou Italiano, em Santa Catarina, conforme o relatório do delegado de Ordem Política Social, Antonio de Lara Ribas, detenções estas feitas

<sup>192</sup> MOSER Érico op. cit., O senhor Érico teve como língua materna o dialeto Trentino e aprendeu a língua portuguesa na escola.

<sup>193</sup> POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/comum/htm](http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm) acesso em: 15/10/2008.

<sup>194</sup> VICENZI, op. cit. 2000.p. 98.

<sup>195</sup> FÁVERI, op. cit., p.101.

<sup>196</sup> Ibid., p. 102.

principalmente em Blumenau, Joinville, Hamônia, São Bento, Rio do Sul e Rodeio.<sup>197</sup>

De acordo com Fiori, seguindo orientação nacional, os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul elaboraram em 1938 as primeiras leis nacionalizadoras. Nesses Estados o ensino passou a ser ministrado exclusivamente em Português. Foram proibidas as legendas, inscrições em outro idioma que não nacional.<sup>198</sup>

Em Rodeio, como consta no livro do tombo,<sup>199</sup> no ano de 1936, a Igreja tratou logo de rever sua conduta em relação à língua usada nos atos religiosos, tanto é que “por determinação do Exmo. Bispo diocesano Dom Pio de Freitas será feita a pregação na última missa nos domingos e dias de festa em língua vernacola. (pregação portuguesa)(sic). Até pouco tempo acostumava-se fazer todas as pregações em língua italiana”. E vai além,

estando o governo resolvido a abrir escola governativa em Rodeio, tomamos por nossa parte a resolução de oferecer ao governo as escolas paroquiais (sic) com a condição de sempre nomear os professores e professoras e ver respeitadas todas as leis de Deus e da Santa Igreja Católica (sic). Dessa maneira as escolas ficaram paroquiais em terrenos da Mitra e aceitarão o programma (sic) do governo, esperando que será dado a Deus o que é de Deus e a César o que é de César, tanto mais que todos os bons presidentes da república brasileira tiveram por programma (sic) (Deus, família e pátria).<sup>200</sup>

A proposta foi aceita e já, no ano seguinte em Rodeio “as escolas de São Pedrinho, Diamantina, Rio Bello, Santa Maria e Provessão do Tigre ficaram escolas paroquiais (sic) municipais e as escolas de Rodeio, de São Vigílio e Pinheiro ficaram escolas estaduais.”<sup>201</sup>

Em 1937 novas mudanças ocorreram, em especial no campo religioso. Além de investir na escolarização, o governo passou a se valer da Igreja para persuadir os colonos. Provavelmente o fez motivado pela abrangência geográfica da Igreja (com capelas e cultos distribuídos em todas as localidades) e pela influência que os sacerdotes exerciam sobre a fé dos imigrantes. A igreja representava o bem maior, portador da verdade e, portanto, merecedora de obediência.

<sup>197</sup> Ibid., p. 96-97.

<sup>198</sup> FIORI, op. cit. 2003. p. 19.

<sup>199</sup> Livro tombo na paróquia São Francisco de Assis. Rodeio, v.I. 1936, p.82.

<sup>200</sup> Idem. p. 82.

<sup>201</sup> Ibid. 1937, p. 83.

Em função disso, consta no livro tombo que “dando a Cesar o que é dele, começamos em junho em diante a fazer as práticas da missa das 7 e das 9 1/2 em língua vernacola (*sic*). Também as rezas e cânticos em grande parte foram executados na língua do paiz(*sic*) em particular a oração pela pátria.”<sup>202</sup>

A política de nacionalização chega a Rodeio, junto e na pessoa de Nereu Ramos. O medo já pairava no ar, mas passa a ser real e próximo a partir desse momento. E não é por menos, pois no convite para a inauguração do Grupo Escolar Oswaldo Cruz,<sup>203</sup> que circulou pela cidade convite constava a seguinte declaração, atribuída a Getúlio Vargas: “ser brasileiro não é somente respeitar as leis do Brasil e acatar as suas autoridades Ser brasileiro é amar o Brasil. É possuir o sentimento que permite dizer: o Brasil nos deu o pão; nós lhe daremos o nosso sangue.”<sup>204</sup>

Dentro do contexto nacional, mencionado no capítulo anterior, passamos a entender que essas palavras estão destinadas exclusivamente aos imigrantes e descendentes, especialmente quando declara ‘o Brasil nos deu o pão’, devido às condições que os imigrantes estavam no momento de chegada ao Brasil. E nas palavras de ‘acatar as suas autoridades’ é conseqüentemente obedecer a suas ordens, e de fato abrasileirar os imigrantes.

Stuart Hall afirma que

não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero e ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural?<sup>205</sup>

---

<sup>202</sup> Ibid., 1937, p. 86.

<sup>203</sup> No período da campanha de nacionalização, clubes, escolas e outras entidades que antes tinham nomes de origem estrangeira tiveram que mudar. Em Rio do Sul, o Clube Caça e Tiro Dias Velho tinha outro nome. “Seu nome original era "Schützverein Bella Alliança" ou traduzindo-se "Sociedade de Atiradores Bella Alliança. Esta sociedade foi fundada em 08 de dezembro de 1912 quando o município de Rio do Sul ainda era pertencente a Blumenau (...). O nome característico adotado pelo povo pioneiro da época teve que ser abandonado, e uma nova denominação foi criado: "Clube de Caça e Tiro Dias Velho" nome adequado e permitido pelas autoridades". Disponível em <http://www.cctdv.com.br/historico.html> acesso em: 24/02/2009.

<sup>204</sup> Convite de inauguração do Grupo Escolar “Oswaldo Cruz”. Rodeio- SC 21/10/1942.

<sup>205</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural pós- modernidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. PD&A, 1998. p. 59 apud LIZ, Renilda Aparecida Costa de. **A identidade Nacional Brasileira e a Educação: homogeneidade x pluralidade cultural.** Florianópolis, 2001. 91p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia Política) UFSC, Florianópolis. p. 26.

O intuito era acabar com as diferenças culturais existentes e transformar a população brasileira em uma massa homogênea, ou ainda (trans) formar um povo designado brasileiro.

Com a ditadura de Getúlio Vargas, “foram introduzidos os livros didáticos obrigatórios em Português nas escolas, tanto italianas como alemãs. Daí por diante quem falasse Italiano ou Alemão seria punido.”<sup>206</sup>

Nesse sentido o governo não mede esforços para alcançar seu objetivo, e o primeiro aspecto cultural a ser sofrer com a intervenção do governo foi exatamente a língua. No mesmo convite consta uma declaração, atribuída ao interventor federal Nereu Ramos,

é de mister que o nosso idioma, o idioma do Brasil, seja conhecido e estimado não só dos que tiveram a ventura de descerrar os olhos sob o céu deste pedaço da terra que Cabral descobriu, sinão (*sic*) também dos que para aqui se transportaram com a alma desvestida de intenções suspeitas, e com o só propósito de aqui viverem vida mais feliz, mais livre e mais humanos.

A qual liberdade Nereu Ramos se referia? É certo que não à liberdade de expressão dos imigrantes e seus descendentes se expressarem a partir da data em que entra em vigor a política de nacionalização. Quem infringisse a lei, por falar em sua língua, sofria duras penas, não só físicas, mas principalmente psicológicas e sociais. Érico Moser explica que as famílias alemãs sofriam da mesma forma, “Eu vi muitos, por exemplo, de origem alemã aqui nesse trecho<sup>207</sup> carpindo a estrada, ficavam aqui dois ou três dias, depois mandavam para casa (...).”<sup>208</sup>

Anna Notari<sup>209</sup> lembra que naquela época “não podia falar Italiano. A polícia cuidava, às vezes vinham até na porta escutar se a família falasse Italiano dentro de casa e prendiam, prenderam famílias inteiras.”

Anna Notari declara “eu ia pra aula naquela época e eles iam capinar ao redor do grupo escolar...”, fazendo referência às pessoas presas por não falarem o Português.

São “cenas” presentes de um modo geral na memória de várias pessoas, pois foram mencionadas várias vezes, por pessoas diferentes. Capinar a rua tornou-se

<sup>206</sup> VICENZI, Pe. Victor. op. cit., 2000. p. 98.

<sup>207</sup> Faz referência a um determinado espaço dentro da cidade de Rodeio.

<sup>208</sup> MOSER, Érico. op. cit.;

<sup>209</sup> NOTARI, Anna. op. cit.,

uma punição muito forte, pois era tido como uma das punições mais humilhantes e mais significativas aos falantes dialetais.

Érico argumenta também que os castigos eram aplicados com mais freqüência aos imigrantes ou descendentes que eram desprovidos de prestígio social “(...) o mais esperto, sabe levar vantagem, às vezes se ele tivesse falado Italiano, mas ele era um cidadão mais importante que um - “coitado”-, ele se defendia melhor, como acontece com a justiça hoje em dia.”<sup>210</sup>

Juntamente com o medo de serem presos, os imigrantes italianos ou alemães e seus descendentes carregavam o receio de passar por essas humilhações ou ainda ficarem sujeitos a qualquer tipo de recriminação.

Elisabeta Pasqualini lembra que em sua infância, em Rodeio,

todo mundo falava só Italiano, em casa. Quando nós entramos na aula, ninguém sabia falar uma palavra...em Português...aí a maior façanha, a maior aventura, era chegar em casa e dizer que a gente conversou alguma coisa com a professora... só dava para dizer um “simm” “nom”, sabe a pronúncia...também...a gente falava como lia.<sup>211</sup>

Segundo Fáveri “em Joinville, um “auf wiedersehen” (até logo), num ponto de ônibus”, levou um imigrante à prisão “onde tomou óleo de rícino como castigo.”<sup>212</sup> A mesma punição foi lembrada e mencionada por Joaquim Fiamoncini morador do bairro Diamantina (Pico), em Rodeio - SC.

Outra entrevistada, Mafalda Notari Scoz<sup>213</sup> lembra que no período da nacionalização “todos os livros, quadros, tudo que remetia à Itália eram queimados, às vezes pela polícia, às vezes, por medo pelos próprios imigrantes”, inclusive seu pai queimou “bonitos livros e belos quadros”. Essa realidade também é relatada por Vicenzi e confirma que os imigrantes vindos da região trentina “traziam consigo apenas seus pertences pessoais: roupas, utensílios domésticos, livros devocionais, ferramentas e objetos comuns.”<sup>214</sup>

É necessário chamar a atenção para o quadro político brasileiro, do qual importante observação foi feita pelo Padre Vicenzi,

<sup>210</sup> MOSER, Érico. op.cit.,

<sup>211</sup> PASQUALINI, Elisabeta. (75 anos) Entrevista gentilmente cedida por Teresa Adami Tanaka. 2007.

<sup>212</sup> FÁVERI. op. cit., p. 116.

<sup>213</sup> SCOZ, Mafalda Notari. (84 anos). Entrevista concedida à autora em 16/09/08 em Rodeio.

<sup>214</sup> VICENZI, Pe. Victor. op. cit., 2000. p. 39.

entretanto é de estranhar, como existissem injustas perseguições aos teuto-italianos nesta segunda Guerra Mundial, enquanto seus filhos combatiam no front italiano pela liberdade e pela vitória das Nações Unidas. A língua italiana estava proibida como também a alemã.<sup>215</sup>

Ao mesmo tempo em que esses imigrantes representavam o “inimigo”, tanto como portadores de uma língua e cultura que não condiziam com a desejada ao Brasil, quanto da origem do país pertencente ao Eixo.

Segundo Dolzan, “Rodeio foi a cidade de Santa Catarina em que proporcionalmente mais homens foram convocados.”<sup>216</sup> Ao todo, 17 expedicionários rodeenses integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Como forma de homenageá-los, seus “porta-retratos” ocupam lugar de destaque no hall da prefeitura de Rodeio.

Vilna Pretti, que lecionou na comunidade de Limeira, em Brusque, citada por Fáveri afirma: “Eu fui obrigada a aprender a falar o Italiano quando fui pra lá, porque naquela comunidade só tinha duas famílias que falavam o Português. Prá você ver a minha luta como é que foi e eu só tinha 16 anos. Na escola eles mandavam que os filhos dessem a resposta pra mim em Italiano (...).”<sup>217</sup>

Ainda hoje em Rodeio muitas pessoas preferem falar em dialeto. Outras aprenderam o dialeto Trentino, por necessidade, utilizando-o como ferramenta para executar seus trabalhos. É caso do Médico Dr. Mauro Ludwig, natural de Ituporanga, mas residente em Rodeio há mais de 30 anos. Com os moradores aprendeu a falar o dialeto italiano, pois seus pacientes, especialmente os mais idosos não dominaram a língua portuguesa. Outro médico, Filho de Silvio e Maria Fiamoncini, populares comerciantes da cidade, Dr. Hélio Fiamoncini, natural de Rodeio, fala o fluentemente o dialeto. Dona Maria, sua mãe, hoje com 84 anos, ainda atende os clientes, em especial os agricultores, sempre falando o dialeto. Já o Dr. Fernando Vicchiatti, natural de Florianópolis, mas residente em Rodeio há mais de 30 anos, não fala fluentemente o dialeto, mas entende tudo o que é falado, especialmente por

<sup>215</sup> VICENZI, Pe. Victor. op. cit., 2000. p.119.

<sup>216</sup> DOLZAN, Janiane Cinara. **A (re) invenção da italianidade em Rodeio – SC**. Florianópolis, 2003. 120 p. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.103.

<sup>217</sup> FÁVERI, op. cit., p. 120.

trabalhar no Sindicato Rural de Rodeio e com a convivência direta com os agricultores.<sup>218</sup>

Pelo relato de Vilna, vemos que a dificuldade não existia somente para as pessoas que se expressavam em língua estrangeira, mas também com falantes da língua portuguesa que precisavam criar um canal de comunicação com os demais.

Apesar da forte pressão da política de nacionalização, a resistência por parte dos falantes dialetais rodeenses também foi forte, pois Anna Notari lembra que foi para a escola no ano de 1949 e diz que “os alunos sabiam um pouco falar o Português, porque as professoras não falavam Italiano. Mas a maioria dos alunos iam para a escola falando Italiano. Dentro de sala de aula não falavam Italiano.”

Em relação à política de nacionalização, Paulo Notari conclui “em Rodeio e vale do Itajaí 90% são trentinos, eles tinham que prender todos, ninguém ia se envolver contra o Brasil nem nada, foi uma ideia, uma política errada que passou por aqui.”<sup>219</sup>

## 5. A “vergonha” de falar dialeto Trentino ou Italiano.

Na pesquisa de campo, constatamos duas situações coincidentes, uma em Concórdia, outra em Rodeio. Dois dos entrevistados levavam a mão à boca ao falar nos dialetos Trentino e Talian. Estas atitudes podem se configurar como forma de vergonha, uma maneira de esconder ou ocultar a fala. Partindo desse pressuposto, intitulamos e caracterizamos o segundo período como sendo o período da vergonha de falar em dialeto Trentino. O período está compreendido após a II Guerra Mundial e perdura até a década de 70 e 80.

Antonio Adami lembra que “com a proibição, falava-se só o Português, então quem falava Italiano era o pessoal do interior, mais simples, mais pobre, era discriminado por causa disso aí.”<sup>220</sup> e acrescenta “a gente sentiu, nós éramos jovens daquela época, havia uma certa distinção de quem falava Italiano e vinha dos bairros da periferia e quem era da sociedade, lá do centro (...).”

Com a fala de Adami, fica visível que a vergonha foi mais sentida, pelas pessoas que moravam majoritariamente na periferia e no meio rural, pois

<sup>218</sup> Informações fornecidas pela professora Helena Notari Rieg, via correio eletrônico em 03/03/2009.

<sup>219</sup> NOTARI, Paulo. (79 anos). Entrevista concedida à autora em 16/09/2008 no Ipiranga, Rodeio.

<sup>220</sup> ADAMI, Antonio. (64 anos). Entrevista concedida à autora em Rodeio no dia 17/09/2008.

diferentemente das pessoas que moravam no centro da cidade, mantinham o dialeto mais presentes em seu cotidiano e com menos influência da língua portuguesa.

Esse sentimento ficava presente quando esses se deslocam para o perímetro urbano, tanto para resolver problemas do cotidiano ou morar. No perímetro urbano, as pessoas consideravam que o status vinha do falar o Português e não mais o dialeto Trentino. Ainda hoje encontramos uma maior incidência de falantes dialetais no interior do município, onde o círculo social dessas pessoas ainda consiste em pouco contato com a língua portuguesa, recorrendo a essa sempre que for solicitado.

Por que a vergonha? Ela foi resultante do processo do medo durante a Segunda Guerra, aliado ao árduo trabalho da nacionalização do ensino. Quem ainda falava Italiano era considerado “atrasado” “colono”. Não deveria mais falar Italiano, deveria falar Português, sendo essa língua sinônimo de progresso.

## **6. As Características do Talian e do dialeto Trentino na fala dos descendentes.**

De acordo com Corrêa,

os imigrantes que povoavam o território catarinense trouxeram suas culturas, seus sotaques e os dialetos de suas regiões de origem, pois em muitos países, inclusive os de pequena extensão, falavam-se diversos dialetos. Tais dialetos com o passar dos anos criaram sotaques e falares diferenciados pelo estado catarinense.<sup>221</sup>

É a partir disso que se analisa a influência do Talian e do dialeto Trentino na fala dos descendentes de italianos nos municípios pesquisados já que se percebeu que essa característica é bastante presente, principalmente na fala da língua portuguesa.

O rodeense Joni declara que no tempo de escola, na década de 70, passava por alguns constrangimentos: “tu sentia assim, que existia quase... não digo discriminação, mas quase discriminação...”<sup>222</sup> e continua, que no tempo de escola “tudo o que você queria era que o professor não te chamasse pra alguma coisa em

<sup>221</sup> CORRÊA, Isaque de Borba. op. cit., p. 40.

<sup>222</sup> PASQUALINI, Joni. (48 anos) Entrevista gentilmente cedida por Teresa Adami Tanaka. 2007.

público, tipo, lê ou falar alguma coisa... se falava *tera*,<sup>223</sup> já criava aquele clima de que ‘ô, esse é que é o colonão, mesmo! a gente se sentia, a gente ficava retraído. ”

Esse foi um exemplo de muitas situações semelhantes que aconteceram na vida do entrevistado. Observamos que isso ocorreu e ocorre no contexto de uma comunidade de origem italiana, e ainda hoje acontecem situações similares, em outros contextos e sob nova roupagem. Por exemplo, o depoimento de Dona Elisabeta<sup>224</sup> se referindo ao seu sotaque, “eu ainda não perdi... que não tem ninguém que não me pergunte da onde eu sou” e seu filho complementa “ah, isso sim... tenho um sotaque... que não tem uma pessoa que não me pergunte (...) se eu nasci na Itália...”. Nota-se que mãe e filho, apesar de morarem há vários anos em outra cidade, de fato não perderam o sotaque da terra de origem. Pode-se identificar aí, um aspecto marcante de sua identidade.

Fiamoncini<sup>225</sup> entende que o falar regional permite a identificação entre os falantes. Por exemplo, os falantes de Rodeio se (re) conhecem e sabem diferenciar os sotaques do dialeto Trentino falado na região. Acrescenta que cada comunidade do município existe variações na fala. Assim “no Pico [Diamantina] a gente fala um tipo de Italiano, no Rio Belo é outro tipo de Italiano (...) em cada comunidade é o mesmo Italiano, mas com sotaque diferente.”

Confortin reforça que “cada grupo humano se caracteriza por uma série de traços culturais que a vida comum acarreta” como a “particularidade lingüística da comunidade.”<sup>226</sup>

Pasqualini relembra “quando chegamos aqui em Florianópolis, em 79... pra não sair um ‘tera’, um ‘Rodeio’<sup>227</sup> tinha que ficar te policiando na hora de falar,

---

<sup>223</sup> Tera:terra. Pesquisa realizada em 2001 analisa “os traços fonológicos que caracterizam a fala de descendentes de italianos residentes em Chapecó. Para complementar, destacamos que estes traços podem ser identificados, empiricamente, pela substituição de encontros vocálicos nasalizados de finais de palavras como em [mon] (mão), lateralização de /l/ em palavras como [sal], pronunciadas normalmente como [saw] e, particularmente, troca da vibrante múltipla simples em contextos intervocálicos, como em [Karo] (carro)(...) Este trabalho se atem ao aspecto que a autora considera mais marcante “ que é a dificuldade no uso da vibrante dentro das normas do dialeto-padrão do português brasileiros. Para saber mais ver SPESSATTO, Marizete B. **Marcas da História:** características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. Florianópolis, 2001. 100 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Lingüística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

<sup>224</sup> PASQUALINI, Elisabeta. op. cit.,

<sup>225</sup> FIAMONCINI, Décio. (35 anos). Entrevista concedida a autora em 15/09/2008 em Diamantina-(Pico), Rodeio.

<sup>226</sup> CONFORTIN, op. cit., p. 21.

porque senão era direto... então “terra”, ninguém falava terra (...). Isso ilustra a constante preocupação em pronunciar corretamente a língua portuguesa, mas é interessante notar, que o inverso também acontecia/acontece na “preocupação de não usar o erre, quando era um erre só saía “brranco.”<sup>228</sup>

Ora, o fato de falar ‘*tera* e *Rodeio*’ e não pronunciar os dois “erres”, ou a vibrante múltipla /Ri/ no início da palavra, não é considerado ‘errado’ pelos linguistas, mas é visto como regionalismo.

Marques referindo-se à região do Vale do Itajaí afirma que

romper o processo discursivo da linguagem verbal dos colonos era também um ato de dominação, de interferência no sentido do próprio discurso. O dialeto italiano, mais freqüente na cidade, resistiu ao ideário liberal nas relações cotidianas mais íntimas: de família, de amizade, de afetividade. Ainda hoje, mesmo aqueles que não falam corretamente o dialeto, **têm uma forma própria de falar o Português.**<sup>229</sup> (grifo nosso)

Esse exemplo não é restrito à região mencionada. Podemos identificar o exemplo também nas regiões do Oeste e Meio-Oeste do Estado de Santa Catarina, onde também ocorreu imigração de origem italiana - de famílias que haviam se estabelecido inicialmente na Serra Gaúcha - diferente do Vale do Itajaí, do Vale do Rio Tijucas e do Sul do Estado, onde se instalaram famílias vindas diretamente da Itália.

Nesse sentido podemos inferir que essa particularidade lingüística, existente tanto em Rodeio (médio Vale do Itajaí), quanto em Concórdia, (Oeste) ocorre porque em ambos os municípios têm colonização italiana, e conseqüentemente a presença do dialeto Trentino e do Talian respectivamente. Ressaltamos aqui que a incidência dessa particularidade lingüística é mais acentuada em falantes que têm maior contato com o Trentino ou com o Talian, justamente porque esses, não têm a presença de [rr]. Por exemplo, a palavra guerra, se escreve e se pronuncia *guera*.<sup>230</sup> Portanto ao aprender ou falar a língua portuguesa, continuam a não pronunciar os [rr].

Camara Jr. aponta que

o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a má reprodução dos alofones, mas o fato de não sentir os traços distintivos dos

<sup>227</sup> As duas palavras entre aspas, fazem referência a troca da vibrante múltipla [rr] pela vibrante simples [r].

<sup>228</sup> TANAKA, Teresa Adami. Em entrevista com Elisabeta e Joni Pasqualini. 2007.

<sup>229</sup> MARQUES, Ana Maria. op.cit., 2001. p. 62.

<sup>230</sup> LUZZATTO, Darcy Loss. op. cit., 1994. p. 25.

fonemas que são mais ou menos semelhantes na sua língua materna, (...) exemplifica que usando a consoante que, em inglês, é indicada na escrita por th, e que pode ser pronunciada por um brasileiro como /t/ou /s/., os quais existem como fonemas em inglês.<sup>231</sup>

Importante notar, que essa característica ou fator identitário acompanha o falante, independente de seu grau de instrução. Por isso, mesmo consciente da correta pronúncia portuguesa, frequentemente ocorre um deslize, como Teresa declara “hoje em dia ainda de vez em quando escorrego, falo *cachoro*, *tera*.”<sup>232</sup>

Porém, o senso comum ainda o considera um grave erro, contribuindo assim para a manutenção de estigmas e preconceito em relação aos falantes oriundos de regiões de colonização italiana. Porém antes de estigmatizar é imprescindível, em especial da parte dos professores, conhecer o histórico do falante que apresenta essas características, para assim entender e respeitar esse fator identitário.

A superação de estigmas em relação aos regionalismos linguísticos no Brasil tem ocorrido por duas formas. Primeira e fundamental é a partir da educação e consequente esclarecimento das diferenças, ressaltada a alteridade de cada região. Outra é quando algum veículo de comunicação elege um regionalismo ou característica regional para que seja projetada em nível nacional ou ainda quando uma pessoa de destaque, um ídolo, fale com aquele sotaque sem se envergonhar por isso.

Assim, o regionalismo passa ter visibilidade e deixa de ser visto negativamente. Os exemplos são as novelas da TV Globo, que valorizaram/valorizam o sotaque nordestino. Outro exemplo é o tenista Gustavo Kuerten o - Guga - que após ganhar o campeonato de *Rolland Garros* deu visibilidade ao falar “manezinho.” No campo acadêmico/literário há o exemplo da obra *Os parceiros de Rio Bonito* de Antônio Cândido, que valoriza a cultura e o falar caipira paulista, e uma das obras-primas da literatura brasileira: *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, que reproduz o falar do sertão mineiro.

<sup>231</sup> Apud SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **Marcas da História:** características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. Florianópolis, 2001. 100 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.19.

<sup>232</sup> TANAKA, Teresa Adami. Em entrevista gentilmente cedida pela mesma. Se referindo às palavras “cachorro” e “terra”. Às vezes faz a pronúncia das palavras com somente um /r/.

O município de Rodeio apresenta exatamente o quadro que Boso descreve a situação lingüística brasileira, especialmente na região sul e define,

ao mesmo modo podemos afirmar, que não existe uma única língua portuguesa. A parte as variante regionais e sociais do mesmo Português, a presença dessas diversas etnias, deu-se como resultado um quadro composto de línguas e dialetos que convivem com a língua oficial. (...) língua e dialetos que se colocam em contato e em confronto com o Português, transformando-se e transformando-o. É um processo natural: duas línguas de convivem em uma mesma comunidade entram em contato e se modificam reciprocamente.” (tradução livre)<sup>233</sup>

A autora descreve que, a partir do contato entre uma língua em relação ao dialeto, há uma troca onde um se transforma e transforma o outro. Nesse sentido analisamos algumas pessoas nas circunstâncias atuais, em que ao sair de sua terra de origem, sofreram alguma forma de preconceito ao se expressar na língua portuguesa, pois esta se apresenta, ora carregada, ora com resquício do dialeto que se fez presente ou ainda continua em sua vida e que também lhe deixou marcas, que lhe caracterizam como falante dialetal, fator esse também identitário.

Souza, em *A etnia, a língua oficial e a escola*, traz em uma das suas hipóteses que “no meio oeste catarinense os falares étnicos (as línguas maternas, dialetos italianos) são causadores de prejuízos linguísticos em relação ao idioma oficial.”<sup>234</sup> Os prejuízos aos quais Souza se refere diz respeito a pronúncia do “erre” fonema /ri/ ou /Ri/ da língua portuguesa.

Manfrói reforça que no sistema oral “este sotaque era, muitas vezes, motivo de gozação, principalmente pela dificuldade do ítalo-brasileiro usar corretamente a letra ‘r’. Ou tinha erre demais ou erre de menos.”<sup>235</sup>

Ogliari, por sua vez, afirma que

(...) estudos apontaram entre outras coisas, que a vibrante tem ocorrências e freqüências diferenciadas por dialetos, isto é, ou ela pode servir como

<sup>233</sup> BOSO, Ivette Marli. op. cit., 2002. p.13-14. “allo stesso modo si può affermare che non esiste un’unica lingua brasiliana. A parte le varianti regionali e sociali dello stesso portoghese, la presenza di queste diverse etnie ha dato come risultato un quadro composito di lingue e dialetti che convivono con la língua ufficiale.(...) Lingue e dialetti che si pongono in posizione di contatto e confronto con il portoghese, trasformandosi e trasformandolo. É un processo naturale: due lingue che coesistono in una stessa comunità entrano in contatto fra di loro e si modificano reciprocamente”.

<sup>234</sup> SOUZA, Schirlei A.B de. **A etnia, a língua oficial e a escola**. Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis. 2001, p. 96.

<sup>235</sup> MANFRÓI. Olívio Imigração e Nacionalismo. Apud DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. (Orgs). **Simposio Internacional sobre Imigração Italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.p. 46

identificador da região de origem do locutor, ou como marca da sua identidade sociocultural.”<sup>236</sup>

Dessa forma, a hipótese de prejuízos linguísticos é descabida.

Segundo Cani,

os trentinos, por exemplo, são um grupo, os vênnetos outro, os lombardos outro e assim por diante. A consciência de “grupo” é tão evidente que é possível reconhecer um determinado grupo social através do modo de falar, do dialeto. O grupo trentino é titular de uma cultura, a defende, procura preservar-la, a respeita, a integra.<sup>237</sup>

E justifica exemplificando,

um dos sintomas fortes dessa cultura são por exemplo os provérbios, largamente empregado na formação das famílias no seu aspecto moral. Foi através dos ditos populares que se evidenciaram e ainda se reconhecem os sintomas de uma cultura transferida como herança moral, educacional, os quais se transformaram em títulos de cidadania para os descendentes

Spessatto (2001, p. 17) também afirma que “os falantes (descendentes de italianos) revelam dificuldades na produção diferenciada entre /r/ e /rr/, utilizando-os, muitas vezes em contextos que não condizem com as normas do padrão fonológico do Português brasileiro”. Porém justifica que,

atribui-se à dificuldade dos falantes na diferenciação entre os sons do fonema vibrante no Português brasileiro ao fato de o sistema fonológico dos dialetos vênnetos, do norte da Itália, de onde veio a maioria dos imigrantes italianos que se destinou ao Rio Grande do Sul e, posteriormente, ao Oeste de Santa Catarina, não apresentar essa diferenciação.

Diante do exposto, não consideramos ‘prejuízos lingüísticos’. Primeiro por se tratar de regionalismo, e segundo por se tratar de uma realidade lingüística específica, onde ocorre uma mescla de cultura sendo, portanto, uma questão intercultural. Devendo assim ser analisada e trabalhada considerando todos os aspectos que se entrelaçam (trans) formando a realidade lingüística local, estando essa diretamente ligada às raízes culturais e étnicas do referido grupo.

E por se tratar de uma questão intercultural, não cabe somente rotular e apontar as diferenças e classificá-las como boas ou ruins para o contexto social. Mas é o caso de justamente trabalhar com essas diferenças, apontando lados positivos e possibilitar o convívio equilibrado entre ambas às culturas. Afinal, o que

<sup>236</sup> OGLIARI (1999:426) apud SPESSATO op. cit., p. 17

<sup>237</sup> CANI, Iracema Moser. Coluna Pró-Dialeto. Cultura e Dialeto. Jornal **Circolo Trentino**. Maio de 1997. p. 13.

diríamos a um inglês que fala o Português com sotaque britânico, que sua língua materna causa-lhe ‘prejuízos’, uma vez que a língua inglesa exerce influência na pronúncia portuguesa? Ou na língua estrangeira que ele for se expressar? Ou pelo fato da língua inglesa desfrutar de certo prestígio social, isenta o falante do preconceito lingüístico?

Em relação ao dialeto Trentino, a partir da década de 70, a questão lingüística toma outra dimensão como resultado das festividades do centenário da imigração italiana em Santa Catarina, também realizadas na cidade de Rodeio. Adami declara que somente “em 75 teve a festa,... festa de centenário tudo aquilo que era proibido, era vergonha, virou tradição”.<sup>238</sup>

## 7. Festa do Centenário da Imigração Italiana em Rodeio (1975) –“orgulho” de falar o dialeto Trentino.

Segundo Agenor Marques em 1975 “no período entre 7 a 14 de Dezembro (...) foram feitas na cidade de Rodeio, estado de Santa Catarina, as festividades comemorativas ao 1º Centenário da Imigração Trentina ao Brasil.”<sup>239</sup>

De acordo com Agenor Marques, ainda por ocasião dos festejos do centenário, veio à Rodeio uma delegação Trentina formada por políticos e religiosos, que estabeleceram um contato sócio-cultural entre Brasil e Itália, redescobrimo no povo rodeense um forte e autêntico núcleo de origem trentina. Esse núcleo demonstrava fidelidade cultural e lingüística ao longo de cem longe da pátria de origem, pois mantinha os mesmos costumes e a mesma língua.<sup>240</sup>

### A delegação

trouxe aos “trentinos brasileiros”, a saudação da pátria de seus antepassados, estabelecendo um contato sócio-cultural importante, entre Brasil e Itália, redescobrimo nesse povo um forte núcleo de origem trentina autêntica: os mesmos sobrenomes (origem das primeiras famílias que emigraram do Tirol Trentino em 1875, os mesmos costumes e **sobretudo a**

<sup>238</sup> ADAMI, Joaquim. Entrevista gentilmente cedida por Teresa Adami Tanaka. (2007).

<sup>239</sup> MARQUES, Agenor Neves. **Imigração Italiana**. Edição Comemorativa Centenário de Urussanga (1878-1978) Gráfica Ribeiro- Criciúma. SC. s/p.

<sup>240</sup> MARQUES, Mons. Agenor Neves. **Imigração Italiana**. Edição comemorativa centenário de Urussanga (1878-1978) Criciúma. s/p.

**mesma língua**, numa fusão perfeita de ideias, numa completa integração à personalidade brasileira.<sup>241</sup> (grifo nosso)

Durante as comemorações a professora Andrietta Lenard teve a oportunidade de palestrar para mais de 400 pessoas e ela observou que, de todos os assuntos explanados “a explicação sobre os vários dialetos da Itália foi o que mais repercutiu sobre o auditório. (...) Agradeceram-nos (...) por termos afirmado que dialetos e línguas têm a mesma origem e que não se pode falar em termos de inferioridade e superioridade entre uns e outros.”<sup>242</sup>

A declaração de Moser corrobora com a afirmação feita anteriormente, “somente em 1975 por ocasião do centenário da imigração, um fato novo veio revalorizar a identidade étnica restituindo ao dialeto italiano a sua condição de ser uma língua como as outras.”<sup>243</sup>

Das comemorações do centenário Cristofolini lembra

(...) eu lembro das comemorações da prefeitura, foram bastante modestas, digamos assim...não foi aquela apoteose, houve o alvorecer com fogos, o sino da Igreja com som maravilhoso, inigualável. (...) Depois teve o desfile na rua principal e ali se viu, o povo começou a (...) desfilar com a carroça puxada por um boi, como se fazia na roça...<sup>244</sup>

Cristofolini comenta que muitos como ele, se identificaram com “os agricultores, o boi e a carroça, eu também fiz esse trabalho, fazia aquilo lá.” Lembra-se também que

tinha um velhinho com um cesto nas costas, chamado de *cerlo*, tipo um balaio que se colocava nas costas, amarrado aqui para trazer, colher cereais essas coisas, milho... Quando vi o cidadão do Ipiranga, um cara assim, bem matuto, bem sertanejo, com aquele “troço” nas costas, todo mundo aplaudiu, eu fiquei até emocionado me deu um nó na garganta, pois meu pai fez isso, meu avô fez isso lá na roça aqui na cidade não podia. Isso na minha maneira de ver abriu muito espaço para voltar à simplicidade.

De acordo com Dolzan a partir do final dos anos 70, observou-se, nos diversos grupos sócio-culturais espalhados pelo Brasil, uma mudança de paradigma em relação à construção das identidades étnicas. Criam-se as festas alemães, em

<sup>241</sup> Ibid. s/p.

<sup>242</sup> LENARD, Andrietta. op. cit., p. 154.

<sup>243</sup> MOSER, Anita. **A violência do estado novo brasileiro contra os colonos descendentes de imigrantes italianos em Santa Catarina durante a segunda guerra mundial**. 2004. Disponível em <http://www.ipol.org.br/> acesso em 29/11/2008. p.16.

<sup>244</sup> CRISTOFOLINI, Arcângelo (61 anos). Entrevista concedida à autora em 15/09/2008. Rodeio.

Blumenau após as enchentes, em 1983 e Pomerode o ensino do Alemão nas escolas.<sup>245</sup> E segundo Antônio Adami, “aí em Blumenau nasceu a Oktoberfest, e o Alemão começou, e o italiano não ficou para trás. Com o Centenário e mais essas festas de 83 e 84 em Blumenau... e como o nosso grupo já fazia uma janta com cantos, danças e comida típica, e então nasceu *La Sagra*.”<sup>246</sup>

Segundo Dolzan, o que contribuiu para que o dialeto Trentino ainda ser falado pela população rodeense, em pleno século XXI, foram as comemorações do centenário da imigração italiana em Santa Catarina que foram realizadas de 6 a 14 de dezembro de 1975. De certa forma essas comemorações, consagraram o uso do dialeto. Assim observa-se que na época

houve muito envolvimento, porque teve gincana, a população ficou até surpresa porque nunca haviam feito uma manifestação, lógico não só pelo centenário, mas pelo desenvolvimento que houve de poder falar o Italiano, que não era vergonha, que isso era bom, ter os trajes, etc. Isso ia sendo esquecido principalmente pela juventude. Até os 20-25 anos o pessoal não participava mais disso, achava que isso era coisa de velho, do nonno e da nonna.<sup>247</sup>

Segundo De Paula,

pra mim a diferença é quando você sai daqui e vai pro interior, a gente encontra pessoas assim, sobretudo na agricultura, assim bem mais originais no que eles colocam, eles falam do jeito que eles conseguem e de repente está falando até o Português com a gente e joga uma expressão que vem do dialeto italiano.

Além das festividades que colocaram em foco a identidade trentina, um momento, em especial, ficou na memória do povo rodeense. Antonio Adami ressalta

<sup>245</sup> DOLZAN, op. cit. p. 33-34.

<sup>246</sup> La Sagra era preparada por um tríduo ou novena, muito prestigiada pela comunidade da capela festiva. A festa era realizada religiosamente no dia do padroeiro, em que havia impreterivelmente missa solene cantada. Esta era antecedida por uma procissão, em que a estátua do padroeiro era carregada pelas lideranças locais e associações religiosas. O clima festivo era marcado pelo enfeite de palmito nas igrejas, toque dos sinos, espocar de fogos de artifício e, sobretudo pela visita de parentes e amigos das outras capelas. Neste sentido, *La Sagra* era o principal momento da sociabilidade entre as comunidades das capelas. Apud VICENZI, Victor. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1975. p. 85. DALLABRIDA acrescenta que “nas ‘sagras’, o ofício religioso comunitário era dirigido pelo clero, que seguia as determinações diocesanas. A procissão com a estátua do padroeiro, em que se recitavam orações e cânticos populares em língua italiana, necessitava de “licença” do bispo diocesano”. Apud DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do campanário: o Catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio vale do Itajaí-Açú (1892-1918)**. Florianópolis - 1993. 205 p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 86.

<sup>247</sup> DOLZAN, op. cit., p. 21-22. Depoimento de José. (55anos) concedido à Janiane Dolzan em Rodeio no dia 13/01/2001.

que “depois com o centenário, talvez surgiu aquele amor, sei lá ao dialeto porque no dia da festa,” do Centenário

veio aquele senhor da Itália, Guido Lorenzi,<sup>248</sup> foi lá no Salão Cristo Rei, fez o discurso em dialeto, a maioria que estava lá entendeu, e aí logicamente renasceu e se hoje lá depois de 100 anos ainda falam o que falamos aqui, é alguma coisa, o que nós estamos falando não é besteira, não é tão fora da lei.<sup>249</sup>

Interessante é que um fato semelhante é descrito por Pierre Bourdieu, em *A Economia as Trocas Linguísticas*. Bourdieu relata um caso ocorrido na região do Béarn (província do sul da França), em que um jornal, de língua francesa, publicado na região faz um “comentário a respeito do prefeito da cidade chamada Pau, que se dirigiu ao público em dialeto regional por ocasião de uma cerimônia em honra a um poeta da região: “Tal deferência tocou profundamente o público presente”. Em ambos os casos, a língua materna foi fator identitário e de reconhecimento.

Isso também ocorreu em Rodeio, quando o assessor cultural Guido Lorenzi, ao invés de falar em Italiano *standard*, optou falar em sua língua materna, o dialeto Trentino que também era a língua materna da maior parte do público presente.

Bourdieu prossegue dizendo que o

fato de um prefeito da região dirigir a palavra nesse dialeto, é preciso que esse mesmo público reconheça tacitamente a lei não escrita segundo a qual a língua francesa se impõe como a única aceitável nos discursos oficiais das situações oficiais.<sup>250</sup>

Lenard escreveu em sua dissertação que os rodeenses “descobriram com maravilha que os italianos contemporâneos não sentem nenhum complexo de inferioridade em falar o dialeto, e sobretudo, que a língua falada em Rodeio não difere muito da língua falada hoje no Trentino.”<sup>251</sup>

Iracema Moser Cani acrescenta que nesse período

através das diversificadas formas de manifestações culturais (folclóricas, artísticas, diálogos informais, etc.) que culminaram com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em 1975 em Rodeio (além de Nova Trento e Rio dos Cedros), foi o estímulo singular entre a população de origem trentina, que foi paulatinamente derrubando as barreiras que mantinham o dialeto no recôndito e na intimidade tímida dos lares, guardado

<sup>248</sup> Integrante da Delegação Trentina vinda diretamente da região do Trentino Alto Ádige para as festividades na cidade de Rodeio.

<sup>249</sup> ADAMI, Antônio. Entrevista concedida à autora em Rodeio em 17/09/2008.

<sup>250</sup> BOURDIEU, Pierre. op.cit., p. 55.

<sup>251</sup> LENARD, op.cit., p. 153-154.

no baú das velhas memórias dos antepassados quebrando o tabu de um falar até então tido como humilde, rude, envergonhado.<sup>252</sup>

Sem dúvida, as comemorações do centenário segundo, Cani permitiu, de fato, “um processo natural de resgate lingüístico de uma língua materna que corria o risco de se perder para sempre com a evolução.”<sup>253</sup>

Adami observa que depois dos festejos

E começou-se então a valorizar quem falava Italiano e o próprio pessoal também começou a falar mais, procurar conversar, só veio a se espalhar mais por que nas casas não havia, lá em casa, por exemplo, não se falava Português, só o Italiano, dialeto.

Joaquim, irmão de Antônio, declara “pra nós foi uma alegria, porque era aquela a língua que nós sabíamos falar melhor.”<sup>254</sup> E sua filha Rosângela complementa “e assim puderam ensinar os filhos. Se fosse proibido, nós nunca teríamos aprendido!”<sup>255</sup>

Dolzan defende que na festa do centenário e a partir dela, ocorre uma (re)invenção da italianidade na cidade. Acreditamos que só é possível (re) inventar o que já foi inventado. Nesse caso o termo mais adequado é “construção.” Uma italianidade que foi construída e moldada a partir da realidade brasileira, no contato com outras culturas com influência e no calor dos acontecimentos nacionais e locais.

A partir dessa construção, com o centenário foi o momento de “permissão da fala dialetal ou “italiana”. Permissão em contrapartida à proibição no período de nacionalização. Na opinião de Iracema Moser Cani

em Rodeio como em outras comunidades de Santa Catarina, de origem trentina ou italiana, o que ocorreu não foi uma re-invenção da italianidade e da trentinidade (...) Houve sim, uma restauração de um patrimônio, uma recuperação cultural. Mesmo porque ninguém é tão poderoso a ponto de reinventar uma identidade cultural. Ela existe, está viva, ou escondida, ou esquecida e ponto. E que pode ser regatada diante de certos fatos e fatores. É possível readquirir numa sociedade cultural a consciência de alguns valores que estavam correndo o risco de se perder. Foi o que aconteceu com Rodeio: uma gente consciente de sua cultura e de sua história. Uma história, uma memória que continua a ser revivida, dignificada. Não reinventada...<sup>256</sup>

<sup>252</sup> CANI, Iracema Moser. op. cit., informações fornecidas via correio eletrônico.

<sup>253</sup> Idem.

<sup>254</sup> ADAMI, Joaquim. Entrevista concedida a autora em 17/09/2008.

<sup>255</sup> FAVA Rosangela Adami. Entrevista concedida a autora em 17/09/2008.

<sup>256</sup> CANI, Iracema Moser. op.cit.,

Iracema acrescenta ainda que

compreender os méritos do dialeto é conhecer as raízes de uma personalidade de base do grupo social a que pertencemos. É uma espécie de “documento social” do qual não devemos ter vergonha ou receio de demonstrá-lo, publicá-lo, readquiri-lo. Serve inclusive para coligar grupos afins, integrando através dele a educação e a realidade social.<sup>257</sup>

De acordo com Antônio Adami,

tem muitas famílias que depois do centenário assumiram, não ficou mais aquele preconceito que falar Italiano, e acharam até interessante falar e estão falando. (...) vezes eu chego me admirar que alguns jovens, que eu achava que não falavam, ao invés, se a gente começar a falar o dialeto e eles falam o dialeto.

E acrescenta que muitos jovens e adolescentes aproveitam o fato de saber falar o dialeto “Usam isso, dessa maneira de falar, para falar besteira quando estão fora de casa,” ou ainda segundo a professora de História Helena Notari Rieg “quando eles querem falar alguma coisa, para que os outros não entendam, eles falam em Italiano”.

Diante do exposto, o dialeto passa a ser uma espécie de um código para esse grupo de falantes.

A partir do centenário foi a abertura necessária, para que as pessoas voltassem a falar em público o dialeto, sem medo da discriminação étnica ou lingüística.

## **8. Estratégias de manutenção do dialeto Trentino em Rodeio.**

Salienta-se que nos bairros de Rodeio como a já citada Diamantina (Pico) com total de 97 famílias, e Ipiranga com aproximadamente 38, apresentam a maior incidência de falantes dialetais, se comparado com as demais áreas urbanas e rurais.

Como já foi exposto, a maior incidência de falantes do dialeto na zona rural decorre justamente da posição geográfica e social, pois as pessoas que moram no centro, têm uma maior influência de fatores externos, o que gera alterações no modo

---

<sup>257</sup> CANI, Iracema Moser. Coluna Pró-dialeto. Cultura e Dialeto. Apud Jornal “O Corujão”. Maio de 1997, p. 13.

de vida, diferente do que ocorre com quem reside no meio rural, onde as maiores interferências vêm do rádio e da televisão.

Em Rodeio, não é diferente. No município, no ano de 2008, a Língua Estrangeira – Italiana *standard* – na rede municipal de ensino teve “cerca de 300 alunos, distribuídos em quatro escolas, tendo uma professora efetiva com 20 horas e uma professora ACT [admitida em caráter temporário] com 20 horas. As duas professoras possuem licenciatura em Letras – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).”<sup>258</sup>

Nesse ano a emenda à Lei orgânica<sup>259</sup> do município de Rodeio nº 07/2008 assegura:

Art. 1 - Acrescenta inciso ao artigo 188 da Lei Orgânica do Município de Rodeio, e cujo inciso passa a ter a seguinte redação:

IX – garantia do ensino da língua italiana, que constituirá disciplina obrigatória dos horários normais das escolas públicas municipais

Art. 2 – Esta emenda entra em vigor em 01 de janeiro de 2009, revogando-se as disposições em contrário.

Rodeio, 29 de fevereiro de 2008.

Consultou-se uma aluna e uma professora de língua Italiana *standard* sobre a situação lingüística local, ou seja, a presença do dialeto Trentino frente ao Italiano *standard*. Jaqueline, 10 anos, estudante da 4ª série do ensino fundamental na Escola de Educação Básica Oswaldo Cruz, declara: “Acho difícil o Italiano da Itália, o Italiano da minha nona é mais fácil.”<sup>260</sup> Quando perguntada se gostaria de estudar na escola, o Italiano da nona, ela sorri e diz: “sim”.

Outro exemplo é o da senhora Ana Darolt que, ao ser indagada pelo seu neto sobre que aspecto da cultura italiana mais gosta, responde: “Eu gosto do dialeto Italiano e gosto de falar no dialeto. Gosto da comida e das festas tradicionais (...).”<sup>261</sup>

A professora de língua italiana *standard* Laura Scoz, propõe:

<sup>258</sup> Informação fornecida via correio eletrônico pela Secretaria de Educação e Cultura do Município de Rodeio, em 17/11/2008.

<sup>259</sup> Procurou-se saber quais foram os motivos que contribuíram para que a Secretaria de Educação e Cultura elevasse ao nível obrigatório o ensino da Língua italiana *standard* na grade escolar. Mas a justificativa limitou-se emenda nº 7/2008, da Lei Orgânica do Município de Rodeio, cujo inciso IX do artigo 18, garante o Ensino da Língua Italiana como disciplina obrigatória dos horários normais das escolas públicas municipais.

<sup>260</sup> Jaqueline Tais, 10 anos, entrevista concedida a autora em 15/09/08 em Diamantina (Pico), Rodeio.

<sup>261</sup> Ana Darolt, 86 anos apud **Jornal Parole**. Ascurra- SC, mas que também circula na cidade de Rodeio. Entrevista concedida ao neto Rafael Darolt. 15 de setembro de 2008.

como em Rodeio, 90% são descendentes trentinos e as pessoas de mais idade mantêm o dialeto vivo, eu acredito que nas escolas, ao menos para os pequenos, no ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série seja melhor trabalhar mais o dialeto do que a língua Italiana. Já no ensino fundamental de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série e os demais jovens seja melhor trabalhar a língua Italiana [padrão].

Pela proposta da professora, as novas gerações poderão ter conhecimento tanto do dialeto, depositário de cultura, quanto da língua italiana.

O ensino de outras línguas permite ao aluno acessar outros países e culturas por vezes distantes. O conhecimento do dialeto dá acesso à cultura local e, principalmente, promove o respeito e o diálogo entre as pessoas de mais idade que utilizam e se expressam através dele.

Lenard, em 1976, sobre Rodeio escreveu “não encontrei desprezo para quem fala Italiano, mas também não encontrei nenhuma valorização da língua materna da maioria dos habitantes, considerada como uma realidade presente na comunidade não como patrimônio cultural.”<sup>262</sup>

Na atualidade, foi possível encontrar algumas iniciativas que de alguma forma, direta ou indiretamente, beneficiam o dialeto local. Conforme a reportagem da revista *Insieme*:

você não consegue entender quase nada: duas ou mais pessoas, umas diante das outras, se revezam em duplas batendo os punhos sobre a mesa e mostrando rapidamente alguns dedos ou não, enquanto gritam sempre mais alto: *due, trrr, tuta la man, cinque, sete, nove.*<sup>263</sup>

É assim que começa a notícia publicada na revista *Insieme* de novembro 2007, sobre o 40<sup>o</sup> Torneio de Mora no Estado de Santa Catarina. Consta ainda que “esse antigo jogo popular trazido pelos imigrantes italianos no final do século 19 está cada vez mais em uso nas festas italianas do sul do Brasil. Antes restrito aos mais idosos, agora fascina também os jovens.”<sup>264</sup>

<sup>262</sup> LENARD, op.cit.,p. 153.

<sup>263</sup> Revista *Insieme*, n. 107. Curitiba: Sommo, nov. 2007. p. 12-13.

<sup>264</sup> “La morra (italiano standard) o mora (dialeto), sia un gioco “schiettamente e prettamente italiano” ci viene confermato anche da diverse fonti: “gioco italiano antichissimo”, “*a popular game in Italy*”, “*en Italia se juega a este juego con verdadera pasion*”, ma soprattutto dal fatto che ovunque gli italiani siano emigrati, nel loro bagaglio (culturale) hanno portato con loro anche la morra”. Disponível em: <http://www.figm.it/trentino/storia.htm> acesso em: 06/10/08. A mora é um jogo de origem italiana, o que vem confirmado por meio de diversas fontes como um “jogo italiano antigússimo”, “um jogo popular na Itália”, “na Itália se joga este jogo com verdadeira paixão”, mas sobretudo o fato que os italianos que emigraram em sua bagagem cultural trouxeram consigo o jogo da mora (tradução livre).

Esse interesse despertado nos jovens se deve também a um projeto existente desde 2002, desenvolvido pelo professor de matemática Ivair Cipriani<sup>265</sup> na Escola de Educação Básica Oswaldo Cruz, em Rodeio. Ele usa o jogo da mora em suas aulas, pois envolve “agilidade e raciocínio rápido”. Além de desenvolverem competências inerentes à disciplina de forma lúdica, os alunos ainda aprendem um jogo que é elemento integrante da cultura na qual estão envolvidos, e que usa se faz presente o dialeto nos números e palavras pronunciadas durante o jogo.

Os alunos da Escola de Educação Básica Oswaldo Cruz participam dos torneios estaduais idealizados e realizados por Moacir Bogo, da cidade de Joinville, onde se faz presente um número considerável de competidores. De acordo com a revista, “o recorde de participação num campeonato registrado foi no 39º (ano passado [2007] em Rodeio), com 192 inscritos”.

Outra iniciativa é um projeto desenvolvido por membros do Circolo Trentino di Rodeio, que tem por objetivo fazer uma peça de teatro toda no dialeto Trentino, mas ainda em desenvolvimento. E também a coleta e escrita de “storiele” adivinhações e provérbios pela senhora Araci Maria Pasqualini Rota, que pretende também fazer um vídeo com brincadeiras de sua infância em dialeto<sup>266</sup>.

Observa-se, no entanto, que as duas principais festas de promoção da cultura italiana em Rodeio – *La Sagra* e *La Saga*,<sup>267</sup> a primeira promovida pelo Circolo Trentino e a segunda pela Prefeitura Municipal – não contemplam o dialeto Trentino conforme programação em anexo. Mesmo assim, o dialeto Trentino se faz presente, ainda que de forma marginalizada nas canções e nas conversas entre amigos.

Na observação em campo e nas conversas constata-se que muitas pessoas que foram morar em Rodeio, mesmo sem ter descendência ou traços de italianidade, acabaram por aprender a falar o dialeto e o usam cotidianamente. Teresa Adami Tanaka relata que “que lá na nossa rua, na Nova Brasília, tinha uma família, que a chamavam ‘i todeschi’,<sup>268</sup> (...) e eles falavam também... o Italiano”. Ela

---

<sup>265</sup> Fica a sugestão para pesquisa futura envolvendo cultura, educação e práticas pedagógicas.

<sup>266</sup> Everton Altmayer, mestrando da Universidade de São Paulo – USP está elaborando um dicionário do dialeto Trentino falado em Piracicaba.

<sup>267</sup> *La Sagra*, ocorre todo ano, no mês de agosto durante um fim de semana, com início na sexta-feira e término ao domingo. Já a *La Saga*, ocorre no mês de setembro, com duração de 10 dias de festividades. Vide anexo 1 e 2.

<sup>268</sup> ‘Os alemães’, entrevista cedida gentilmente por Teresa Adami Tanaka.

lembra-se de outro caso “também da mulher do João Notari, ela era ‘polaca’<sup>269</sup>, e falava... o “Talian”.<sup>270</sup> Elisabeta, por sua vez, relata, “meu irmão casou com uma alemã lá da subida... ela é Benkendorf, os filhos nenhum fala Alemão, mas todos falam Italiano...”

Helena Notari Rieg conta que seu marido é de origem alemã e fala a língua alemã e quando casaram foram residir em Rodeio, onde ela residia. Ele aprendeu o dialeto Trentino e, com o tempo, adquiriu fluência no novo falar.

Da mesma forma que encontramos em algumas famílias, jovens que não falam mais essa língua, em outros como é o caso da família Fiamoncini, em que até a quarta geração, mantiveram lado a lado a fala do Italiano e do Português. Agora cabe ao senhor Décio Fiamoncini transmitir para a quinta geração e assegura que sua filha de quatro anos que já está aprendendo o dialeto Trentino, porque considera importante para manter a tradição. E defende que o dialeto também seja ensinado na escola.

Em relação ao futuro do dialeto Trentino, Paulo Notari, diz “que às vezes os filhos falam em Italiano<sup>271</sup> com a gente, mas os netos, é que não falam. Com certeza, em duas gerações, vai desaparecer...”<sup>272</sup>

Cristofolini, por sua vez, assegura que, diferentemente de seu tempo, “para as crianças de hoje, aprender o Italiano é secundário, o Português tomou a dianteira. Tanto é que essa geração é a última a falar alguma coisa em Italiano.”<sup>273</sup>

Vários entrevistados apontaram que o dialeto Trentino é falado mais no âmbito familiar ou entre amigos. Porém, se na conversa estiver alguém que não fale o dialeto, por respeito a essas pessoas, todos falarão a língua portuguesa.

Independente das opiniões, as manifestações dos diversos entrevistados (direta ou indiretamente) demonstram que o dialeto Trentino persiste, apesar de todas as adversidades e entraves que perpassaram sua fala, presença e existência desde os primórdios da colonização. O dialeto resistiu ao ensino na língua padrão nas escolas paroquiais, à perseguição do nacionalismo e à vergonha sentida pelos

---

<sup>269</sup> Polonesa.

<sup>270</sup> O Talian a que se refere-se Teresa é o dialeto Trentino, tendo em vista que as pessoas em geral não diferenciam as duas formas de falar dos imigrantes, como já foi exposto.

<sup>271</sup> Também referindo-se ao dialeto Trentino.

<sup>272</sup> NOTARI, Paulo. op. cit.,

<sup>273</sup> CRISTOFOLINI, Arcangelo. op. cit.,

seus falantes, até ser redimido a partir da Festa do Centenário da Imigração, em 1975. No entanto, o dialeto parece voltar a ter um papel secundário, de caráter folclórico ou cultural, por não ter a utilidade primeira de comunicação entre as novas gerações.

Analisando essa trajetória, torna-se incontestável a conclusão de que o dialeto Trentino é um sobrevivente. Resta saber se continuará existindo e se (existindo) continuará em segundo plano.

Em pleno século XXI no qual se fala tanto em (inter) culturas, direitos lingüísticos é preciso pensar nas minorias linguísticas, uma vez que a Declaração dos Direitos Humanos prevê que para atender aos interesses da comunidade universal e da compreensão entre os povos, todos os indivíduos têm direito a educação bilíngüe, isto é:

- a) O direito ao domínio da sua língua materna;
- b) O direito ao domínio de uma língua moderna de comunicação mundial, que transcendendo a cultura nacional que esteja sendo ou deva ser ensinada, possibilite ao indivíduo uma participação direta e total na cultura e no diálogo do mundo.

## CAPÍTULO III

### A trajetória e a Presença do Talian em Concórdia

**Un  
Pòpolo  
Incadenelo  
Spolielo  
Stropeghe la boca,  
L'è ancora libero,**

**Tireghe via il laoro  
El passoporto  
La taola ndove el magna  
L'è ancora rico,**

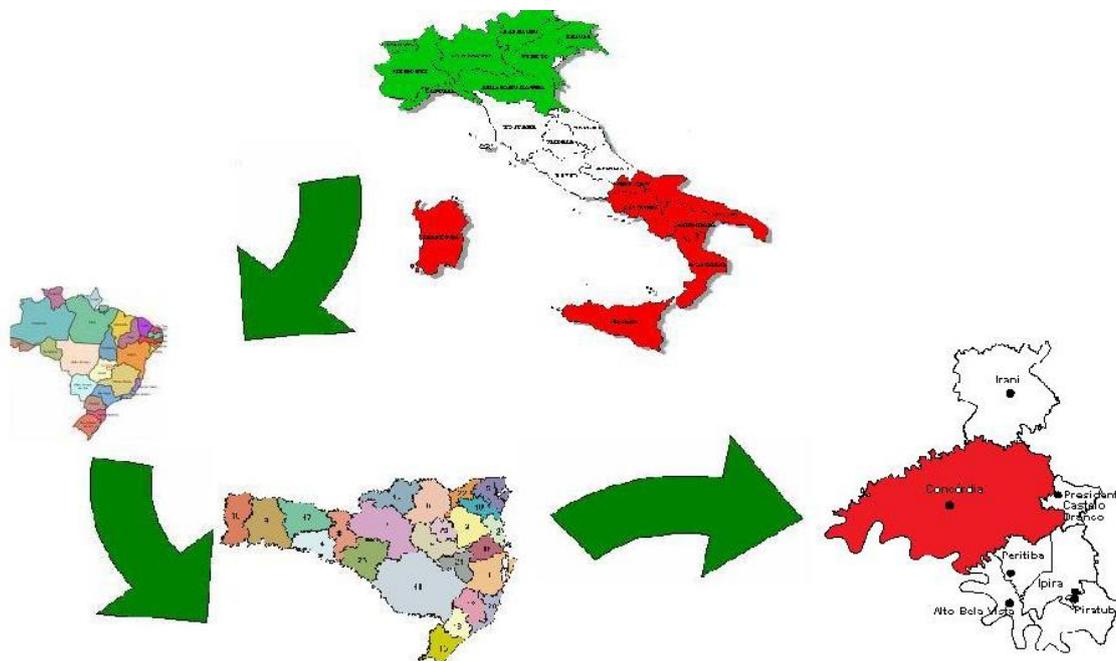
**Un pòpolo  
El diventa pòvero e s-ciavo  
Coi i ghe roba la lengua,  
Ricevesta dei genitori come dota,  
Lora l'è perso par sempre!<sup>274</sup>**

Del poeta siciliano Ignazio Buttitta  
Tradussion in talian por Darcy Loss Luzzatto

---

<sup>274</sup> “Um povo aprisione-o, despe-o, cale sua boca, e mesmo assim será livre. Tire o seu trabalho, o passaporte, a mesa onde ele se alimenta, mesmo assim será rico. Um povo se torna pobre e escravo quando lhe roubam a língua, recebida dos pais como dote, então estará perdido para sempre!” (tradução livre). Do poeta siciliano Ignazio Buttitta. Tradução em Talian por Darcy Loss Luzzatto. Banner exposto durante o XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro, ocorrido em Concórdia nos dias 08 e 09/11/08. Fibra (Federação de Entidades Ítalo-Brasileiras) e Fevêneto: (Federação dos Vênetos do Rio Grande do Sul).

## 1. Concórdia (SC) - A nova *cucanha*?



Fonte: Ilustração elaborada pela autora.

Neste capítulo será analisado como está a situação do Talian no município de Concórdia, situado no Oeste Catarinense, com colonização indireta. Procura-se descobrir como se configura essa língua de imigração – que está a um passo de ser reconhecida como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Iphan <sup>275</sup> – em um contexto diferente do estudado no Médio Vale do Itajaí.

Uma vez estando em solo brasileiro, especificamente no estado do Rio Grande do Sul, alemães e italianos e também seus descendentes veem chegar mais uma vez a necessidade de partir. Desta vez, o destino não seria um país distante, mas a região Oeste de Santa Catarina.

De acordo com Gregory,

as terras do Oeste de Santa Catarina foram colonizadas a partir da construção, na década de 1910, da estrada-de-ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, sendo vendidas às companhias colonizadoras pela Brazil Development and colonization Company, que recebera vasta área destas terras em troca da construção da ferrovia. Foram atraídos e para lá se

<sup>275</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

dirigiram, principalmente, colonos de procedência interna do Rio Grande do Sul.<sup>276</sup>

Esse deslocamento, a rigor, foi o primeiro passo para uma ampla colonização de todo oeste brasileiro pelas famílias de descendentes de italianos e alemães e de outras etnias que haviam colonizado inicialmente o Rio Grande do Sul.

#### Segundo Jean Roche (1969)

em 1934, 80.000 pessoas haviam deixado o Rio Grande do Sul para serem pioneiros em colonizações em outros estados. Em 1940, viviam 76.394 riograndenses em Santa Catarina e 14.800 no Paraná. Em 1950 já eram 205.576 morando em outros estados, dos quais 98% eram agricultores.<sup>277</sup>

O Oeste Catarinense é hoje é um território habitado por descendentes de várias etnias, que juntas compõem uma realidade muito complexa. Mas para Radin (2001, p. 169) “a colonização não foi espontânea, mas sistemática e programada, feita a partir de interesses do Estado, colonizadoras e especuladores”.<sup>278</sup>

#### Conforme Oliveira

por suas dimensões, o Brasil é considerado o país-continente, tanto na extensão como nos diferentes complexos regionais que abriga. O Oeste de Santa Catarina representa um desses complexos, com uma trajetória histórica, econômica, política e social que, mesmo interligada ao processo da nação como um todo, apresenta especificidades dos fatores que delimitaram a composição desse espaço.<sup>279</sup>

O depoimento a seguir ilustra a complexidade lingüística decorrente da presença de vários idiomas em um mesmo território:

lembro de quando a gente veio pra cá, a gente não falava Português e o vizinho da frente era Valdomiro Zardo, ele não falava Português e nem Alemão, (...) a gente só falava Alemão e ele só Italiano, a gente de comunicava por gestos e aos poucos fomos formando uma nova língua, Alemão e Italiano uma mistura e o Português no meio (...) <sup>280</sup>

<sup>276</sup> GREGORY, op. cit., p. 32.

<sup>277</sup> Ibid. p. 59

<sup>278</sup> COMASSETO, Carlos Fernando. *et al.* História de Concórdia do período anterior a sua emancipação. Apud ZOTTI, Solange Aparecida (Org.) **História faz História: Contribuições ao estudo da História regional.** 2006. p. 166.

<sup>279</sup> OLIVEIRA, Ancelmo Pereira de. **O discurso da exclusão na escola.** Joaçaba: UNOESC, 2002. 176 p. p. 47-48.

<sup>280</sup> Entrevista com HERMES Harri em 24/05/1990 por FRANCKZAK Eunice Cadore. Acervo Museu Histórico Municipal Hermano Zanoni – Rua Abramo Eberle, 322 - Concórdia – SC. Respondendo à pergunta sobre qual era a lembrança que ele tinha de sua infância no município de Concórdia. Não consta a cidade de origem de Hermes.

Inferimos que a fala do Alemão e Italiano, mencionados acima, fazem referência aos dialetos derivados das línguas alemã e italiana.

Entre os rio-grandenses que escolheram a região do Oeste de Santa Catarina como destino, precisamente Concórdia, destacamos o fundador da empresa Sadia, Atílio Francisco Xavier Fontana, que em sua autobiografia declara

quero mencionar a língua que se falava em nossa casa, como em toda a colônia, com predominância até mesmo no povoado, era o dialeto vêneto, que **ainda hoje domino perfeitamente**. Só aos nove anos eu viria a receber aulas no nosso idioma.<sup>281</sup> (grifo nosso)

Vale notar que o uso do dialeto, de acordo com Antônio Alberti, “não é coisa de gente pobre e ignorante.”<sup>282</sup> O dialeto esteve presente no cotidiano de todos, indistintamente, desde o colono até o empresário.<sup>283</sup> Ainda hoje o Talian está presente na vida de muitos habitantes do município.

Décadas depois de terem se instalado no Rio Grande do Sul e estimulados provavelmente pela falta de terras suficientes para as numerosas famílias e pela expectativa de desenvolvimento econômico, os italianos e alemães – ou descendentes – passaram a adquirir terras localizadas no Oeste de Santa Catarina, vendidas por empresas colonizadoras. Essa colonização foi estimulada pelo estado brasileiro, para evitar que se repetisse conflitos como a Guerra do Contestado e para que o Brasil povoasse em definitivo aquela região, já que o fantasma de uma contestação Argentina sempre pairava no ar.<sup>284</sup>

### Segundo Bernardi

“diversas influências marcaram a história do hoje denominado município de Concórdia: algumas de natureza política, passando pela definição territorial do Estado de Santa Catarina, culminado com a Guerra do Contestado, e outras decorrentes da comercialização das terras da empresa americana a construtora da parte catarinense da Ferrovia São Paulo- Rio Grande do Sul,

<sup>281</sup> FONTANA, Atílio. **História da minha vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. p. 7.

<sup>282</sup> Presidente della *Società Massolin dei Fiori* di Curitiba. No dia 09/11/2008 no XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro, ocorrido em Concórdia no dia 8 e 9 de novembro de 2008.

<sup>283</sup> Atílio Fontana “1999 foi destacado pelas edições especiais das revistas Exame e Isto É Dinheiro sobre empreendedorismo, como um dos principais empreendedores do século XX”. Disponível em: [http://alimentoseguro.locaweb.com.br/noticias1370.asp?tipo\\_tabela=noticias&id=1370&categoria=agronegocio](http://alimentoseguro.locaweb.com.br/noticias1370.asp?tipo_tabela=noticias&id=1370&categoria=agronegocio) acesso em: 18/11/2008.

<sup>284</sup> COMASSETTO, Carlos Fernando. **A história oral, as companhias colonizadoras e a colônia Rio Uruguay [1920-50]** Disponível em : <http://www.upf.br/ppgh/download/Carlos%20Fernando%20Comassetto.prn.pdf>. Acesso em: 24/02/2008.

no início do século XX – A Brazil Railway Company - através de empresas colonizadoras.<sup>285</sup>

No Rio Grande do Sul, no século XIX, os alemães ocuparam predominantemente as terras da região dos Rios dos Sinos, Caí e Taquari, enquanto os italianos ocuparam a Serra Gaúcha. Na colonização do Oeste de Santa Catarina, foram formadas comunidades de alemães ou italianos. Contudo, bem mais próximas umas das outras. Ainda assim, em alguns lugares, principalmente em povoações urbanas, famílias das duas etnias passaram a viver lado a lado, como ocorreu com as famílias Harri e Zardo, já citadas.

Outro exemplo é Lageado Antunes, comunidade rural do município de São Lourenço do Oeste (SC) que foi povoada por descendentes de imigrantes das duas etnias, embora a maioria alemães. Conseqüentemente, o fenômeno do bilingüismo foi inevitável. No ano de 1993, a situação linguística de local era bastante diversificada, havia desde falantes monolíngües do falar alemão até falantes monolíngües da língua portuguesa.”<sup>286</sup> O mesmo ocorre em Concórdia, com os descendentes de italianos e falantes do Talian.<sup>287</sup>

Interessante a analogia que podemos fazer entre o Talian e os dialetos teutos

dialeto teuto-brasileiro ou “Brasildeutsch” é, de acordo com HEYE (1986:218) uma variedade composta que compreende elementos do Português, de um lado, e elementos dos dialetos alemães constituintes de outro (pomerano e outras formas de platt), e se formou através de vários processos de mistura e nivelamento desses dialetos, causados por interação social extensiva entre os membros dos diferentes grupos.”<sup>288</sup>

Segundo Trauer a assimilação/integração dos alemães à vida nacional, passa a se manifestar na língua e na cultura destes, “além da incorporação de várias palavras portuguesas na língua alemã devido ao contato crescente com brasileiros,

<sup>285</sup> BERNARDI, Paulo. BERNARDI, Paulo. A canção popular italiana em um processo migratório. Apud SULIANI, Antônio. (Org) **Etnias e carisma**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p.904-905.

<sup>286</sup> SUFREDINI, Lourdes Claudete Schwade. **Aspectos do Bilingüismo alemão/português numa comunidade rural do oeste catarinense**. Florianópolis, 1993. 267p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras e Linguística) UFSC, Florianópolis. p.02

<sup>287</sup> Talian é formado pela mistura do dialeto vênето com demais dialetos do norte da Itália presentes no Sul do Brasil, juntamente com influência da língua portuguesa. Em algumas bibliografias encontramos a denominação dialeto vênето (Talian) e Talian (vênето brasileiro).

<sup>288</sup> Apud TRAUER, Elisabeth Maria. **Alemão: uma língua estrangeira na escola catarinense?** Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1994, 123 p. p.01

dando origem a um novo falar entre os teutos, o teuto-brasileiro, a maneira de pensar, os hábitos, os costumes vão igualmente se modificando.”<sup>289</sup>

Partindo do pressuposto que os dialetos italianos que aqui chegaram passaram por um processo idêntico ao teuto, no qual o contato com outras línguas gera apropriações e influências, pode-se determinar a origem do Talian.

Curi afirma que a partir de terceira geração dos imigrantes italianos, todos esses falares, diversos entre si, trazidos pelos imigrantes, através de múltiplos contatos, se transformaram em Santa Catarina no “Talian”, isto é, numa coine ou língua comum na qual se fundiram os dialetos.<sup>290</sup> Podemos, portanto, inferir que o Talian é uma língua com “formação” genuinamente brasileira, dando origem ao primeiro pedido de Registro de uma língua como patrimônio cultural imaterial brasileiro.”<sup>291</sup> Nas palavras de Manfrói, “o Talian daqui não é o Italiano da lá,”<sup>292</sup> fazendo a diferenciação entre o Talian e o Italiano *standard* da Itália. Segundo o presidente da Fibra, Paulo Massolini “o Talian é outra língua, isso é indiscutível”.<sup>293</sup>

A diferenciação feita por Manfrói entre o Talian e o Italiano *standard*, se sustenta na hipótese que o Talian tem sua origem vinculada aos dialetos nórdicos italianos, mas se constituiu em uma língua a partir da mistura desses dialetos com a língua portuguesa e das demais etnias presentes nas regiões do Sul do Brasil.

Ora em diante tentaremos descrever os fatores que contribuíram para a formação da realidade lingüística complexa<sup>294</sup> presente em Concórdia, à luz do

<sup>289</sup> Ibid., 1994. p. 46.

<sup>290</sup> CURI, José. A influência do “Talian” na fala catarinense. Apud **Blumenau em Cadernos**. Tomo XLVI- nº 05/06 – Maio/jun. 2005. p. 22.

<sup>291</sup> Lingüística do Brasil. Grupo de trabalho da Diversidade Lingüística do Brasil (GTDL) **Relatório de atividades. (2006-2007)**. Câmara dos Deputados, Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL) e Unesco. p. 8.

<sup>292</sup> MANFRÓI, Olívio. op. cit., p. 48

<sup>293</sup> MASSOLINI. Paulo. Declaração do Presidente da FIBRA no **XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro**, realizado em Concórdia no dia 8 e 9 de novembro de 2008.

<sup>294</sup> Complexo é também o caso relatado por uma professora, que ao ensinar a **língua italiana standard** em um curso particular da cidade, teve como aluno um senhor na faixa etária aproximadamente 40-50 anos, ficava o tempo todo “testando” a professora. Por ela não ser de origem italiana, discordava de suas explicações e pronúncias. O aluno alegava que ele sabia falar “italiano” e a pronúncia era diferente daquele ensinada pela professora. Na realidade o aluno era falante do Talian e por isso intervinha dizendo que a professora estava “equivocada”. Esta, por diversas vezes explicou a diferença entre o italiano *standard* e o Talian. O aluno concluiu o curso de Italiano *standard*. Não mencionamos os nomes, para proteger a identidade dos envolvidos.

nosso entendimento e a partir do nosso objeto de pesquisa que é a presença dos falantes do dialeto vênето/ Talian nesse território.

Concórdia situa-se, como já dissemos, na região Oeste do estado de Santa Catarina, distante 493 km da capital do Estado. Sua população é de 69.766 habitantes, segundo estimativas do IBGE para 2008.<sup>295</sup>

Foi colonizado pelas etnias “italiana, alemã, polonesa e cabocla,”<sup>296</sup> com predominância das etnias italiana e alemã.

A emancipação político-administrativa do município ocorreu em 29 de julho de 1934, mas sua formação começa a se dar em 1912. “Planejada pelo governo, a colonização processou-se no início deste século e nela implantou-se o sistema de pequenas propriedades, ou seja, a policultura destinada ao consumo interno.”<sup>297</sup>

A colonização deste município teve também influência da Guerra do Contestado.<sup>298</sup> Assim,

é marcante a migração de famílias do Rio Grande do Sul à nossa região, principalmente de italianos vindos, não somente de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, mas também da região de Prata, hoje Nova Prata, Guaporé, Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, e alguns poucos de Terra Vermelha, mais precisamente dos distritos fronteiriços a Alfredo Chaves, como o de Araçá, atualmente Nova Araçá (...).<sup>299</sup>

Em 1922, a Brazil Development and Colonization, empresa responsável pela venda das terras na região de Concórdia decide vender os direitos e dever de colonização. “É nesse ponto que entra na história da região a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Companhia, que seria responsável pela migração de colonos gaúchos.”<sup>300</sup>

<sup>295</sup> Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008\\_DOU.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf), acesso em: 24/2/2009.

<sup>296</sup> Disponível em: <http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=42&Pag=1> acesso em: 01/12/2008.

<sup>297</sup> CONFORTIN, op. cit., p. 15.

<sup>298</sup> Para saber mais ver PIZZAMIGLIO, Kleber Luis. **A Guerra do Contestado**. 2001. AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

<sup>299</sup> FAVERO, Remi Antônio. **A Saga de Pioneiros**. Concórdia: Gráfica Sul Oeste, 2004. p. 117.

<sup>300</sup> A Sociedade era formada por João Mosele e seu irmão Leonel Mosele, naturais de Verona-Itália. Na década de 20 associou-se aos irmãos Mosele, o também italiano Abramo Eberle. E por último entraram na sociedade Rodolfo e Alexandre Ahrons. Prefeitura de Concórdia. **Conhecendo Concórdia**: nomenclatura das ruas de Concórdia, fundação Municipal de Cultura: Gráfica Sul Oeste, 2006. p.18.

Em 9 de março de 1938, ocorreu o pedido de registro de firma e contratos de formação de uma sociedade civil, tendo como objeto a venda de terras para colonização mediante o pagamento à vista, podendo, no entanto, serem ampliados os negócios sociais a juízo dos gerentes abrangendo qualquer especulação lícita.<sup>301</sup>

A propaganda sempre foi uma ferramenta útil e eficiente no que tange à mobilidade espacial. Segundo Oliveira (2002, p. 67) a propaganda utilizada pelas companhias colonizadoras foi fundamental para a ocupação do Oeste e do Meio-Oeste de Santa Catarina.

Semelhante à publicidade feita na Itália para atrair pessoas para migrarem para a América, a Sociedade Mosele, Eberle e Ahrons, usou do mesmo artifício para atrair interessados para a Colônia Rio Engano,

as terras da região de Concórdia estendiam-se até o Rio Uruguai que era utilizado para o envio de madeira para a Argentina. Para atrair compradores para a região, os Mosele tinham um serviço de propaganda no Rio Grande do Sul e os interessados eram trazidos até Marcelino Ramos, de onde vinham a cavalo para a Região de Concórdia para conhecer as terras. Os interessados que adquiriam os lotes voltavam com as famílias em carroças, já que não havia estradas construídas.<sup>302</sup>

O que também contribuiu para a venda das terras, além da fertilidade da mesma, foi o fato que os descendentes de italianos à exemplo de seus pais, esperavam encontrar em solo catarinenses a sua *cucanha*. Além disso, a facilidade no pagamento dos lotes completava a atração. Apesar dos preços das terras serem baixos, “muitos colonos pagavam a Companhia com trabalho,”<sup>303</sup> ou seja, na construção de estradas e pontes.

Vale registrar aqui, que os caboclos que habitavam a região não foram respeitados, pelo contrário, “para iniciar a colonização nas terras de Concórdia, João e Leonel Mosele forneciam aos colonos imigrantes armas para se defenderem dos caboclos (...).”<sup>304</sup>

É provável que, pela condição de inferioridade a que foram submetidos os caboclos remanescentes dos períodos anteriores, sem direito à propriedade da terra e morando de favor aqui e ali, falar somente o Português fosse motivo de

---

<sup>301</sup> COMASSETTO, Carlos Fernando. op. cit.,p. 10.

<sup>302</sup> Ibid., p.16-17.

<sup>303</sup> Ibid., p. 18.

<sup>304</sup> Prefeitura de Concórdia, op. cit., p. 16- 17.

desprestígio social nos momentos iniciais da colonização. Mas aos poucos e de maneira intensa a partir da instauração do Estado Novo, começou se caracterizar na região de Concórdia os mesmos sentimentos em relação à italianidade descritos no capítulo anterior e vividos pelos habitantes de Rodeio, sendo o último contemporâneo, a saber:

- a) O Medo<sup>305</sup> durante a política de nacionalização e seus reflexos em Concórdia - (SC);
- b) Entre a Vergonha e Alegria de falar Talian;
- c) A Esperança do Talian se tornar Patrimônio Imaterial do Brasil e o Inventário Nacional da Diversidade Lingüística Brasileira.

## 2. O medo durante a política de nacionalização e seus reflexos em Concórdia

A política de nacionalização vivenciada no final da década de 1930 e início da de 1940 foi gestada muito antes. Já nos anos 1920, os intelectuais brasileiros começaram a disseminar a ideia de que somente a educação resolveria os problemas do país. Segundo Marta de Carvalho

o papel da educação foi hiperdimensionado: tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em povo, de vitalizar o organismo nacional, de constituir a nação. Nele se formava projeto político autoritário: educar era obra de moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite com autoridade para promovê-los.<sup>306</sup>

Dessa forma, a educação era a via pela qual seria possível “regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas”<sup>307</sup>, uma vez que os imigrantes estavam, especialmente com as greves operárias de 1910, a “fermentar de anarquia o caráter nacional e populações pobres perdidas na vadiagem impunham sua presença incômoda nas cidades e comprometiam o que se propunha como “organização do trabalho nacional.”<sup>308</sup>

<sup>305</sup> A exemplo do caso Trentino nos apropriamos da nomenclatura **do sentido de medo para** analisarmos também o caso do dialeto Vêneto Talian em Concórdia.

<sup>306</sup> CARVALHO, Marta Maria Chagas de. op.cit.,p. 39-40.

<sup>307</sup> Idem.

<sup>308</sup> Ibid., p. 8.

A partir desse discurso entusiasta, Sampaio Dória, reformador da instrução pública paulista em 1920, defendia que a alfabetização do povo era a “questão nacional por excelência. É que o imigrante de que os republicanos históricos haviam esperado o aprimoramento ‘da raça brasileira’ era visto agora como ameaça”<sup>309</sup> ao futuro da nação.

Nesse sentido, somente com a Constituição de 1934, segundo Cunha

será, contudo, a primeira carta a abordar a questão do idioma nacional no ensino, prescrevendo a lei que todo o ensino deverá ser ministrado no idioma pátrio. Nesta época, conforme o autor (...) se discutia com intensidade a incorporação das escolas mantidas pelas colônias alemãs e, italianas, japonesas e outras (...).<sup>310</sup>

Assim sendo, somente com a “Constituição de 1937 retirou-se do texto a referência ao idioma oficial do ensino, embora o regime que a outorgara tivesse proibido o uso do Alemão, do Polaco, do Italiano e do Japonês nas escolas.”<sup>311</sup>

No período em que se constituiu o Estado Novo, em que o então presidente da República Getúlio Vargas pôs em prática a campanha de nacionalização, os habitantes de municípios como Concórdia e Rodeio, campos de pesquisa deste trabalho, representavam “perigo” ao projeto de nação que se queria construir. Portanto, ambos os municípios pesquisados, a exemplo de todas as demais regiões colonizadas por alemães, italianos ou japoneses, sofreram a política de “nacionalização forçada.”

Assim a repressão atingia a tudo e a todos que fossem “de origem.”<sup>312</sup> A respeito do que ocorreu em Concórdia, Fávero conta que

com o início da 2ª Guerra mundial em 1939, e o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão – no ano de 1942 e neste mesmo ano, a declaração de guerra, tristes dias passaram os alemães e italianos residentes na região. Certas autoridades brasileiras, às vezes, agindo por conta própria sem conhecimento dos superiores nas capitais do Estado e do País, faziam represálias a pacatos cidadãos que aqui viviam só do trabalho, trazendo progresso para nossa terra. Alegavam que eram “quinta-coluna” e que falavam o idioma de seus países, chegando muitos deles a serem presos como ocorreu aqui em

<sup>309</sup> Ibid. p. 40.

<sup>310</sup> Apud TRAUER, op. cit., p. 66.

<sup>311</sup> Idem.

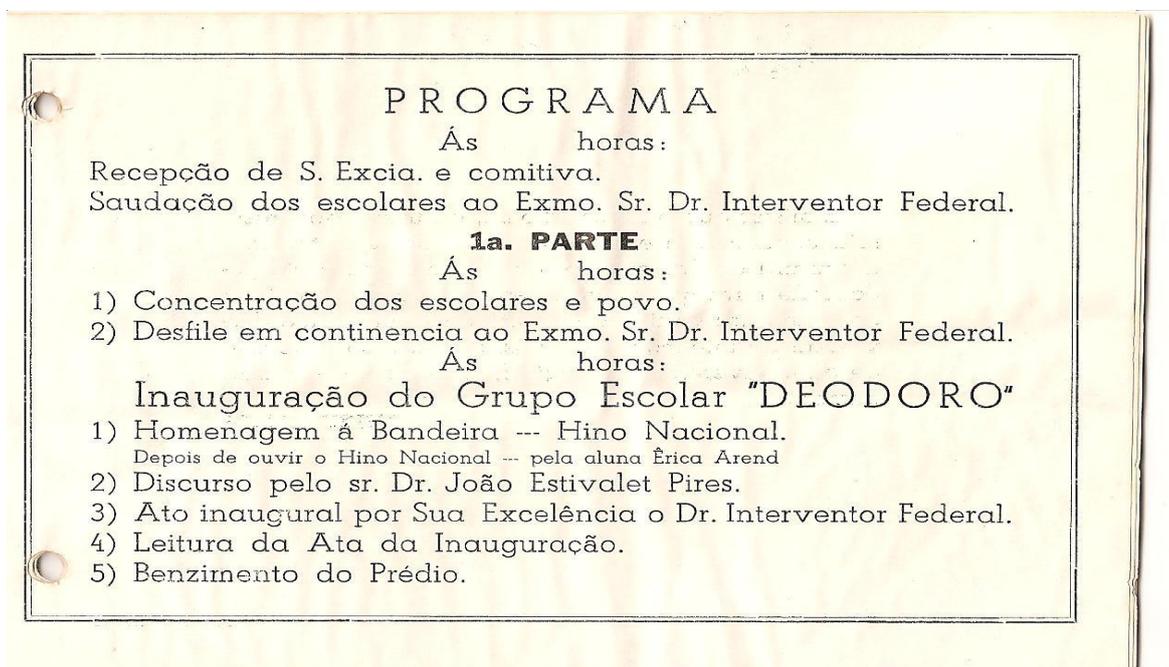
<sup>312</sup> Termo usado por Oliveira (2002 p. 49) diz respeito à descendência européia de ítalo-germânicos. Que o termo “de origem” tem a função de reforçar as distinções étnicas; ela nutre-se de elementos como a comunidade de origem, a língua (os dialetos italianos e alemães falados nas colônias), a religião, os costumes, e, de modo particular, o sentimento de pertença.

Concórdia, com homens de responsabilidade, chefes de famílias e de empresas, tal foi o caso do Félix que ficou detido por muito tempo.<sup>313</sup>

Outro fato comum aos dois municípios é a inauguração de escola pública subvencionada pelo governo, com a presença “ilustre” do então interventor do Estado de Santa Catarina, Nereu Ramos.

Em Rodeio, como mencionamos no capítulo anterior, a inauguração do Grupo Escolar “Oswaldo Cruz” ocorreu no dia 21 de abril de 1942, e em Concórdia é realizada no ano seguinte, em 5 de dezembro de 1943, a inauguração do Grupo Escolar Deodoro<sup>314</sup>. Observe-se que, a exemplo de Rodeio, a denominação da nova escola homenageava um brasileiro ilustre. No caso de Concórdia, o homenageado foi marechal que proclamou a República. No convite da inauguração constava: “Deodoro, em justa homenagem àqueles de quem se póde a pátria orgulhar.”<sup>315</sup> O uso de figuras como Deodoro e atividades programadas para o ato inaugural denotavam o cunho nacionalista que era promovido na época.

Podemos observar na figura abaixo, que o programa contempla: desfile em continência ao Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal; homenagem à bandeira e o Hino Nacional.



<sup>313</sup> FAVERO, Remi Antônio.op. cit., p. 18. O autor de refere a Felix Von Schwerdtner, de origem alemã.

<sup>314</sup> Marechal Deodoro foi o proclamador da República.

<sup>315</sup> Convite de inauguração do Grupo Escolar Deodoro. 3ª parte. 05/12/1943.

A política de nacionalização estava presente cotidianamente na proibição da fala de língua estrangeira, mas ficava evidente nas atividades cívicas, como as comemorações da Semana da Pátria de 1945. Como consta no livro tombo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, “7 de setembro de 1945, o programa marcava o início das solenidades cívicas, hasteamento da bandeira, etc. para as 8h. Logo em seguida desfile dos escolares, poesias, cantos e discursos até as 11h.”<sup>316</sup>

Consta que “foi organizado o programa do dia da Pátria pelo diretor<sup>317</sup> do Grupo Deodoro, auxiliado por seu fiel amigo o Dr. Alberto Gavillon, ambos inimigos da Igreja: comunistas.”<sup>318</sup> Ainda conforme o livro tombo que neste dia “o hasteamento da bandeira foi um fracasso, estiveram presentes só os escolares e umas poucas pessoas”. Em contrapartida, o relator do livro tombo descreve o sucesso e a preferência por parte do público, pelo ato religioso ao invés do ato patriota. Na missa que aconteceu às 7h30min compareceram mais de 200 pessoas.

A programação do Dia da Pátria planejada e executada pelo diretor do Grupo Escolar Deodoro causou grande incômodo a “todo o povo, principalmente dos pais das crianças, ficaram indignadas (*sic*) com a atitude do Diretor. Houve bastante gente que em protesto quis retirar os seus filhos do Grupo ainda no mesmo dia.”<sup>319</sup>

Em protesto à atitude do Diretor e da programação patriótica nem “o vigário, nem as irmãs e nem o povo foram assistir os jogos das crianças do grupo marcados para as 2h da tarde”. Além do boicote aos jogos “ainda foi dirigida uma carta de protesto ao governador do Estado, que nos prometeu retirar o dito diretor logo que acabassem as aulas.”<sup>320</sup>

Interessante notar, que o programa patriótico elaborado pelo diretor, tenha deixado o povo ‘indignado’. De fato durante a pesquisa e a partir de conversas, podemos observar tanto nos dois campos de pesquisa, o que permaneceu na memória das pessoas sobre o “tempo que era proibido falar em Talian”<sup>321</sup> eram as prisões e conseqüentemente a humilhação pública e psicológica.

---

<sup>316</sup> Livro tombo Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Concórdia p. 39

<sup>317</sup> Não consta o nome do diretor.

<sup>318</sup> Livro tombo Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Concórdia. verso da p.39

<sup>319</sup> Idem.

<sup>320</sup> Idem.

<sup>321</sup> Assim era feita a referência à língua (estrangeira) falada ao período de nacionalização Getulista. Mesmo em Rodeio, onde era usado o dialeto Trentino, encontramos pessoas que se referiam ao seu falar como *Talian*.

Moser afirma que “a perseguição a estes colonos por motivos de uso do dialeto Italiano, representou acima de tudo violência: mortificação do eu, dor, humilhação, desprezo, incompreensão e injustiça, e acima de tudo, a introjeção do medo e da vergonha de se falar a língua de suas origens étnicas”

O sentimento de medo estava em todo lugar. O mesmo que observamos em Rodeio e Concórdia vem descrito por Moser da seguinte forma.

o amedrontamento como técnica psicológica utilizada foi o óleo que lubrificou toda a engrenagem de dominação e violência. O medo atingiu a todos, tanto no espaço público quanto nos privados. Em quase todos os depoimentos, foram constantes as declarações que afirmavam que, tanto os agentes da Polícia, quanto os espiões e delatores, invadiam até espaços privados os quais não ofereciam segurança alguma. Todos podiam ser surpreendidos e delatados, a qualquer momento. A presença do medo era total, pois os espiões não só rondavam a casa, mas se escondiam embaixo dela, para surpreender alguém num flagrante.<sup>322</sup>

A partir dos fatos narrados, os castigos durante nacionalização, eram até padronizados, pois a situação descrita por Moser, “Durante os trabalhos forçados, chamados de ‘trabalhar na picareta’, pelos entrevistados, as pessoas, sentiam-se violentadas, trabalhavam de sol a sol, não recebiam comida e passavam muita sede... Quem trazia comida eram os amigos.” Vêm descrita pelo senhor Hermínio Massoco,<sup>323</sup> da seguinte forma “as pessoas ficavam carpindo as estradas, Concórdia naquela época era tudo mato. Eu levava pratos de comida para eles”.

A senhora Adelina Magro, também lembra que na época da língua proibida seu filho mais velho, nunca ia ao centro da cidade, pois não sabia falar “brasilian.”<sup>324</sup>

E como se não bastasse o castigo público, muitos ainda “eram enquadrados na Lei de Segurança Nacional como **criminosos** que atentavam contra a segurança do Estado.”<sup>325</sup> (grifo nosso)

O enquadramento como ‘criminoso,’ carregava uma pressão psicológica muito acentuada para o Italiano ou descendente desse. E seu crime consistia em não saber falar *Brasilian*.<sup>326</sup> Uma política que os punia,

<sup>322</sup> MOSER, Anita. op. cit., p. 4.

<sup>323</sup> MASSOCCO, Hermínio, (86 anos). No primeiro momento disse que não sabia nada de italiano, que não tinha nada para falar. Mas depois de umas palavras “em Talian” ele começou a contar-me suas histórias, que eram sempre marcadas com a expressão “non é vero?”. Em entrevista no dia 12/11/2008 no grupo de Veteranos no centro de Concórdia.

<sup>324</sup> MAGRO, Adelina, (79 anos). Em entrevista em sua residência em Concórdia. Janeiro de 2008.

<sup>325</sup> FÁVERI, Marlene de. op. cit., p. 98.

pelo fato de não terem se integrado nacionalmente através do conhecimento e uso da língua oficial. (...) Estereotipados como «inimigos da Pátria», eram denominados de «fascistas» e «nazistas» e, como tais, humilhados, presos, extorquidos monetariamente e castigados, a pretexto de terem, às vezes, pronunciado uma só palavra em língua estrangeira.<sup>327</sup>

### Segundo Ferreira,

em Concórdia, a maioria da população era indiferente aos acontecimentos políticos nacionais, em vista da possibilidade quase nula de comunicação daquele povo com os fatos que ocorriam fora da região. Para eles, “Estado Novo” era uma “coisa” que ocorria lá no Rio de Janeiro.<sup>328</sup>

Talvez não tivessem a real noção dos acontecimentos no campo político, porém sofriam e acatavam as conseqüências e exigências emanadas do governo.

A partir da informação acima, sobre os efeitos do período do Estado Novo, traço um paralelo com o comentário de Edmar Maróstica<sup>329</sup> que justifica a permanência e contínuo uso do Talian até os dias de hoje, principalmente na cidade de Serafina Correa (RS). Maróstica atribui o fato, ao isolamento em que viviam os italianos e seus descendentes e também à distância destes em relação ao governo. A proibição ocorria, mas não chegava à atingí-los, pois raramente tinham contato para além de seu círculo de relações e convívio.

Em Serafina Correa (RS) no ano de 1988, houve o Decreto nº 43/88 que privilegiou a língua, os costumes e as tradições dos imigrantes italianos, durante o 3º Festival Serrano de Talentos, que ocorreu de 23 a 31/07/88, como consta a seguir,

DECRETO Nº 43/88

Institui o dialeto Tãento como  
língua oficial do 3º Festival  
Serrano de Talentos.

<sup>326</sup> Assim é chamada a língua portuguesa, pois se italianos e descendentes falavam italiano, logo, brasileiros falam *brasilian*.

<sup>327</sup> MOSER, Anita. op. cit., p.1.

<sup>328</sup> FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. **A Câmara municipal na evolução de Concórdia.** Concórdia: EDEME, 1994. p. 24.

<sup>329</sup> Humorista da Cidade de Serafina Correa (RS), cujo trabalho artístico consiste em contar anedotas e em causos engraçados em Talian. Em conversa no dia 9/11/08 durante o XII Encontro Nacional de apresentadores de programas do Talian do rádio brasileiro, realizado em Concórdia.

Fonte: <http://www.ipol.org.br/> acesso em 12/02/2009.

Essa foi uma iniciativa importante, além de valorizar e dar visibilidade ao dialeto Vêneto ou Talian, também lhe é dado um “espaço oficial” de uso.

Percebemos que na cidade de Concórdia, o espaço institucional que é dado ao Talian, está limitado ao programa radiofônico, comandado por *Nene* Magro e *Nene* Piola<sup>330</sup> que vai ao ar todo domingo das 8 às 9 horas pela Rádio Aliança.

No contexto social, tirando a iniciativa radiofônica, a presença de falantes do Talian neste município apresenta-se natural, ou seja, é tão próxima e presente no cotidiano das pessoas que chega até passar despercebido. Durante a pesquisa bastava, mencionar que o trabalho se referia aos falantes de Talian e logo surgiam exemplos e indicações de pessoas ou famílias que o usam no cotidiano.

Durante o regime do Estado Novo se de um lado havia pessoas ou grupos que viviam isolados, de outro existiam os que precisavam se locomover de um lugar para outro. Aqueles que se aventuravam ou eram movidos pela necessidade, ao saírem do seu círculo social – que não deixava de ser um círculo de proteção – precisavam ter documentos de identificação, como nos relata Favero

revendo antigos documentos, temos noção das dificuldades que era locomover-se entre as cidades e principalmente os estados. Para suprir os entraves que possivelmente poderiam acontecer, e não serem confundidos com bandoleiros e jagunços que por essas terras vagavam, as pessoas portavam “Salvo-Conduto,”<sup>331</sup> dado pelas autoridades policiais, somente as pessoas de boa conduta. Este documento era também uma espécie de carta de apresentação a aqueles que já estavam residindo nas novas terras, dizendo que o portador era de boa família e possuía um ofício. Todos que vieram para cá não se atreveram em transitar sem este documento.<sup>332</sup>

Essa exigência atingia a todos que fossem natos ou descendentes italianos, germânicos e japoneses, inclusive as Irmãs da Divina Providência que desenvolviam seus trabalhos no Vale do Itajaí precisavam ter documento de identificação. “Em 1939, em razão da situação de guerra na Alemanha, declarada em setembro, todas

<sup>330</sup> Os radialistas se chamam Ivaldino Piola e Enio Magro, inferimos que a palavra *Nene* em Talian é uma forma de chamar jovens e meninos do sexo masculino.

<sup>331</sup> Para a realização deste trabalho, buscou-se fazer um levantamento de quantos salvo-condutos constavam em arquivo na 14ª Delegacia Regional de Polícia Civil de Concórdia para fazer levantamentos. Porém, o acesso aos documentos não foi permitido e uma funcionária comprometeu-se a fazer uma busca. Em contato no dia 09/03/2009 a mesma informou não ter condições de tempo para a pesquisa.

<sup>332</sup> FAVERO, p.47.

as Irmãs alemãs com menos de 60 anos de idade tiveram de apresentar-se na Polícia e fazer sua carteira de identidade, para poderem permanecer no Brasil.”<sup>333</sup>

Segundo Fáveri, o Edital da Secretaria de Segurança Pública de 1942 anunciava a proibição de “viajar de uma para outra localidade sem licença da Polícia (Salvo Conduto).”<sup>334</sup>

Em Concórdia não foi diferente:

durante a II Guerra Mundial os descendentes estrangeiros eram obrigados a levar consigo o documento Salvo Conduto fornecido pela Delegacia de polícia do município. O Salvo Conduto de Caetano era datado de 06/11/1942 porque viajava a negócios à cidade de José Bonifácio (hoje Erechim).<sup>335</sup>



Fonte: BUCHELE, Maria da Graça Silva. **O Pioneiro Caetano Chiuchetta**. Concórdia: 1ª ed. Gráfica Brindal. 2002. p. 59.

<sup>333</sup> FUCK, op. cit., p.170.

<sup>334</sup> FÁVERI, Marlene. op. cit., p. 504.

<sup>335</sup> BUCHELE, Maria das Graças. **O Pioneiro Caetano Chiuchetta**. Concórdia: Gráfica Brindal. 2002. p. 58. Caetano Chiuchetta foi dono da primeira “Bodega” de Concórdia. Bodega é uma espécie de armazém.

No ano de 1943, depois de declarar Guerra ao Eixo, “Vargas criou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), cujo primeiro escalão foi mandado em julho de 1944 para combater na Itália.”<sup>336</sup>

Como mencionamos no capítulo anterior Rodeio, enviou para a guerra o maior contingente de pracinhas, enquanto em Concórdia constatamos, a partir de relatos<sup>337</sup>, dois nomes: Antonio Baggio e Nico Monteiro.

Concluimos com a afirmação de Radin (apud BENEDET)

pode-se perceber o rigor com que se desenvolveu a campanha nacionalista na região. Esta teve grande repercussão entre os descendentes de italianos, fato que pode ser observado especialmente no que se refere às restrições da fala do Italiano e na formação, entre eles, de um complexo de inferioridade. (RADIN, 1997, p. 137).<sup>338</sup>

### 3. Entre a vergonha e a alegria de falar Talian.

Ao analisar aquele período histórico, Anita de Moser denuncia a perseguição e mostra como se iniciou a construção do sentimento de vergonha pelo uso do Talian e outros dialetos estrangeiros. “[Os descendentes] deviam esquecer os antepassados e deixar de falar esta língua atrasada e exótica: a ‘nação’ pede que se esqueçam os antepassados. O dialeto não é língua é algo exótico, atrasado. É preciso abandoná-lo”.<sup>339</sup>

Como em Rodeio, os descendentes de italianos de Concórdia passaram pelos mesmos sentimentos em relação ao uso da língua de imigração inicialmente de medo e depois vergonha, porém Massocco declara, “nós também sentimos alegria em poder falar de novo Talian” declara Hermínio Massocco que recorda bem do período da língua proibida.

É interessante notar, que mesmo algum tempo depois da política de nacionalização, essa ainda gerava frutos e deixava suas marcas. Como bem mostra Moser,

talvez a geração que mais sofreu as conseqüências da desvalorização de sua identidade étnica, foi aquela que estava no período de socialização

<sup>336</sup> Disponível em: [http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040813\\_getulio\\_vargas.asp](http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040813_getulio_vargas.asp) acesso em: 21/11/2008.

<sup>337</sup> Entrevista com Oswaldo Savoldi. Em 12/11/2008. Em algumas leituras encontrei informações se referindo a Antonio Baggio como nascido na Itália.

<sup>338</sup> BENEDET, José Higino. FREITAS, Jair Orandes de. Che língua parli?ou perché non parli? Apud RADIN, José Carlos et.al.(Org). **Facetas da Colonização Italiana: planalto e oeste catarinense.** Joaçaba: UNOESC. 2003. p. 192.

<sup>339</sup> MOSER, Anita. op. cit., p.14.

primária (a terceira geração nascida no Brasil). Cresceram não com o orgulho de ser bilíngüe, mas com o estigma de que sua língua era algo desprezível.<sup>340</sup>

Os casos relatados a seguir ocorreram no ano de 1982, com uma aluna da 1ª série primária, pertencente à terceira geração nascida no Brasil. Sua escola fazia parte das chamadas “escola isolada,”<sup>341</sup> localizada na área interiorana do município de Concórdia.

Para a aluna C.M.<sup>342</sup> sua maior dificuldade além de não falar a língua portuguesa, era entender o que a professora e os colegas falavam. Pois foi nesta escola que ela teve o seu primeiro contato com a língua portuguesa, já que até então sua comunicação com pais, irmãos, parentes e amigos era feita por meio do dialeto Vêneto/ Talian.

C. M. conta também que sofreu preconceito por parte dos colegas, que riam dela por se expressar em Talian,<sup>343</sup> e da professora, que cobrava a fala “correta”, embora residissem numa comunidade com ampla predominância de italianos. Ela estima que em toda a comunidade deveriam existir duas ou três famílias de não-italianos. Eram famílias de caboclos, vítimas, por sua vez, de outro tipo de preconceito. O ato de rir da fala da aluna, como coloca Moser, torna “o idioma Italiano, sua língua, como algo desprezível.”

Ressalte-se que muitos professores falavam também o Talian em família, mas devido à função que exerciam, eram obrigados a utilizar a língua portuguesa.

A. M irmão da C., recorda que “por falar em Talian, muitas vezes ficou de castigo de joelhos na frente do quadro.”

Segundo DEKKER, em seu estudo sobre o “Bilingüismo nas Áreas de Colonização Alemã”, afirma que

---

<sup>340</sup> Id., 2004. p. 14.

<sup>341</sup> Escolas isoladas eram chamadas as escolas geralmente situadas no interior do município. Nessas em uma única sala de aula eram distribuídas as crianças de 1ª a 4ª série, sendo regidas somente por uma professora.

<sup>342</sup> C. M. (33 anos) e A.M (44 anos) são irmãos. Ambos os entrevistados preferem não ser identificados. Ambos têm curso superior. Não cito a localidade onde estava localizada a escola, para ajudar a preservar o sigilo das fontes. Lembre ao leitor, C. M. 33 anos, apesar da experiência traumática, hoje tem formação superior.

<sup>343</sup> Sendo, portanto o Talian, sua língua materna. Segundo Trauer Línguas maternas, de uma modo geral, são consideradas as línguas que um indivíduo aprende de forma natural, espontânea, ao longo da infância, em contato com pessoas, principalmente por razões de sobrevivência. p. 98

nada menos de 64 municípios catarinenses, nos quais existem pequenas comunidades, algumas rurais ou semi-urbanas (...) continua ocorrendo a conservação da língua alemã, italiana, polonesa ou outra de trato doméstico, de tal forma que os alunos ao entrarem para a escola não dominam o Português, língua que vêm a aprender na escola (...) <sup>344</sup>

Marlene de Fáveri complementa que “no jardim de infância as crianças vindas de casa de seus pais sem conhecer palavra alguma do vernáculo, com apenas oito meses de frequência, já falam mais ou menos corretamente o Português (...)” <sup>345</sup>

Ela também argumenta que “não há dúvidas quanto ao uso do poder que faziam os professores e inspetores escolares, dos abusos cometidos.” <sup>346</sup> Isso fica evidente nos casos descritos acima.

C. M. acrescenta que aquela experiência a deixou traumatizada: ela abandonou a fala do Talian – o que lamenta – e até hoje tem dificuldades de falar em público, mesmo em língua portuguesa.

Pesquisadores analisam que situações como as vividas por C. M. resultam em traumas que provocam conseqüências para toda a vida. Trauer (1993, p.101) observou que nas crianças bilíngües ou falantes apenas do Alemão ao freqüentarem regularmente as escolas maternas ou jardim de infância onde é falado predominantemente a língua nacional, passam a privilegiar muitas vezes o uso da língua majoritária, ou seja, a língua portuguesa, recusando-se a usar a língua materna (minoritária).

Para Fiori, “a rígida proibição de uso do idioma local, para o grupo, foi traumática do ponto de vista psicoemocional.”

Mais contundente Marlene de Fáveri (2002, p. 127) declara:

não há dúvidas de que essas práticas provocavam medo nas crianças: os descendentes de estrangeiros tinham dificuldades de se expressar em Português, diminuía-se diante dos outros, emudeciam e recebiam castigos. Aos que se expressassem e escrevessem corretamente a língua, o destaque e enaltecimento. A língua, como veículo essencial das relações, constrói identidades e designa uns e outros, exclui e inclui. Naquele momento, exclusão posta para os que não dominassem o Português.

C. M. lembra que dizia à sua mãe que não queria mais ir a escola, pois falava “diferente” dos colegas e da professora. Ao término do primeiro ano escolar e diante

<sup>344</sup> DEKKER .*et al.*...1988 apud TRAUER, op. cit., 91.

<sup>345</sup> Fáveri, Marlene de. op. cit., p.105.

<sup>346</sup> *Ibid.*, p.126.

das inúmeras dificuldades enfrentadas, C.M. reprovou, o que representou mais um motivo de humilhação. O aspecto psicoemocional desse caso é emblemático: a reprovação era atribuída às pessoas consideradas ignorantes. Falar o Talian no ambiente escolar também era coisa de ignorante. C. M. foi enquadrada pelos colegas e professora nos dois grupos.

A. M. recorda ainda “que houve na escola uma reunião, na qual a professora estabeleceu que os pais deveriam obrigatoriamente falar em Português com seus filhos. O entrevistado lembra que a mãe começou a falar o Português e só mais tarde o pai. O problema apenas se agravou, pois os pais de A.M e C.M também não tinham estudado a língua portuguesa e a falavam de maneira rudimentar. Desta forma, seus filhos foram aprendendo um Português tosco e tiveram que desaprender o Talian, que conheciam desde tenra idade. Assim, acabaram aprendendo um misto dos dois idiomas e as dificuldades se tornaram muito maiores.

O fato de uma criança saber falar outra língua, mesmo que não conheça a nacional, deve ser valorizado e respeitado, no entendimento de Moser. Segundo Fiori, “porque diz respeito ao conhecimento de uma língua estrangeira adquirido no decorrer da primeira socialização – a do lar, com a presença marcante da mãe - e relacionando-se com valores culturais que, por certo, acompanhavam a aprendizagem do idioma.”<sup>347</sup>

Trauer acrescenta que “o maior ou menor domínio das duas línguas pelo infante depende, assim, de inúmeros fatores, entre eles, do prestígio social das línguas numa comunidade e das circunstâncias da aprendizagem”.<sup>348</sup>

O episódio narrado por C. M. pode ser atribuído à falta de percepção de alunos e professores de uma simples escola isolada, instalada no meio rural. Mas, de alguma forma, ele se repete também na academia, como relata uma estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, que iniciou seu curso em 2004:

nasci, cresci e convivi numa região de famílias de origem italiana, onde aprendi a falar com meus pais o Talian, depois na escola era obrigada a aprender o Português, enquanto a língua materna ficava esquecida e não era valorizada. Feliz cheguei à universidade para freqüentar o curso de Letras Italiano, imaginava aperfeiçoar aquele que eu já sabia. Passada algumas aulas, logo descobri que não sabia nada, tudo o que falava ninguém entendia e a professora repetia incessantemente (*Non te capisco*

---

<sup>347</sup> FIORI. op. cit., p. 219.

<sup>348</sup> TRAUER, op. cit., p.101.

*niente. Cosa vuole dire? Basta! non è così.*). Aos pouco percebi que eu não sabia era nada mesmo de Italiano Oficial e o meu “Talian” não era reconhecido.<sup>349</sup>

O posicionamento das duas professoras – a da escola isolada e a da universidade – reforça o pensamento de Bourdieu de que

ninguém pode ignorar a lei lingüística que dispõe de seu corpo de juristas (os gramáticos) e de seus agentes de imposição e de controle (os professores), investidos do poder de submeter universalmente ao exame e à sanção jurídica do título escolar o desempenho lingüístico dos sujeitos falantes.<sup>350</sup>

Sfredo relata que em meio às dificuldades, pensava em desistir do curso, pois “na hora de falar, o danado do Talian saia tão espontâneo e muito claro que nem conseguia controlar, ficava encabulada, triste, sentindo-me um peixe fora d’água...”<sup>351</sup>

Porém, depois de muito estudo e dedicação “hoje consigo distinguir a diferença entre o Talian e Italiano *standard* e comunicar-me tranquilamente nas duas línguas e descobri que pra aprender o Italiano não preciso esquecer o Talian e sim preservar as origens.”<sup>352</sup>

Sfredo conclui seu relato citando Balboni, em que “a diferença é uma riqueza. Assim através da língua podemos conhecer a nossa história, nossa cultura. Portanto quanto mais línguas domino melhor é minha competência de comunicar-me e relacionar-me com as pessoas e com o mundo.”<sup>353</sup>

Hoje, Sfredo defende o valor do saber passado de pai para filho e a importância de mantê-lo vivo para as futuras gerações.

---

349 “Não te entendo, o que quer dizer? Chega! não é assim!” (Tradução Livre). SFREDO, Juraci. (52 anos). Pedagoga e professora de língua italiana standard. Relato entregue à autora.

<sup>350</sup> BOURDIEU, Pierre. op. cit., p. 35.

<sup>351</sup> Id., 1996. p. 35.

<sup>352</sup> Id., 1996. p. 35.

<sup>353</sup> BALBONI, Paolo. Em palestra proferida em 27/02/2009 na Associação da *Regione Vêneto* em Veneza por ocasião do curso presencial Projeto Vêneto-Brasil executado entre a Associação *Veneziani nel Mondo*; Università Ca’ Foscari e Circolo Italo brasileiro – CIB – Florianópolis.

#### 4. A esperança do Talian se tornar Patrimônio Imaterial do Brasil e o Inventário Nacional da Diversidade Lingüística do Brasil.

Enfrentando as mudanças e inovações da sociedade moderna, segundo Ivette Boso, “os dialetos resistem principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, nas áreas de antiga colonização e nas áreas de ocupação sucessiva da parte dos descendentes dos primeiros imigrantes.”<sup>354</sup>

Os imigrantes e seus descendentes, tendo a

necessidade de adaptar-se à convivência com os tipicamente brasileiros e a não menos premente necessidade de afinar-se entre as tradições, culturas e línguas (dialetos) trazidas das regiões tão diferentes da Itália, faz surgir uma *Koiné*, que transparece primeiramente numa síntese de dialetos, com prevalência do vêneto e, depois com a mescla desse dialeto com o Português.<sup>355</sup>

Confortin por sua vez, explica que “o léxico do dialeto italiano que dominavam, não dispunha de certas palavras para nomear coisas estranhas à sua vivência estrangeira. Em conseqüência, criou-se uma lacuna decorrente da diferença estrutural e cultural entre a antiga e a nova pátria.”<sup>356</sup>

E é no Rio Grande do Sul que surge uma das iniciativas para a valorização do dialeto italiano, especificamente do vêneto, que também é denominado Talian.<sup>357</sup> O deputado gaúcho Francisco Turra, em agosto de 2005 encaminhou para o Iphan, um pedido de reconhecimento formal do Talian como Patrimônio Imaterial do Brasil, acreditando que este contribuiu para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul e para o progresso do Brasil,

a partir do projeto aconteceu um Seminário, que foi realizado de 7 a 9 de março de 2006, no Congresso Nacional, e contou com ampla participação de órgãos públicos e de organizações da sociedade. A principal reivindicação do grupo ali reunido era o reconhecimento, pelo Estado, da pluralidade lingüística do país, e o caminho proposto era a criação de um Livro de Registro de Línguas, conforme possibilidade prevista no decreto 3.551/2000, em seu Artigo 1º. Parágrafo 3º. Vários falantes de línguas indígenas (Nheengatu e Guarani), afro-brasileiras (falante de Gira de Tabatinga-MG) e de imigração (Talian, Hunsruckkish e Pomerano) se expressaram em seus próprios idiomas, e todo o encontro foi traduzido para a platéia na Língua Brasileira de Sinais (Libras). (...) A Língua Brasileira de

<sup>354</sup> BOSO, op. cit., 2002. p. 19.

<sup>355</sup> BENEDET, José Higino. FREITAS, Jair Orandes de. Che língua parli?ou perché non parli? apud RADIN, José Carlos.et.al. (Org).**Facetas da Colonização Italiana**. Planalto e Oeste catarinense. Joaçaba: UNOESC. 2003. p. 200.

<sup>356</sup> CONFORTIN,op.cit.,p. 22.

<sup>357</sup> Denominação dada pelos próprios imigrantes e descendentes italianos da língua falada por eles. Talian em dialeto quer dizer: italiano.

Sinais (Libras), é a única das línguas que foram apresentadas no Seminário do Congresso Nacional que já conquistou legislação federal geradora de direitos.<sup>358</sup>

Em março de 2006 por iniciativa da Comissão de educação e cultura da câmara dos deputados, do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Instituto de Investigação e desenvolvimento em Política lingüística (IPOL), foi realizado um Congresso Nacional. E nesse congresso houve seminário sobre a Criação do Livro de Registros das Línguas. Fonseca acrescenta que em função do seminário e,

dada a complexidade do assunto, e as dúvidas sobre qual seriam os melhores instrumentos para atingir os fins desejados, foi criado, ao término do Seminário, um Grupo de Trabalho, a ser coordenado pelo Iphan, que ficaria encarregado de examinar essas questões. Até o momento, o GT avançou no sentido de elaborar uma primeira proposta de metodologia para o inventário das línguas e de fazer contatos com outras instituições, como o IBGE, solicitando a esse instituto que seja incluído no censo a ser realizado em 2010 o quesito lingüístico.<sup>359</sup>

Segundo o Relatório da Diversidade Lingüística, as línguas faladas no Brasil são classificadas em cinco categorias histórico-sociológicas, de acordo com sua origem histórica e cultural e sua natureza semiótica. Elas podem ser: “Indígenas, de Imigração, de comunidades Afro-Brasileiras, de Sinais, Crioulas, Língua Portuguesa e suas variações dialetais.”<sup>360</sup>

De acordo com o Relatório de atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade lingüística do Brasil (p. 08), “o primeiro pedido de Registro de uma língua como patrimônio cultural imaterial do Brasil realizou-se em 2001, por meio da Associação dos apresentadores de Programa de Rádio “Talian” do Brasil,<sup>361</sup> organização de falantes de Talian, língua do grupo vêneta amplamente falada no sul

<sup>358</sup> FONSECA Maria Cecília Londres. **A diversidade lingüística no Brasil**: considerações sobre uma proposta de política. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=215> acesso em: 23/11/2008.

<sup>359</sup> Idem.

<sup>360</sup> RELATÓRIO de atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade Lingüística. op. cit., p.16.

<sup>361</sup> O primeiro encontro de radialistas do Talian aconteceu no ano de 1996, na cidade de Carlos Barbosa (RS) e teve como mentor Honório Tonial, natural de Erechim (RS). Em 2008, o encontro foi em Concórdia, estavam presentes no encontro mais de 100 radialistas oriundos dos estados de SC/RS/PR e MT; além da presença do também radialista, senhor Paulo Massolini (presidente da FIBRA – Federação das Associações Ítalo-Brasileiras no RS.) e o senhor Aliduíno Zanella (Presidente da Feibemo - Federação das entidades ítalo-brasileiras do Oeste e Planalto Catarinense, existente desde 1995) e o senhor Antonio Alberti - Presidente della *Società Massolin dei Fiori* di Curitiba. O próximo encontro será em Serafina Correa – RS. Vide fotos em anexo.

do país”. Mas como não havia ainda uma política estabelecida para o registro de línguas como patrimônio Cultural do Brasil, o pedido não foi atendido.

Posenato e Luzzatto <sup>362</sup> consideram que o “Talian seja a segunda língua mais falada no Brasil,” <sup>363</sup> haja vista, que tem uma “farta literatura publicada, inclusive dicionário e gramáticas, há numerosas colunas em jornais, programas diários ou pelo menos semanais em mais de uma centena de rádios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.” <sup>364</sup>

Rovílio Costa corrobora com essa hipótese afirmando que

no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia..., onde houve uma migração direta desde a Itália e, também, indireta, pois muitos descendentes de *taliani* do Rio Grande do Sul foram para esses e para outros estados (...) que podiam viver em paz, falar sua língua e viver sua cultura. Nesses estados formou esta língua, o *Talian*. <sup>365</sup>

Como não havia uma política a nível nacional, segundo o Relatório, em São Gabriel da Cachoeira, localizado na região do Alto Rio Negro, Amazonas, optou-se pela legislação municipal para garantir os direitos lingüísticos. Considerada a área mais plurilíngüe do país (no município fala-se 23 línguas diferentes) a Câmara de Vereadores promulgou em 22 de novembro de 2002, uma lei inédita no país, que cooficializou três línguas indígenas a nível municipal – o tukano, nheengatu e o baniwa. A lei permite que essas línguas sejam usadas pelos órgãos do estado, na justiça, na educação, na saúde e nos meios de comunicação de massa.

Ainda no ano de 2002 houve a promulgação da Lei nº 10.436 que regulamentou o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na educação e reconheceu direitos fundamentais para as comunidades surdas do Brasil. “A partir dessa lei, foi criado o primeiro curso de licenciatura em uma língua de sinais (Letras Libras) no mundo, executado em nove instituições federais de ensino.” <sup>366</sup> Inclusive a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) oferece esse curso superior nas

<sup>362</sup> LUZZATTO, Darcy.(1994.p. 21) apud MENGARDA, Elias José. op. cit., p. 137.

<sup>363</sup> POSENATO, Julio. **Talian: Língua e identidade cultural.** Apud DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. (Orgs). **Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana.** Caxias do Sul: EDUCS, 1999.p. 270.

<sup>364</sup> Id.,1999.p. 270.

<sup>365</sup> COSTA, Rovílio. **Dissionario: la grande stòria.** p. 18 apud LUZZATTO, Darcy Loss. **Dissionàrio Talian Véneto brasilian portoghese.** Porto Alegre: Sagra, 2000. s/p.

<sup>366</sup> Relatório de atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade lingüística do Brasil. op. cit., p. 8

áreas de bacharelado e licenciatura”<sup>367</sup>. O relatório continua: “com uma solicitação à Câmara de Deputados, o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL) reforçou a demanda e surgiu o projeto do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística – que pode resultar na criação do livro”<sup>368</sup>.

Convém lembrar que o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL) é “uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter cultural e educacional, fundada em 1999, com sede em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil e constituída por profissionais de diversas áreas do conhecimento, para realizar projetos de interesse político-lingüístico em sentido amplo (...).”<sup>369</sup>

A partir dessa iniciativa, inédita no país e iniciada no ano de 2006, o direito de ter sua língua registrada é estendida a outras minorias linguísticas, “a ideia é catalogar duas ou três línguas de imigração, três línguas indígenas e uma afro-brasileira como projeto-piloto. Serão inventariadas as comunidades de falantes e o estado de conservação do idioma.”<sup>370</sup> Além do Talian, “outras línguas de imigração que podem entrar no projeto são o Hunsrück (Alemão) e Pomerano (mistura de Alemão e Eslavo), Polonês, Ucraniano, Japonês, Russo, iídish (dialeto do alemão falado por judeus), variantes do Árabe, entre outros.”<sup>371</sup>

Segundo Fonseca, “entretanto, outras comunidades de falantes, sobretudo de línguas alóctones, também chamadas línguas de imigração, mas também de falares afro-brasileiros, têm reivindicado maior atenção por parte do Estado para o reconhecimento da diversidade lingüística brasileira.”<sup>372</sup>

Fonseca afirma também que “com o registro, os falantes ganham o direito à educação, canais de comunicação e serviços culturais bilíngües.”

Como declarou Pedro Garcez, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “vejo o registro das línguas minoritárias brasileiras como primeiro passo na direção de tirar da clandestinidade simbólica esse patrimônio imaterial

<sup>367</sup> CARNIERI, Helena. *Gazeta do Povo*, *Para guardar a língua* em 25 /05/2008. Paraná.

<sup>368</sup> Id., 2008.

<sup>369</sup> Disponível em: [www.ipol.org.br](http://www.ipol.org.br) acesso em: 19/11/2008.

<sup>370</sup> CARNIERI, Helena. op. cit.,

<sup>371</sup> Idem.

<sup>372</sup> FONSECA. op. cit.,

brasileiro, as diversas línguas que são formas de vida em muitas comunidades deste país.”<sup>373</sup>

O reconhecimento delas, através do *Livro de Registro das Línguas*, passaria a dar maior visibilidade a essas minorias linguísticas. Mas independente de seu reconhecimento ou não, de acordo com Posenato no ano de 1999 “pelo menos seis municípios (Guaporé, União da Serra, Marau, Serafina Correa, Dois Lageados e Montauri) já estão adotando o ensino do Talian nas escolas municipais.”<sup>374</sup> Em Capitão, no município de Cascavel (PR), no ano de 2008, o Talian foi ensinado para 32 pessoas. Também no ano passado, no Rio Grande do Sul estava em vigor curso de Talian, com o frei Rovílio Costa com turma formada por 30 alunos com idade entre 10 e 70 anos.

Luzzatto escreveu um livro didático com 50 lições de Talian, de forma simples e prática. O livro se chama *Talian (Vêneto brasileiro) Sem mestre*. Mas porque ensinar e aprender o Talian? Luzzatto entende que aprendendo essa língua, a pessoa possa utilizá-la em muitos lugares. Como exemplo, “na Serra Gaúcha, em grande parte de Santa Catarina e do Paraná [Brasil], no Trentino, no Vêneto, na Venezia Giulia, e em grande parte do Friuli e da Lombardia [Itália], na Istria e na Costa da Dalmácia [Croácia], em muitas regiões colonizadas por trivênetos [Argentina, Chile, Uruguai, México,...]”<sup>375</sup>

Mengarda cita que duas peças de teatro também deram espaço e visibilidade ao Talian. Uma foi “a peça teatral ‘O Quatrilho’ vertida para o dialeto vênето, já que era um sucesso no Rio Grande do Sul, antes da versão cinematográfica realizada em 1995 e indicada ao Oscar em 1996.”<sup>376</sup> Com o sucesso do filme a peça foi apresentada nos principais centros do país.

Outra peça apresentada pelo grupo *Miseri Coloni* foi a peça intitulada “Naneto Pipeta,”<sup>377</sup> encenada inclusive em grandes cidades da Itália, como Vicenza, Verona e Pádova.”<sup>378</sup>

<sup>373</sup> Apud CANTARINO Carolina. **Diversidade verde-amarela**. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php> acesso em: 02/12/2007.

<sup>374</sup> POSENATO, op. cit., p. 272.

<sup>375</sup> LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vêneto Brasileiro) Sem Mestre**. Porto Alegre: Sagra, 1997. (introdução).

<sup>376</sup> MENGARDA, op. cit., p. 151-152.

<sup>377</sup> Naneto Pipeta é um personagem de Aquiles Bernardi, publicado inicialmente nos anos de 1924 e 1926, em capítulos no jornal Stafetta Riograndense, hoje Correio Riograndense. Segundo o prof. Dr.

Atualmente na cidade de Palma Sola, no Oeste Catarinense é realizado o Festival da Musica Italiana, chamado de Fest'Itália Especial Lelia Caldato Crestani. Neste ano já se encontra em sua sétima edição e é realizado pela Associação Círculo Italiano de Palma Sola. O festival é composto pelas categorias adulto (com as modalidades folclórica/popular e clássico-contemporânea) e infantil (com a modalidade folclore/popular). Dessa forma, o Talian tem mais um espaço de visibilidade.

Antônio Martellini,<sup>379</sup> afirma que “o Talian é a última língua neo-italiana ou neolatina, que se conhece”, parafraseando a sentença de Olavo Bilac, de que a língua portuguesa é a “última flor do Lácio.”

O próximo passo é fazer o inventário de 180 línguas indígenas e 30 de imigrantes. Para fazer o inventário do Talian foi composta uma equipe no Rio Grande do Sul, liderada pelo professor da Universidade de Caxias do Sul José Clemente Pozenato. No período de um ano serão levantadas estimativas de quantos e quem são os falantes, inclusive os que apenas entendem a língua, além da produção literária e dos meios de comunicação, entre outras informações.

O inventário Nacional da Diversidade Lingüística - INDL, definiu como

requisito básico para se incluir uma língua no INDL, conferindo-lhe o título de 'referência cultural brasileira', ter relevância para a memória e identidade dos grupos que compõem a sociedade brasileira, ser veículo de transmissão cultural e falada no território nacional há pelo menos três gerações (ou 75 anos).<sup>380</sup>

Portanto, o Talian se enquadra nos requisitos acima mencionados.

Com o inventário (p. 10) “no que toca ao levantamento de dados, entende-se que, como sua implementação será descentralizada, inclusive integrando pesquisas já realizadas e experiências já acumuladas por pessoas e instituições (...).”

O grupo de trabalho, juntamente com o Ministério da Educação vão propor ao Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e a União dos Dirigentes

Luis A. de Boni “trata-se da obra prima da literatura da imigração italiana na América”. A língua em que o livro foi escrito não é o dialeto Vêneto da Itália, mas o linguajar dos imigrantes, isto é, o vênето acrescido de expressões cremonesas e de outros dialetos, além de uma série de palavras tomadas do português (...) numa linguagem que era a da colônia italiana em fins da década de 50. Apud. BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta**. Porto Alegre, escola Superior de Teologia e espiritualidade franciscana, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 9º ed. 1990. (Apresentação da 5º edição pelo prof. Dr. Luis A. Boni)

<sup>378</sup> MENGARDA, op. cit.,

<sup>379</sup> Jornal Correio Riograndense apud LUZZATTO, 2000. p.19.

<sup>380</sup> Relatório de atividades do grupo de trabalho da diversidade lingüística do Brasil op. cit., p. 11.

Municipais de Educação (Undime) campanhas para sensibilizar os agentes educacionais quanto aos direitos educacionais dos falantes de outras línguas.

Além disso, é previsto, como efeito do Inventário Nacional da Diversidade Linguística que o “ministério da Cultura notificará estados e municípios da existência de língua inventariada no seu território para que promovam medidas de valorização e salvaguarda em articulação com a sociedade civil.”<sup>381</sup>

Esse grupo de trabalho também sugere que seja elaborada emenda à Constituição Federal relativa ao reconhecimento da pluralidade lingüística do Brasil; propor ao MEC que sejam garantidos às demais línguas inventariadas os mesmos direitos educacionais de que já gozam LIBRAS e as línguas indígenas.

Em Concórdia, há casos em que a pessoa tem dificuldade de se expressar na língua portuguesa, por isso a língua de comunicação usada é o Talian, ou ainda de algum dialeto derivado do Alemão. Isso se comprova no depoimento de dona Jurema Barp, que é aluna de cursos de artesanato em uma loja no centro da cidade. Contou-nos que um dia, estava em seu curso, quando entrou na loja uma senhora idosa pedindo “*un caretel di fil*” e as atendentes se olharam e não entendiam o que a senhora havia solicitado. Como pondera Bourdieu, “os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se vêem condenados ao silêncio.”<sup>382</sup> Nesse caso dona Jurema exímia falante do *Talian*, foi a intérprete entre a cliente e a atendente.

Na referida loja, indagados sobre o público que fala Talian, houve a confirmação que há alguns casos, porém a incidência é maior de falantes de dialetos derivados do Alemão.<sup>383</sup> Estendemos a investigação a outros centros comerciais e, felizmente, constatamos que nos centros “mais tradicionais” há sempre alguém, proprietário ou atendente, que se não fala, ao menos entende o Talian. Porém sugere-se possíveis pesquisas relacionadas aos dialetos alemães presentes no município.

---

<sup>381</sup> Id., 2007. p. 12.

<sup>382</sup> BOURDIEU, op. cit., p. 42.

<sup>383</sup> Podemos inferir que em relação à situação do Alemão, tenhamos uma configuração similar à que ocorre com o Italiano, igual em relação a uma língua *standard* oficial e a dos dialetos.

Adelina Magro <sup>384</sup> passou um período com o marido em um Hospital em Passo Fundo e relatou que a comunicação não fora fácil, pois tinha coisas que ela não sabia explicar em “brasilian”, tudo era difícil. Quando esteve no Hospital em Concórdia tinha sido mais fácil, pois podia falar em Talian que os médicos e enfermeiras entendiam.

Por exemplo, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Concórdia, alguns idosos que freqüentam o consultório médico falam Talian e Português. Existem alguns casos em que o paciente idoso tem dificuldade para falar Português, então eles vão ao consultório médico acompanhados por um familiar.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, no município de Serafina Corrêa o Talian é muito usado. O médico Paulo Massolini, presidente da Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do Rio Grande do Sul (Fibra) declara: “Tenho pacientes que chegam ao consultório e preferem falar em Talian.” <sup>385</sup>

Outro caso envolvendo o Talian, ocorreu no estado do Paraná. L. M. <sup>386</sup>, radialista que apresenta um programa em Talian em uma cidade paranaense, conta que estudou e aprendeu o Italiano *standard* e foi fazer o programa de rádio na língua italiana. Um dia encontrou um senhor, bem idoso, que lhe disse: “*setu un bauco ti! Ti pensi che parli talian, mas talian non ti parla mia.*” <sup>387</sup> Diante do depoimento, L.M. passou a estudar o Talian, pois entendeu que essa era a língua de seus ouvintes.

## 5. O Ensino da Língua Italiana Moderna em Santa Catarina.

Pensando na pluralidade lingüística do estado de Santa Catarina foi desenvolvido

na década de 80 um projeto pedagógico interinstitucional entre a Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC e a Secretaria de Educação e do Desporto (SED), denominado Projeto Piloto de Reintrodução das Línguas Estrangeiras nas Escolas de Primeiro e Segundo Grau de Santa Catarina. Tal projeto visava à reintrodução do estudo de línguas como o

<sup>384</sup> (79 anos). Entrevista em janeiro de 2008. Concórdia.

<sup>385</sup> CARNIERI, op. cit., Massolini mantém na cidade de Serafina Corrêa (RS), um programa de rádio em Talian na rádio Odisséia, no qual há muito conteúdo religioso, piadas e avisos.

<sup>386</sup> Fato relatado durante o XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro. Concórdia - SC 8 e 9/11/2008. Usamos as iniciais do nome, pois não tivemos autorização por parte do depoente.

<sup>387</sup> “Você é um bobo, você acha que fala italiano, mas italiano você não fala.” (tradução livre)

Alemão, o Espanhol, o Francês e o Italiano no ensino fundamental e médio.<sup>388</sup>

A iniciativa tinha como objetivo além de atender às reivindicações da comunidade catarinense, também fazer frente aos desafios advindos em função da Lei 5692-71 que excluía a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira no Currículo Oficial Brasileiro.

Além do que, até meados da década de 80, somente o Inglês era oferecido nas escolas públicas do Estado. A partir dessa época, “houve modificação na política de ensino das línguas, passando-se de uma posição monolíngüe para uma posição plurilingüística nas escolas mais bem estruturadas, oferecendo-se Francês, Espanhol, Alemão e Italiano nos currículos escolas de 1º e 2º grau.”<sup>389</sup> A oferta de Língua estrangeira nas escolas do estado deu-se no período entre 1984 a 1988 por intermédio de um convênio de cooperação entre a Secretaria de Estado da Educação (SED) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Na década de 90, no campo da educação brasileira foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional - Lei nº 9.394 de 20/12/96, que em seu artigo 26 parágrafo 5º garante a obrigatoriedade do ensino de pelo menos uma língua estrangeira (LE) a partir da 5ª série do Ensino Fundamental.

Em função da Lei nº 9.394, a Proposta Curricular de Santa Catarina, de 1998, prevê que

na versão de 1989/1991 da Curricular de Santa Catarina não consta nenhuma referência a LE; porém, com a aprovação da LDB da educação Nacional – Lei nº 9.394 de 20/12/96, que no seu artigo 26, parágrafo 5º, garante a obrigatoriedade do ensino de pelo menos uma LE a partir da 5ª série do ensino fundamental -, abriram-se espaços para a discussão das questões envolvidas no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.<sup>390</sup>

Consta ainda na Proposta Curricular que “para o ensino da língua italiana foi assinado um acordo de cooperação técnica, em 12 de dezembro de 1996, entre o

<sup>388</sup> DAMIANI, Maria José Costa. *et al.*(Org). **Línguas: ensino e ações**. Florianópolis: UFSC/NUSPPLE, 2002.p.15.

<sup>389</sup> TRAUER, op. cit., p. 2.

<sup>390</sup> Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares**. – Florianópolis: COGEN, 1998. p. 1.

Estado de Santa Catarina da República Federativa do Brasil e da República Italiana. Neste momento, as ações estão centradas na formação de professores.”<sup>391</sup>

Diante da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 96 e “sabendo ainda do número insuficiente de professores para atuar na área de língua estrangeira, coube, então ao Estado adotar uma política de ação, a curto e médio prazo, que possibilitasse a implantação do mesmo.”<sup>392</sup> E novamente a Secretaria de Educação e Desportos do Estado de Santa Catarina juntamente com todas as Instituições de Ensino Superior presentes no estado, “propôs, através do programa *Magister* Projeto Letras\Línguas Estrangeiras, a formação universitária plena e a complementação dos professores em línguas estrangeiras em caráter emergencial.”<sup>393</sup>

Por meio do *Magister*, firmado entre o Governo do Estado e as Instituições de Nível superior, a Universidade Federal de Santa Catarina, passou a oferecer licenciatura plena e complementação de licenciatura em Alemão, Espanhol e Italiano.

Para Trauer,

entre as línguas sugeridas pelo PROJETO para opção destacam-se as línguas estrangeiras já tradicionais na escola brasileira: o inglês, o Francês, o Espanhol, o Italiano e o Alemão, as duas últimas porém, agora, sob um novo enfoque: além de línguas estrangeiras, são oferecidas levando em conta a sua presença ainda viva, enquanto (segundas) línguas maternas, na sociedade catarinense.<sup>394</sup>

A autora se refere ao Italiano *standard*. Aqui estamos tratando da forma dialetal.

Sendo fruto desse projeto, conforme quadro abaixo, 32 professores<sup>395</sup> que cursaram na cidade de Rodeio, passam a ser habilitados para trabalhar com a língua italiana no município. O programa *Magister* teve sua criação em 1995 e implantação

---

<sup>391</sup> Id., 1998. p. 2.

<sup>392</sup> DAMIANI, op. cit., p.16.

<sup>393</sup> Id., 2002. p. 16.

<sup>394</sup> Ibid., p. 72.

<sup>395</sup> Segundo notícia divulgada Circolo Trentino de fevereiro 1998, na cidade de Rodeio cursavam o *Magister*, 44 professores. Sendo de Rodeio (18), Blumenau (8) Apiúna (4), Benedito Novo (2), Brusque (2) Gaspar (2), Indaial (2) Timbó (2), Chapadão do Lajeado (1), Doutor Pedrinho (1) Jaraguá do Sul (1) e Luis Alvez (sic) (1). Concluíram o curso 32 professores.

e duração de 1996 até julho de 2005, qualificando um total de 4.085 professores. Atuam na Rede Pública Estadual de Ensino como efetivos 1.591 professores.<sup>396</sup>

A seguir destacamos dados referentes a nossa pesquisa,

Licenciatura em Língua e Literatura Italiana	Cidade	Matrícula Inicial	Início	Término	Formados
	Rodeio	50	1998/1	2001/2	32

Fonte: *Magister* Letras/UFSC Apud DAMIANI, Maria José Costa. **Línguas: Ensino e ações**. 2002.p. 18.

O projeto *Magister* integrou o “Protocolo de acordo de Cooperação entre o Estado de Santa Catarina e a República Italiana, para a formação de professores em língua italiana com o objetivo que esta seja inserida no currículo das escolas da rede pública do Estado de Santa Catarina.”<sup>397</sup> (tradução livre)

Alguns municípios conseguiram implantar o ensino da língua italiana na rede pública de ensino. No ano de 2008, ela se fez presente na rede estadual de ensino nas seguintes regiões:<sup>398</sup>

GERED	Ensino Fundamental	Ensino Médio	EJA	Total por GERED
São Miguel do Oeste	0	0	1	1
Concórdia	1	1	0	2
Videira	1	2	0	3
Ibirama	1	1	1	3
Blumenau	1	0	0	1
Brusque	0	1	0	1
São Bento do Sul	0	0	1	1
Total	4	5	3	12

### Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) prevêm

a possibilidade da inclusão de uma segunda Língua Estrangeira Moderna em caráter optativo, parece conveniente vincular tal oferta também aos interesses da comunidade. Dessa forma, é provável que em determinadas áreas do **Rio Grande do Sul, por exemplo, seja muito mais significativo o ensino do Italiano**, em função das colônias italianas presentes no local, do que oferecer cursos de francês; em regiões onde a presença alemã é mais marcante, provavelmente o ensino dessa língua adquira um significado mais relevante do que o japonês. É **preciso observar a realidade local**,

<sup>396</sup> Relatório Programa *Magister*. Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Dados do ano de 2005.

<sup>397</sup> “Protocollo di accordo di Cooperazione fra lo Stato di Santa Catarina e la Repubblica Italiana, per la formazione di docenti in lingua italiana con lo scopo che questa sia inserita nell’ambito delle scuole della rete pubblica dello Stato di Santa Catarina. Jornal Circolo Trentino de fevereiro 1998.

<sup>398</sup> Informação fornecida pela Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, no primeiro semestre 2008.

conhecer a história da região e os interesses da clientela a quem se destina esse ensino.<sup>399</sup> (grifo nosso).

Diante do exposto, por questões políticas, sociais e econômicas se julgou ser o Italiano *standard* o mais conveniente a ser ensinado na escola. Apesar de a intenção ser justamente a de ‘observar a realidade local’. É preciso levar em consideração que a realidade atribuída ao estado do Rio Grande do Sul é semelhante ao estado de Santa Catarina e Paraná, nos quais o Talian ou ainda outros dialetos italianos se fazem presentes. Portanto, em se tratando de oportunizar os conhecimentos de outras línguas, faltou uma política que valorizasse o aspecto lingüístico local.

Além dos documentos oficiais já mencionados, observa-se também a inclusão do ensino da língua italiana nas escolas da rede pública, a partir de outras iniciativas. Exemplo disso “é o acordo firmado entre Consulado Geral da Itália em Curitiba, o governo do Estado do Paraná e o Centro de Cultura Italiana Paraná - Santa Catarina.”<sup>400</sup>

Segundo a revista *Insieme*, Arroio Trinta, situado no centro-oeste catarinense foi, em 1994, o primeiro município brasileiro a incluir o ensino da língua italiana na grade curricular das escolas municipais. É também pioneiro na experiência de uma escola bilíngüe que começou no ano de 2002, na qual,

os alunos aprendem história italiana, geografia e educação cívica, como se estudassem em uma escola da Itália. Ali, as crianças aprendem o Italiano - língua obrigatória para as mais de 800 crianças matriculadas nas três escolas municipais - já a partir do maternal e do jardim de infância.<sup>401</sup>

Trauer (1994, p. 73) propõe: “adequar o ensino do Alemão e do Italiano em regiões de colonização para falantes desse idioma, podendo mesmo as classes serem organizadas por níveis de conhecimento lingüístico e para não falantes interessados na aprendizagem destas línguas (...).”

<sup>399</sup> BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias.** Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. p. 49-63.

<sup>400</sup> OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930) 2006 p. 24.

<sup>401</sup> Publicação mensal, nº 70; outubro 2004; p. 12 a 18.

Também em âmbito municipal foi instituído o ensino da língua italiana nas cidades de Rodeio, Concórdia, Joinville além da já citada Arroio Trinta.<sup>402</sup>

Em alguns municípios o ensino da língua italiana se dá por meio de convênios e parceria com o governo e órgãos italianos voltado ao ensino da sua língua.

Em Santa Catarina, por exemplo, a Secretaria de Estado da Educação, (SED) com o Governo da República Italiana, representado pelo Cônsul Geral da Itália com sede em Curitiba/PR,<sup>403</sup> Mário Trampetti, firmaram acordo de cooperação técnica em 1996 com validade até 2001. Tendo como objetivo “efetivar a inclusão do ensino da língua e da cultura italiana nas unidades escolares da rede pública do Estado de Santa Catarina.”<sup>404</sup> Os acordos assinados em Florianópolis

no dia 11 de dezembro de 1996 e no dia 06 de dezembro de 2001, levaram, através da atuação de três protocolos executivos, relativos aos anos de 1996 a 2004 e, mediante a colaboração das Universidades catarinenses empenhadas na execução do Programa *Magister*, quais principais êxitos positivos à formação de cerca de duzentos professores de Língua e Cultura Italiana e à inserção do idioma Italiano em dezenas de escolas estaduais.<sup>405</sup>

Segundo o documento os acordos foram firmados considerando

que existe uma ampla presença italiana no território de Santa Catarina e um real interesse das organizações representativas da coletividade italiana de que não se disperse o **patrimônio lingüístico e cultural** que possuem, e que é **significativo**, outrossim, o desejo de fortalecer a cooperação recíproca no sentido de promover a língua e a cultura italiana no território catarinense.<sup>406</sup> (grifo nosso)

A Itália demonstrou interesse e desenvolve políticas no sentido de manter e a cultura italiana presente nas comunidades de ítalo-descendentes, especialmente nos

---

<sup>402</sup> Em Joinville o ensino da língua italiana na rede municipal é resultado da iniciativa da prefeitura em parceria com o Consulado Geral da Itália, Centro de Cultura Italiana Paraná/Santa Catarina (CCI) e Circolo Italiano de Joinville, cujo convênio tem duração de dois anos e foi renovado pelos participantes. De 2004 a 2006, o projeto beneficiou 1.440 alunos e, em 2007, 560 alunos estavam aprendendo italiano em 15 escolas municipais. Eles têm uma hora e meia de aula por semana e recebem certificado depois de três anos de curso, com base no desempenho e freqüência. Existem dois níveis de ensino, um para crianças e outro para adolescentes. A prefeitura é responsável pela contratação dos professores. O CCI e os demais parceiros contribuem para a compra de livros didáticos e com cursos de capacitação para os professores. Em 2007 o governo italiano ofereceu uma professora italiana para lecionar em três escolas e sete turmas, além de coordenar as reuniões mensais do projeto. Conforme Revista *Insieme* n. 100 de abr. 2007, p. 18.

<sup>403</sup> O *Consulato Generale d'Italia* tem sede em Curitiba/PR, mas é responsável pela jurisdição Paraná/Santa Catarina.

<sup>404</sup> Acordo de Cooperação Técnica entre o Estado de Santa Catarina da República Federativa do Brasil e República Italiana, para a promoção do estudo da língua e cultura italiana. Florianópolis, 19/04/2005.

<sup>405</sup> *Ibid.*, 2005. p. 2.

<sup>406</sup> *Idem.*

estados do sul do país. O interesse fica perceptível quando analisamos, com um olhar mais acurado, esses acordos de cooperação e os programas de *gemellaggi*, cidades irmãs, para citar alguns.

Analisando politicamente, em um primeiro momento, esses acordos/*gemellaggi* são convenientes para ambas as partes, tanto para a Itália que, em plena globalização, expande seus “domínios” e firma sua “imagem” para além de seu território e, principalmente para mostrar ao mundo que na Itália a unidade linguística italiana apresenta-se estável<sup>407</sup> frente as inúmeros dialetos/língua falados naquele país.

Para os brasileiros, além de garantir investimento italiano para desenvolvimento das cidades e/ou regiões com descendentes italianos, oferece a toda a população, mas especialmente aos mais jovens,<sup>408</sup> a oportunidades de trabalho, estudos, e voltando ao país de seus antepassados a esperança e de um futuro melhor.

Ainda no ano de 2005, no mês de julho, foi assinado protocolo executivo para os anos de 2005, 2006 e 2007, tendo em visto o acordo de cooperação técnica relativo aos anos anteriores.<sup>409</sup>

Em relação à região do Trentino Alto Ádige, a senhora Iracema Moser Cani, Presidente da Federação dos Circolos Trentinos<sup>410</sup> do Brasil e representante dos mesmos na Associação *Trentini nel Mondo* situada em Trento – Itália, afirma que

---

<sup>407</sup> Ver por exemplo a luta pelo reconhecimento da língua veneta e minorias lingüísticas regionais e pesquisa pelo Ensino da língua sarda na escola em Cagliari, Sardegna e notícia publicada no jornal online Oriundi do dia 27/04/2007, que pesquisa feita entre os italianos pelo *Istituto Nazionale di Statistica – ISTAT* aponta “continua prevalecendo à tradição passadas pelo nonos e pelos pais e preservada em diferentes comunidades e regiões: mais da metade dos italianos (54,5%) ainda falam de forma prevalentemente o dialeto no âmbito familiar”. E mais em março de 2008 foi aprovada a lei constitucional na Câmara dos Deputados sancionou o italiano como a língua oficial italiana, e ao mesmo tempo concedeu “dignidade a 11 línguas regionais faladas na Itália.

<sup>408</sup> Em Rodeio, por exemplo, vários jovens já foram para Trento estudar no *Istituto San Michele* e inclusive a Vinícola *San Michele* situada em Rodeio, é fruto desse trabalho juntamente com investimento da região do Trento- Itália com o município de Rodeio. A Província Autônoma de Trento oferece bolsas de estudo para descendentes trentinos que queiram fazer o curso de graduação, pós-graduação na *Università a Colori* em Trento, bem como intercâmbio. Para saber mais [www.mondotrentino.net](http://www.mondotrentino.net)

<sup>409</sup> Segundo Maria de Fátima Alves, coordenadora de programas curriculares da Secretaria de Educação de Santa Catarina, ainda não foi renovado o Acordo de Cooperação Técnica, pois a secretaria está organizando uma nova proposta de oferta de língua estrangeira moderna, nas escolas da rede pública estadual. Provavelmente, após esta implantação estarão em contato com os interessados para dar continuidade aos acordos anteriormente estabelecidos. Informação cedida via correio eletrônico em 25/03/2009.

os representantes do governo de Trento vêem essa lealdade lingüística como sinal de um patrimônio cultural preservado, uma marca de uma imigração sofrida e dignificada em sua cultura de origem através de uma das características mais marcantes de seus usos e costumes.<sup>411</sup>

As pessoas que defendem o aprendizado da língua italiana *standard* argumentam que isso aumenta a possibilidade de participação em programas de aperfeiçoamento oferecidos pelo governo italiano às pessoas ligadas ao país por alguma linha de descendência. Em Rodeio, por exemplo, muitas pessoas alimentam um projeto de vida de passar algum período na Itália, a língua padrão seria a mais recomendável.

A respeito do ensino do Italiano *standard*, Cani tem a seguinte opinião:

a disciplina língua italiana na Escola Pública de Rodeio tem sido um bom investimento cultural para a nova geração que vem reatando os laços com a Itália, em particular para discernimento entre **o falar dialetal e o gramatical**. Também se presta ao intercâmbio entre Brasil e Itália, um interesse que vem avançando nos últimos tempos.

Dolzan, em sua dissertação de mestrado, observa que não há unicidade de opiniões a respeito da importância do ensino da língua padrão ou do dialeto trentino nem mesmo entre as associações que atuam na valorização da cultura e das línguas italianas.

ao contrário do Círculo,<sup>412</sup> a Família Trentina não tem a mesma preocupação com a manutenção do dialeto, sobretudo por acreditar ser uma língua que se faz presente apenas na **oralidade** e que está **fadada ao desaparecimento**. Nesta perspectiva, enquanto para o Círculo (*sic*) Trentino a conservação do dialeto é fundamental para a composição da “identidade trentina - italiana” de Rodeio, para a Família (*sic*) (embora o dialeto seja considerado importante como “origem da cidade”) o imprescindível é a divulgação da língua italiana.<sup>413</sup> (grifo nosso)

A citação deixa claro o descaso com o dialeto Trentino por parte de algumas pessoas e instituições que teriam em mãos ferramentas<sup>414</sup> que podem mudar o

---

<sup>410</sup> Esses *Circolos* têm a função de congregar os descendentes e a preservação da cultura, através de eventos culturais, grupos de danças folclóricas e ensino da língua italiana, e principalmente do dialeto Trentino como vem acontecendo no *Circolo* Trentino di Piracicaba, São Paulo que tem o ensino do dialeto Trentino.

<sup>411</sup> CANI, op. cit., informações fornecidas via correio eletrônico.

<sup>412</sup> *Circolos* Trentinos e *Famiglia* Trentina são associações ligadas à Trentini nel Mondo, associação maior, situada em Trento-Itália. O objetivo é agregação e ajuda mútua entre trentinos e seus descendentes. Apesar dos objetivos serem os mesmos, há uma certa rivalidade entre *Circolos* e *Famiglie*.

<sup>413</sup> DOLZAN, Op. cit. p. 54.

<sup>414</sup> CANI, Iracema Moser diz que o chamado “Mondo trentino” através da Província Autônoma de Trento e de seu órgão operativo a Associazione Trentini Nel Mondo – ONLUS” promove ações

destino dessa minoria linguística. Percebemos um tom preconceituoso com o dialeto, pelo fato de estar somente no campo da oralidade. Oliveira (2003) lembra “que 85% das línguas desapareceram sem deixar vestígios, já que se tratavam de línguas ágrafas, isto é, sem escrita, como, aliás, a maioria das línguas do mundo.”<sup>415</sup>

Portanto, o dialeto Trentino assim como outras línguas ágrafas estão fadadas ao desaparecimento. Se no entanto, os pesquisadores, Universidades e professores permitirem que isso aconteça na medida em que espaços são dados às línguas dominantes e negados às minorias linguísticas.

As diferenças de opinião existentes entre as duas associações em Rodeio ficam claras também em alguns dos depoimentos publicados por Dolzan. Uma das entrevistadas reconhece a divergência, afirmando que o outro grupo não deseja

que os meninos aprendam a língua standard [Italiano] porque querem ficar com o dialeto e acabou-se. Acabou-se de verdade, porque mortos os velhos morreu a língua, porque os jovens em Rodeio hoje, ninguém mais fala o dialeto Trentino, fora umas famílias que moram no interior (...) o nosso interesse é não deixar morrer a cultura italiana, pelo menos a língua standard que é a língua que na Itália se fala nas escolas, nos lugares de trabalho. <sup>416</sup>

A questão central não é a validade do ensino da língua Italiana padrão, mas a possibilidade de manutenção de línguas que corram o risco de desaparecerem. É papel da escola, dar oportunidade para as crianças conhecerem e valorizarem as diversas culturas. No entanto, em geral, as que são disseminadas no campo da educação são culturas hegemônicas, quase sempre impostas e que acabam por abafar as culturas populares locais, que molduram e se fazem presentes na vida dos indivíduos.

Dados de 2003 nos mostram que o ensino da língua italiana já se fazia presente em algumas escolas da cidade de Rodeio- SC, “a Oswaldo Cruz (centro) uma no bairro Rodeio 12 e outra em Rodeio 50 e na escola Santo Antônio (centro) que é municipal (...). Na escola estadual “Oswaldo Cruz” o ensino é oferecido a partir

---

diversas de caráter cultural e social através de material literário, cultural, intelectual, didático, artístico e de multimídia, advindo do Departamento de Emigração e dos Fundos específicos da Lei Provincial nº. 12 que dá assistência aos projetos entre o Governo de Trento e as suas associações coligadas.

<sup>415</sup> Disponível em: [www.revista.iphan.gov.br/matéria.php?id:211](http://www.revista.iphan.gov.br/matéria.php?id:211) acesso em: 02/12/2007.

<sup>416</sup> DOLZAN, op. cit., p. 54. Depoimento de Joana, concedido à Janiane Dolzan em Blumenau no dia 28/09/2001.

do 1º ciclo do ensino médio. E nas municipais é a partir do 1º ciclo até o 3º do ensino fundamental.”<sup>417</sup>

Existem, portanto, duas situações distintas. De um lado, há uma política por parte da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, (SED) considerado por ela como ‘plurilíngüe’, que desenvolve projetos que capacitem professores para trabalhar com a língua italiana, ou seja, o “Italiano da Itália”, como disse a menina Jaqueline Tais, ao comparar a língua com o Italiano de sua avó. Por outro lado, ainda existem casos como o da criança de três anos de idade, que, em 2004, chegou à creche Irmã Colomba no centro de Rodeio, falando somente o dialeto Trentino.

Por isso, Bonatti e Lenzi afirmam que em Rio dos Cedros, também no Médio Vale do Itajaí-Açu e que também tem muitos descendentes trentinos,

o dialeto Trentino era a primeira língua que as crianças aprendiam a falar na colônia, onde todos eram italianos. O Português, língua nacional, era ensinado mais tarde, depois dos seis ou sete anos de idade, quando as crianças começavam a freqüentar a escola. Isto até a década de 30.<sup>418</sup>

O caso da criança que chegou à creche se expressando somente no dialeto Trentino não é fato isolado. Segundo Luis Francisco Fava, na linha Diamantina<sup>419</sup>, também conhecida como o Pico, “os ‘picaroi’ lá continuam falando Italiano, tu vai lá as criancinhas desse tamanho tão falando dialeto.” Como ele freqüenta bastante a comunidade, observa

que as crianças falam o dialeto, só que assim... a tradição... a tradição... a festa... acaba criando praticamente assim meio...elitizada...de um grupo meio fechado, isso talvez vai acabar criando praticamente assim uma divisão de classe, e os colonos estão lá falando, mas aqui o que importa é aquilo que foi “resgatado” e está sendo “cultivado” pelas instituições que se encarregam.<sup>420</sup>

<sup>417</sup> DOLZAN, op. cit., p. 59. Porém não foi possível obter dados atuais sobre o ensino do italiano e as justificativas pela sua obrigatoriedade, apesar de várias tentativas.

<sup>418</sup> BONATTI; LENZI. op. cit., p. 13.

<sup>419</sup> Comunidade interiorana do município de Rodeio.

<sup>420</sup> FAVA, Luis Francisco, entrevista concedida a Teresa Adami Tanaka em 14/09/07 em Rodeio, e que foi gentilmente cedida.

Esse depoimento também é uma crítica feita às instituições que se encarregam de manter a italianidade <sup>421</sup> e, muitas vezes, não dão o devido espaço as demais pessoas que, por ocuparem outro lugar social, apresentam um ponto de vista cultural e lingüístico diferente e desprezioso.

## 6. Ensino da Língua Italiana padrão em Concórdia- SC

Em referência à formação de professores de língua italiana, mencionamos o Programa *Magister*, no capítulo anterior. No município de Concórdia, houve 28 concluintes do programa. Muitos desses professores estão atuando na rede municipal de ensino que oferece o ensino da língua italiana moderna *standard* nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas seguintes escolas, com uma aula por semana de 45 minutos cada:

- a) Escola Municipal Alcisto Grigolo; na comunidade interiorana de Barra Fria.
- b) Escola Municipal do Campo; na comunidade interiorana de Terra Vermelha.
- c) Escola Ana Zamarchi Coldebella – no distrito de Santo Antônio
- d) Grupo Escolar Municipal Maria Melânia Siqueira – Bairro Nazaré

São ao todo, aproximadamente 500 crianças que aprendem Italiano na rede municipal.

Além do ensino da rede municipal, Concórdia conta com duas escolas que desenvolvem um projeto chamado *Projeto Bilíngue* de ensino da língua italiana moderna através de convênio direto com o Centro de Cultura Italiana (CCI) de Curitiba. As escolas envolvidas nesse projeto são as Escolas Básicas Concórdia e Ana Zamarchi Coldebella. Este projeto, segundo a professora Dianete Tochetto, <sup>422</sup> tem como objetivos:

- Promover a língua e a cultura italiana na comunidade brasileira para crianças de origem italiana, fazendo com que descubram e se apropriem das próprias raízes lingüístico-culturais.

---

<sup>421</sup> A esse respeito ver: DOLZAN, op. cit., Notou-se na pesquisa de campo, que existem várias 'italianidades' em Rodeio. Essas variam a partir de quem fala, onde fala e para quem, e a partir do ponto de vista e interesse do locutor.

<sup>422</sup> Em conversa e posterior envio das informações em fevereiro 2009.

- Oferecer uma formação bi-lingüística e bi-cultural que incorpore uma prospectiva européia voltada a ampliar as experiências formativas dos alunos e apresentar-lhes novas oportunidades.

O curso bilíngüe tem duração de oito anos. A criança ingressa na 1ª série da escola regular e passa a freqüentar também o curso bilíngüe. A aula de Italiano é extraclasse, sempre no turno oposto ao período regular da escola. O CCI fornecia gratuitamente todo o material necessário para o curso, ao aluno de língua italiana, além de pagar o professor e oferecer apoio pedagógico e cursos de aperfeiçoamento.

Devido à falta de recursos, o CCI encerrou o projeto em 2008, depois de oito anos de existência. No último ano de funcionamento, o projeto teve somente 30 alunos, de 2ª e 5ª série.

Outra professora de língua italiana, Marise da Rosa que atua no Grupo Escolar Municipal Maria Melânia Siqueira, no bairro Nazaré, diz que os alunos fazem comparações entre a língua italiana e o Talian e, algumas vezes comentam: - “minha avó fala ‘piova’ e não ‘pioggia’ (chuva)”.

De acordo com Tochetto “a grande maioria das crianças convive com pais ou avós que ainda falam o dialeto. É muito comum aqui nas nossas cidades, Concórdia, onde trabalho, e Seara, cidade onde moro, as pessoas falarem, principalmente em casa, muito mais o dialeto do que o próprio Português.”

Os alunos da língua italiana *standard* tomam como referência o Talian, que lhes é familiar. Do mesmo modo, ocorre com os alunos da língua alemã. Trauer descreve que em sua pesquisa “entre as dezenas de produções cuidadosamente corrigidas podíamos, então, com certa facilidade, identificar os alunos que estavam aprendendo Alemão usando como ponto de partida a língua portuguesa e os que se valiam também das habilidades dialetais alemãs.”<sup>423</sup>

Um exemplo que ilustra a constatação de Trauer é relatado pela professora de língua Italiana em Concórdia, Flávia Camillo Tibolla. Seu aluno de 5ª série, R. B., por mais que ela insistisse na frase em Italiano *standard* – lo me chiamo... ele espontaneamente usava a expressão em Talian – *mi me chamo...*

---

<sup>423</sup> TRAUER, op. cit., p. 2.

A professora Marise assegura que a comunidade escolar conhece a distinção entre a língua italiana padrão e o Talian. Mesmo porque a escola faz o esclarecimento em reunião realizada no início do ano escolar. Ela faz a ressalva de que algumas avós que a encontram na rua a questionam a respeito das diferenças entre a língua que elas falam e o que os netos aprendem nas aulas.

Para Tochetto, no entanto, vários pais de alunos não conhecem a diferença entre o Italiano *standard* e o Talian e acreditam que a criança vai aprender na escola aquilo que eles já falam em casa. E mais: eles tentam ajudar, ensinando, por exemplo, que garfo é 'piron' (do Talian), quando na língua padrão é 'forchetta'.

A declaração de Gorlin corrobora com a afirmação:

minha filha se graduou na língua italiana e hoje trabalha no Centro de Cultura Italiana - CCI em Curitiba, porém começou a trabalhar no interior do município e ali o que acontecia: a maioria das crianças diziam que o Italiano que seus avós falavam era diferente daquele que ela (professora) ensinava. E de fato são diferentes. Tanto é que muitas mães iam perguntar se podiam assistir as aulas e ver o que ela ensinava....<sup>424</sup>

A agricultora Pierina Bonatto,<sup>425</sup> 85 anos, também não diferencia os dois modos de falar o Italiano. Ela expõe, por exemplo, que a bisneta “se atrapalha um pouco” quando fala o Italiano. Na verdade, Pierina não percebe que sua descendente está falando o Italiano padrão, que aprende na escola.

M. S.<sup>426</sup> conta que o pai falava Italiano, mas a mãe não. Por isso não aprendeu o Italiano e lamenta por isso. E diz que os jovens deveriam aprender e manter essa língua que é muito bonita. Acrescenta que se sente feliz por sua neta estar aprendendo o Italiano na escola Ana Zamarchi Coldebella, no Distrito de Santo Antônio. O ensino do Italiano *standard* nessa escola, mencionada anteriormente é oferecido dentro dos projetos da rede municipal e do Centro de Cultura Italiana-CCI/PR.

Adelina Magro diz que está ensinando seu neto de dez anos a falar o Talian, até porque em família, o Talian é a língua usada.

<sup>424</sup> GORLIN, Elena Zuchi. Italiana nata, residente em Concórdia há muitos anos. Presidenta da Associação Italiana Vêneta di Concórdia. Entrevista concedida à autora em 03/11/2008. A entrevista foi toda na língua italiana standard e a transcrição foi traduzida para a língua portuguesa.

<sup>425</sup> BONATTO, Pierina. (85 anos) Entrevistada em janeiro de 2008. Concórdia.

<sup>426</sup> M.S.(55 anos) Em conversa no Sindicato dos trabalhadores Rurais de Concórdia. Usou-se as iniciais do nome, pois a mesma não quis que a conversa fosse gravada. Em 04/11/2008.

No Grupo Escolar Municipal Maria Melânia Siqueira, localizado no perímetro urbano, muitos dos alunos têm contato com a Itália através de familiares que viajaram para lá e compartilham essa experiência em sala de aula.

Além disso, segundo a professora Marize M. Silveira Da Rosa: “muitos dos alunos têm em seu cotidiano ou círculo familiar alguém que fala o Talian. Partindo desse prévio contato, os estudantes demonstram interesse em aprender a língua italiana e gostam desse aprendizado.”

A professora Marize observa que as crianças das escolas interioranas do município, onde o índice de falantes do Talian é maior, são mais participativas nas aulas de do que aquelas da área urbana. Inclusive demonstram maior interesse e curiosidades em relação à língua italiana *standard*.

O esclarecimento da distinção entre o Talian e o Italiano padrão faz parte do próprio aprendizado e do próprio reconhecimento da existência das duas línguas (e respectivas culturas). A consciência dessa diferença evita o conflito e a dicotomia certo-errado. Assim, surge o respeito às diferentes formas de falar e às diferentes manifestações culturais.

Diante da realidade descrita, é imprescindível a presença de “temáticas ligadas à formação da identidade, à valorização das diferenças, à configuração e à função que assume hoje o sentido de pertença a uma coletividade, em sociedades complexas onde os jovens se encontram vivendo em ambientes culturais plurais e indefinidos que - mesmo não deixando de exercer efeitos condicionantes – perdem sua função de orientar e transmitir valores.”<sup>427</sup>

E uma educação na qual se “coloca o enfoque intercultural aplicado a esta realidade em um quadro de referência mais geral: a orientação das formas de relação entre grupos étnico-culturais diferentes e as propostas de enfrentamento dos conflitos nelas emergentes.”<sup>428</sup>

Nesse sentido, a educação atua respeitando as diferentes culturas, valorizando todas e cada uma para que possam desfrutar e conviver no mesmo espaço, não permitindo assim que uma seja sobreposta à outra.

---

<sup>427</sup> FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis, Mover/ NUP/UFSC, 1998. p. 50.

<sup>428</sup> Ibid., p. 51.

No campo cultural, temos no município de Concórdia duas associações italianas, uma é a Associação Bellunesi di Concórdia e a outra Associação Italiana Vêneta di Concórdia. Ambas desenvolvem suas atividades no campo cultural, artístico e social, ao nosso parecer sem rivalidade.

A primeira, criada em Concórdia em 4 de dezembro de 1997, é uma entidade independente e sem fins lucrativos, tendo como missão, resgatar, cultivar e divulgar a cultura italiana sustentada na originalidade. É atualmente presidida pelo senhor Neudi Zago. A associação conta com um *Grupo Folclórico Ballo, Amore e Tradizione* que tem duas categorias: juvenil e adulto, cujo diretor sócio-cultural e coreógrafo é: Rafael Francisco Santi Zago.<sup>429</sup>

Já a Associação Italiana Vêneta de Concórdia, fundada em 15 de março de 1993, tem como presidenta a senhora Elena Zucchi Gorlin. Conforme o estatuto “é uma sociedade civil de direito privado, constituída por iniciativa de pessoas dispostas a promover o resgate da cultura italiana, em geral” Conta com aproximadamente 300 sócios. Além do aspecto cultural essa associação também se ocupa do ensino da língua Italiana *standard*.

Entre seus objetivos estão os de “estimular as famílias de origem italiana a transmitir para seus descendentes, sua origem, sua história, e também sua língua chamada aqui de “Talian” (tradução livre).<sup>430</sup> Além disso, a associação oferece curso de Italiano através do Centro de Cultura Paraná/Santa Catarina. E existindo interessados também oferece cursos específicos, como é o caso do curso de língua italiana padrão voltada à enfermagem, que visa atender a demanda de enfermeiros brasileiros que pretendem entrar no mercado de trabalho italiano. Além dessa turma, existe outra que está no segundo ano de aprendizagem.

Um dos resultados do trabalho desta Associação é o acervo italiano da biblioteca do Memorial Attilio Fontana, aberta ao público e que conta com aproximadamente 250 obras em língua italiana, doados pela *Associazione dalla Fondazione Cassamarca di Treviso* e pelo Professor *Aldo Toffoli*, de *Vittorio Veneto*. A biblioteca possui obras com temas relacionados à língua e cultura italiana.

---

<sup>429</sup> Disponível em: <http://www.bellunesi.com> acesso em: 10/02/2009.

<sup>430</sup> “stimolare le famiglie di origine italiana a trasmettere ai loro discendenti la loro origine, la loro storia ed anche la lingua che parlano, qui chiamata ‘Talian’”

As duas associações se ocupam com projetos de danças folclóricas, gastronomia e o ensino da língua italiana *standard*.

## 7. A Declaração Universal dos Direitos linguísticos e as Minorias Linguísticas.

As transformações sócio-econômicas atuam de forma rápida para o desaparecimento da diversidade cultural e linguística dos falantes dialetais em todo o mundo. São necessários estudos sérios e aprofundados referentes a eles, conforme declarou o Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) Koichir Matsuura. “a língua está profundamente ligada à identidade das pessoas; quando uma língua morre, uma visão de mundo desaparece” e acrescenta que a cada duas semanas desaparece um registro idiomático.<sup>431</sup>

Nesse sentido, são importantes os dados apontados por Morello e Oliveira (2003) que,

são faladas cerca de 210 línguas por cerca de um milhão e meio de cidadãos brasileiros que não têm o Português como língua materna, e que nem por isso são menos brasileiros. Cerca de 190 línguas são autóctones, isto é, línguas indígenas de vários troncos lingüísticos, como o Apurinã, o Xoklêng, o latê, e cerca de 20 são línguas alóctones, isto é, de imigração, que compartilham nosso devir nacional ao lado das línguas indígenas e da língua oficial há 200 anos, como é o caso do Alemão, do Italiano, do Japonês.<sup>432</sup>

Os autores observam que a Constituição de 1988 representou um passo importante para as línguas indígenas, atribuindo ao índio o estatuto de cidadão brasileiro que tem direito a sua língua e a sua cultura. Contudo, nada consta na Constituição em referência às línguas alóctones.<sup>433</sup>

Mesmo assim, com direitos assegurados na Constituição, os indígenas apoiados por indigenistas mantêm uma luta constante para que suas línguas e sua cultura sejam valorizadas, que tenha espaço garantido e sejam aceitas em ambientes escolares, ao passo que a língua do não índio seja introduzida como sendo uma segunda língua:

<sup>431</sup> Notícia da Folha Online de 21/02/2006.

<sup>432</sup> MORELLO, Rosângela. OLIVEIRA, Gilvan M. **Uma política patrimonial e de registro para as línguas brasileiras**. Disponível em <http://www.revista.iphan.gov.br/materia> acesso em:02/12/2007.

<sup>433</sup> “Diz-se de pessoa que não é originária do país onde habita”. Apud Dicionário Aurélio Online. Neste caso refere-se às línguas trazidas pelos imigrantes.

uma época foi proibido pelo próprio SPI, pela própria FUNAI, foi proibido o índio de falar sua língua, era terrível porque o povo foi perdendo a sua língua e toda a bagagem de conhecimento que tinha que **era** transmitida através da língua Kaingang aí no momento que o povo começou a perder sua língua, muitos conhecimentos, muitas transmissões orais, por exemplo, ficou no esquecimento e por hoje numa comunidade nós temos mais de 70% que não fala a língua Kaingang. (Kresó Professor indígena).<sup>434</sup>

Conforme a Unesco mais da metade dos seis mil idiomas existente no planeta está ameaçada de desaparecer no século XXI.

Uma visão a partir da educação intercultural possibilita o caminho para uma ação libertadora mesmo que lenta, por meio de estudos, trabalhos, mobilização, incentivos à população, pode-se fazer com que a diversidade cultural seja respeitada. Assim será possível maior participação e interação social, maior comunicação entre as culturas. É dessa forma, que se torna real o direito de expressão, assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Resolução nº 217 – Assembleia Geral da ONU) “que os homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade”, ou mais especificamente no Artigo 2º:

toda pessoa tem capacidade para gozar dos direitos e as liberdades nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, ou qualquer outra condição.<sup>435</sup>

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos proclamada em Barcelona em 1996 conta com 56 artigos que fazem referência à defesa das línguas, mas principalmente às minorias lingüísticas, em seu Artigo 10º assegura que “todas as comunidades linguísticas são iguais em direito”<sup>436</sup> e seu Artigo 2º “ que nos casos em que diferentes comunidades e grupos linguísticos coabitam num mesmo território, o exercício dos direitos formulados nesta declaração deve reger-se pelo respeito entre todos e dentro das máximas garantias democráticas.”

Já que o Brasil e Santa Catarina apresentam uma pluralidade linguística, é importante que as declarações acima mencionadas sejam respeitadas, e que as novas gerações tenham a oportunidade de conhecer as línguas, que além do Português, se fazem presente em sua comunidade e município.

<sup>434</sup> SAVOLDI, Adiles. Olhares sobre a terra indígena Xaçecó: Município de Ipuacú e Entre Rios apud **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Argos, 2006. p.70.

<sup>435</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos – Assembleia Geral da ONU. Disponível em: [http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm) acesso em: 20/11/2008.

<sup>436</sup> Disponível em: <http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura> acesso em: 04/05/2008.

Embora tenha o Italiano como língua oficial, a Itália possui grande variedade de dialetos, muitos já considerados verdadeiras línguas. Essa realidade italiana deveria ser considerada pelos mais veementes defensores do ensino do Italiano padrão nas escolas brasileiras. Não necessariamente para que mudem de opinião, mas para que percebam a possibilidade do ensino e de outros dialetos. Valoriza-se a língua padrão italiana, em detrimento de outras de origem italiana e presentes no Brasil, o que não deixa de ser uma forma de colonialismo.

A diversidade linguística italiana é apresentada na reportagem “As línguas regionais, patrimônio universal”<sup>437</sup> (tradução livre), publicada pela revista italiana *50 e più il valore dell’Esperienza*. Na reportagem é citado o caso registrado na Sardenha, Sul da Itália. Em Cagliari, capital da Sardenha, além do Italiano, se fala a língua sarda. Esta por sua vez, “se divide em cinco variedades, a exemplo de tantas outras zonas de nossa ilha: o *nuorese*, o *gallurese*, o *sassarese*, o *logurese* e o *campidanese*. A última é mais familiar a quem vive em Cagliari e se diferencia das outras em alguns particulares.”<sup>438</sup> (tradução nossa).

No *Istituto Scolastico Randaccio di Cagliari*, acrescenta a reportagem, com ensino equivalente a primário e ensino fundamental brasileiro, o Conselho formado por pais e demais professores, decidiu, alternando entre o Sardo e o Italiano, “de acrescentar, o ensino da língua sarda, na versão campidanese, às matérias do programa do ano em curso. Esse fato gerou reações diversas: tem quem acha a novidade de grande valor e tem quem a critica severamente.”<sup>439</sup> (tradução nossa) Quem é favorável ao ensino da língua sarda, acredita “que isso servirá para manter vivas as tradições seculares, e salvaguardar uso e costumes das pessoas e estimular nas novas gerações o conhecimento das próprias origens e o respeito pela história dos pais.”<sup>440</sup> (tradução nossa)

---

<sup>437</sup> Revista **50 e più il valore dell’Esperienza**. Anno XXX n.1. Gennaio, 2008. p. 40. “Le lingue regionali, patrimonio universale.”

<sup>438</sup> Ibid., p. 40. “Si divide in cinque varietà, a seconda di altrettante zone della nostra isola: il nuorese, il gallurese, il sassarese, il logudorese e il campidanese. L’ultima è più familiare a chi, vive a Cagliari e si differenzia dalle altre in alcuni particolari.”

<sup>439</sup> Ibid., p. 40. “di aggiungere l’insegnamento della lingua sarda, nella versione campidanese, alle materie del programma dell’anno in corso. Ciò ha provato reazioni diverse: c’è chi trova la novità non priva di valore e c’è chi la critica severamente.”

<sup>440</sup> Ibid., p. 41. “che ciò servirà a mantenere vive tradizioni secolari, a salvaguardare usi e costumi della gente e a stimolare nelle nuove generazioni la conoscenza delle proprie origini e il rispetto per la storia dei padri.”

Já quem discorda da iniciativa entende que “é pouco responsável colocar também a língua regional em uma escola, na qual a cada ano é proposto o acréscimo de uma nova matéria, enquanto se esquece de reforçar as matérias essenciais e acrescentar na formação dos estudantes.”<sup>441</sup> (tradução nossa).

Em pesquisa no Alto Uruguai Gaúcho, Confortin constatou

a lealdade à língua e cultura maternas em todos os sujeitos, manifesta no desejo de que a língua (o dialeto vêneto) seja ensinada nas escolas como disciplina obrigatória e de que sejam incentivadas e divulgadas atividades que visem a resgatar e tornar conhecidos aspectos relativos à cultura étnica italiana.<sup>442</sup>

Na pesquisa de campo, em Concórdia e Rodeio, observou-se que da parte dos falantes da língua de imigração manifestaram o desejo de que os jovens aprendessem a língua de seus antepassados. Não necessariamente por meio da escola, como no caso sardo relado anteriormente, mas por intermédio de algum projeto ou alguma iniciativa lingüística-cultural que privilegiasse essa minoria lingüística.

Observamos nas realidades pesquisadas que muitos indivíduos entre 30 e 40 anos falam as línguas de imigração, mas fazem pouco uso da língua, outros ainda só a entendem. É esta geração que na infância sentia a vergonha de falar o Talian, atribuído então a pessoas pobres e ignorantes.

Reportagem no jornal Gazeta do Povo do Paraná reforça:

a geração de netos de imigrantes está hoje na faixa dos 70 anos, e fala o dialeto em casa. Mas os filhos falam bem menos. Como falar em Italiano ou Alemão foi proibido no país durante a Segunda Guerra, poucos filhos aprenderam, conta. “Quero guardar a língua do nono”, justifica.

Além disso, observamos que muitos jovens que têm convívio/contato com a língua de imigração não demonstram interesse, não são incentivados a aprender, pois, exceto seus defensores, ainda é vista por muitos como uma língua sem prestígio típica do público da terceira idade. Isso nos preocupa muito, pois é nesse ponto que pode se romper o elo que é mantida há mais de 130 desde a chegada dos primeiros imigrantes.

<sup>441</sup> Idem. p.41. “è poco responsabile ad intasare anche con la lingua regionale una scuola in cui ogni anno viene proposta l'aggiunta di una nova materia, mentre si dimentica di rafforzare le materie essenziale e accrescere la formazione dei ragazzi.

<sup>442</sup> CONFORTIN, op. cit., p.285.

Além da falta de incentivo em aprender, há quem aponte “prejuízos linguísticos”<sup>443</sup> com o uso do Talian ou do dialeto Trentino, já que as pessoas que os falam expressam sotaque na fala da língua portuguesa.

Em Rodeio, quem manifesta a vontade de aprender a língua de imigração, é uma menina de 10 anos, estudante do Italiano gramatical, mas que diz que gostaria de aprender “o Italiano da nona”.

Já o ponto de vista de uma professora de Italiano, Marize M. Silveira da Rosa defende que o “Talian é importante, é bonito, como língua do ponto de vista cultural, porém em sala de aula, ele é a ‘pedra no sapato’, principalmente em se tratando de alunos de língua italiana padrão.”

Por mais que a presença do Talian pareça ser natural a ponto de parecer ‘invisível’, indiscutivelmente para esses falantes a identidade étnica “está compreendida especialmente como fidelidade linguística no que concerne à transmissão do uso do dialeto, porque a Pátria é brasileira, mas as raízes são italianas,”<sup>444</sup> como afirma Anita Moser.

E essa fidelidade linguística fica clara na seguinte declaração, coletada por Anita Moser: “faço questão mais de falar Português que Italiano. Aprendi por minha conta. Mas não quero perder o idioma Italiano.”<sup>445</sup>

A invisibilidade<sup>446</sup> do dialeto Trentino e do Talian decorre de sua disseminação entre a população das cidades pesquisadas. Ambas estão presentes no cotidiano da população de tal forma, que muitas vezes passam despercebidas. O Talian, de acordo com o relatório de atividades do grupo de trabalho da diversidade linguística brasileira (p. 8), é considerada uma língua do grupo vêneta amplamente falada no sul do país. Segundo Gardelin conta com cerca de 1.000.000<sup>447</sup> de pessoas que a falam e/ou a entendem. Existem poucas iniciativas que as estimulem. As prefeituras

<sup>443</sup> SOUZA, Schirlei A.B de. op cit., p. 96.

<sup>444</sup> MOSER, Anita. op. cit., p.16.

<sup>445</sup> Ibid., p.16. Fala de um homem com 76 anos entrevistado por Moser.

<sup>446</sup> É tão presente, tão disseminado e tão natural que se torna imperceptível. O termo invisibilidade aqui é utilizado no mesmo sentido utilizado por Marcos Montysuma, ao tratar da invisibilidade das mulheres na historiografia e nas obras que tratam do extrativismo da borracha e da formação das florestas. Para saber mais ver: *Gênero e meio ambiente: mulheres na construção da floresta na Amazônia* apud PARENTE, Temis Gomes; MAGALHÃES, Hilda Gomes D. (Orgs) **Linguagens Plurais: cultura e meio ambiente**. Bauru: EDUSC, 2008, v. 1, p. 155-173.

<sup>447</sup> Gardelin, 1987: I apud CONFORTIN, op. cit., p.30.

limitam-se, obedecendo à LDB de 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a oferecer o ensino da língua italiana padrão.

Segundo o presidente da Federação das Entidades Ítalo-brasileiras do Oeste e Planalto Catarinense (Feibemo), Aliduíno Zanella,<sup>448</sup> em relação às associações italianas presentes no estado de Santa Catarina, afirma que preservam e trabalham com a culinária típica dos imigrantes de origem italiana, com práticas culturais como o jogo de bocha. Nas comunidades interioranas, muitas possuem uma cancha de bochas, porém nem todos sabem que esse jogo é de origem italiana, que faz parte da cultura.

Zanella cita ainda que cidades como Iomerê, tem concurso de rainha, lenhador, debulhador de milho, “*dreza*”- trança de palha de trigo par afazer chapéu-, e danças folclóricas. Essas atividades são consideradas culturais por retratarem o modo de vida dos antepassados; não são exclusivas dos italianos, mas se confundem com a italianidade por terem sido praticadas pelos colonos. Assim, contribuem para propagar e divulgar o Talian.

Além da declaração dos Direitos Humanos, existe a Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos proclamada pela Unesco, em Barcelona, em 1996, que visa proteger a identidade cultural das minorias linguísticas e conseqüentemente sua cultura. Escrita por representantes de todos os continentes, conta com o apoio de outras organizações e patrocínio da Unesco. Considera que a “subordinação política, econômica ou social, implica freqüentemente a imposição directa (*sic*) de uma língua estrangeira ou a distorção da percepção do valor das línguas e o aparecimento de atitudes linguísticas hierarquizantes que afectam (*sic*) a lealdade lingüística dos falantes”. Levando em consideração principalmente que,

que para garantir a convivência entre comunidades lingüísticas é necessário encontrar princípios de carácter universal que permitam assegurar a promoção, o respeito e o uso social público e privado de todas as línguas. (...) e que diversos factores de natureza extralingüística (políticos, territoriais, históricos, demográficos, econômicos, socioculturais, sociolingüísticos e relacionados com comportamentos colectivos) geram problemas que provocam o desaparecimento, a marginalização e a degradação de numerosas línguas, e que se torna, portanto, necessário que

---

<sup>448</sup> Em palestra ministrada no XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro. Concórdia- SC 08 e 09/11/2008.

os direitos lingüísticos sejam considerados sob uma perspectiva global, para que se possam aplicar em cada caso as soluções específicas adequadas.<sup>449</sup>

Ainda na Europa, mas dessa vez na Itália,

no mês de março passado, na Câmara de Deputados, com voto conjunto da maioria e da oposição, foi sancionado que o Italiano como língua oficial e o mesmo tempo restituiu dignidade a onze línguas regionais faladas em nosso país (sardo, occitano, catalano, ladino, franco-provençal, esloveno, croato, albanês, friulano, grego, tedesco).<sup>450</sup> (tradução nossa)

A região do Vêneto, por exemplo, luta para incluir língua vêneta na lista das línguas minoritárias.

a região do Vêneto já tem uma lei regional (nº 8 de 2007) para tutelar a própria língua, mas os conselheiros do Projeto Nord Est Mariangelo Foggiato e Diego Cancian não basta. Os dois apresentaram de fato uma proposta de lei estadual para enviar ao Parlamento pedindo a modificação da normativa nacional (Lei 482 de 1999) que tutela as minorias lingüísticas históricas presentes no território Italiano. O objetivo dos dois proponentes do projeto Nord Est è fazer com que o Vêneto seja considerado (e tutelado) oficialmente enquanto língua minoritária histórica junto como o Albanês, Catalão, Alemão, Grego, Esloveno e Croata, Francês, Franco-Provençal, Friulano, Ladino, Occitano e Sardo.<sup>451</sup> (tradução livre)

A *Carta Europea degli Idiomi Regionali e Minoritari*, aprovada pela União Européia, “reconhece oficialmente a validade de onze línguas regionais que são faladas na Itália.”

As línguas regionais são definidas como sendo “idiomas de uma parte da população, mas não representam dialetos das línguas oficiais, nem são línguas de

<sup>449</sup> Disponível em: [http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/legislacao/declaracao\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/legislacao/declaracao_universal_direitos_linguisticos.pdf). acesso em: 17/02/2009.

<sup>450</sup> “nello scorso mese di marzo dalla Camara dei deputati, con voto congiunto della maggioranza e dell’opposizione, che ha sancito l’italiano come lingua ufficiale e al tempo stesso ha restituito dignità a undici lingue regionali parlate nel nostro paese (oltre al sardo, l’occitano, il catalano, il ladino, il franco-provenzale, lo sloveno, il croato, l’albanese, il friulano, il greco, il tedesco “apud Revista **50 e più il valore dell’Esperienza**. op.cit., p. 41.

<sup>451</sup> “il Veneto ha già una legge regionale (la n. 8 del 2007) per tutelare la propria lingua ma ai consiglieri di Progetto Nord Est Mariangelo Foggiato e Diego Cancian non basta. I due hanno, infatti, presentato una proposta di legge statale da trasmettere al Parlamento per modificare la normativa nazionale (legge 482 del 1999) che tutela le minoranze linguistiche storiche presenti nel territorio italiano. L’obiettivo dei due esponenti di Progetto Nord Est è far sì che il veneto venga considerata (e tutelata) ufficialmente in quanto lingua minoritaria storica accanto a albanese, catalano, tedesco, greco, sloveno e croato, francese, franco-provenzale, friulano, ladino, occitano e sardo. Disponível em: Jornal *Oriundi* online [www.oriundi.net](http://www.oriundi.net) acesso em: 12/09/2008.

imigrantes, podem, porém, incluir situações locais de caráter social e político.”<sup>452</sup> (tradução livre).

Pode-se analisar que em ambos os países, Itália e Brasil, por mais que os governantes quisessem impor uma determinada língua, não conseguiram apagar as línguas maternas dos cidadãos. Obviamente, o número de falantes teve redução, a língua mãe passou a se fazer presente em locais estritos e previamente definidos, como o âmbito familiar e/ou entre amigos. As imposições políticas não alcançaram o efeito que desejavam. A redução do número de pessoas que falam as línguas maternas de imigração é resultado menos da repressão política do que das mudanças culturais trazidas pela influência dos meios de comunicação de massa, do mundo dos negócios ou do surgimento de novos setores da economia (como é o caso da informática, que adicionou um léxico de palavras de origem inglesa).

Concordamos com a argumentação de Moser “a preservação da identidade étnica pode e deve caminhar junto com a ideia de integração social,”<sup>453</sup> uma vez que a língua falada é elemento que constitui a identidade do grupo e é por ela constituída. Conforme notícia publicada no jornal online Oriundi do dia 27/04/2007, que pesquisa feita entre os italianos pelo *Istituto Nazionale di Statistica – ISTAT* aponta “continua prevalecendo à tradição passadas pelo nonos (*sic*) e pelos pais e preservada em diferentes comunidades e regiões: mais da metade dos italianos (54,5%) ainda falam de forma prevalentemente o dialeto no âmbito familiar”.<sup>454</sup>

De acordo com o jornal, nas regiões do Norte da Itália, especialmente na região do Vêneto e em Trento, o dialeto prepondera, e não fica restrito na comunicação familiar, sendo usada em outros contextos sociais. E afirma também quando mais aumenta a idade do falante, mais cresce o uso do dialeto, concluindo que este é usado principalmente por quem possui uma escolarização mais baixa.

Enquanto temos na Itália a preferência em se falar em dialeto, em Santa Catarina uma pesquisa feita por Benedet e Freitas no município de Lages, região serrana do Estado que conta com a presença de descendentes de italianos, constatou-se uma

---

<sup>452</sup> Revista **50 e più il valore dell’Esperienza**. op. cit., p. 42. “Idiomi di una parte della popolazione, ma non rappresentano dialetti delle lingue ufficiali, nè sono lingue di immigrati; possono però includere situazioni locali di carattere sociale e político”.

<sup>453</sup> MOSER, Anita. op. cit., p.1.

<sup>454</sup> Disponível em: [www.oriundi.net](http://www.oriundi.net) apud **Idioma**: maioria dos italianos ainda prefere falar dialeto.

paulatina perda da língua dos ancestrais, procuramos saber se o imigrante falava o Italiano gramatical em família ou na comunidade, ao aportar no Brasil e até a época de que geração. (...) 1% apenas citou a época dos bisavós; 7% até a época dos avós; 2% a época dos pais; 2% ainda falam; 88% não sabem se a família veio falando o Italiano gramatical e se o faziam quando deixaram de usá-lo. Quanto a algum tipo de dialeto, feita a mesma indagação, não houve resposta para a época dos bisavós, e isso é compreensível, pois eles, inevitavelmente, eram italianos natos. Outros 9% empregaram o dialeto somente até a época dos avós, enquanto 73% continuam usando-o como base principal de comunicação até a época dos pais, vindo a seguir a grande derrocada, com apenas 1% até os dias de hoje, muitos declarando que, mesmo assim, empregam raramente o dialeto -com prevalência do dialeto vêneto- em ambiente familiar, ou ao receber parentes de regiões de colonização italiana, geralmente os mais idosos. Há ainda, 13% que não sabem em que geração se perdeu o hábito do uso do dialeto.<sup>455</sup>

Diante de realidades como essa, considera-se de fundamental importância que haja políticas públicas, no intuito de manter vivas as tradições seculares, e salvaguardar uso e costumes das pessoas e estimular nas novas gerações o conhecimento das próprias origens e o respeito pela história de seus pais e antepassados.

---

<sup>455</sup> BENEDET; FREITAS, op. cit., p.188.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos nos capítulos anteriores o Talian e o dialeto Trentino ainda são falados pelos descendentes de italianos em Santa Catarina, porém temos diferentes opiniões de pesquisadores sobre o seu futuro. Boso acredita que

na realidade sempre são duas as soluções possíveis no caso de línguas em contato: conservação das ambas o desaparecimento de uma delas. Em outras palavras, a permanência da situação de bilingüismo com a manutenção do dialeto ao lado da língua oficial, ou o desaparecimento de um dos sistemas – e, neste caso, do dialeto se tratando de uma língua minoritária.<sup>456</sup>

E acrescenta que “parece que o uso do dialeto, na maior parte da comunidade, é sempre menor com o passar das gerações.”<sup>457</sup>

Levi Mattoso por sua vez “sustenta a tese que não existe futuro para a conservação do bilingüismo nas comunidades de colonização européia no Brasil. Afirma que uma comunidade bilíngüe auto-suficiente não há razões para existir, visto que nestas áreas as pessoas podem sobreviver tranquilamente usando somente uma das duas línguas, o uso do português é eficiente em qualquer situação.”<sup>458</sup>

Zanella, em pesquisa realizada em Taió - SC em 1985, sobre o dialeto italiano falado no local sentenciava “a mortalidade, no entanto, já está evidente em quase a metade dos descendentes italianos do município,”<sup>459</sup> e apontava como fatores na época como “desleixo em falar o dialeto, a partir do momento em que as crianças participam do processo da escolarização e passam a falar a língua padrão [Português] em casa, dando início à fase do bilingüismo”. Zanella citava também três

---

<sup>456</sup> “Em realtà sono sempre due le soluzioni possibili nel caso di lingue in contatto: conservazione di ambedue o scomparsa di una di esse. In altre parole , o il permanere di una situazione di bilinguismo col mantenimento del dialetto fianco della lingua ufficiale, o la scomparsa di uno dei sistemi – e, in questo caso, del dialetto in quanto si tratta di una lingua di uso minoritario”.(Tradução Livre) BOSO, op. cit., p.39.

<sup>457</sup> “Parrebbe che l'uso del dialetto, nella maggior parte delle comunità, sia sempre minore com o passare delle generazioni. (Tradução livre). Ibid. p.39.

<sup>458</sup> Sostiene la tesi che non esiste futuro per la conservazione del bilinguismo nelle comunità di colonizzazione europea in Brasile. Afferma che una comunità bilingue auto-sufficiente non ha ragione di esistere, visto che in queste aree le persone possono sopravvivere tranquillamente usando solo una delle due lingue, il uso del portoghese è efficace in qualsiasi situazione.(Tradução livre) Apud BOSO, op. cit., p. 39.

<sup>459</sup> ZANELLA, Fiorelo. **A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió.** Florianópolis, 1985. 243p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 211.

grandes fases necessárias para o dialeto fosse deixado de falar: a fase do monolinguismo italiano, a fase do bilingüismo e a fase do monolinguismo português.

Boso em 2002 sinalizava que o Talian poderia adquirir status de língua, porque é falado por um número elevado de pessoas, é objeto de estudo e pesquisa principalmente pela Universidade de Caxias do Sul - RS. Tem sido registrado por estudiosos, e porque já dispõe de literaturas, bem como, livros, dicionários, gramática e também livro didático do Talian

No intuito de dar ao Talian *status* de língua, o primeiro passo já está sendo dado: em março de 2009, iniciou-se o inventário com a Universidade de Caxias do Sul como coordenadora, juntamente com a Associação dos Difusores do Talian, a FIBRA e o Instituto Veneto.<sup>460</sup> O inventário levantará entre outros dados, uma estimativa do número de pessoas que falam e entendem o Talian, bem como de pessoas que só o entendem.

Mas há quem diga inclusive alguns entrevistados que o dialeto Trentino por exemplo, e ainda o próprio Talian, estão fadados a desaparecer. Em ambos os casos porque os jovens não aprendem e não têm interesse em aprendê-las, e por que essas sofrem influência do Português e de outras línguas, fazendo com que percam sua originalidade.

Tanto a Secretaria Municipal de Educação de Concórdia, com a oferta do ensino do Italiano *standard* quanto Rodeio, através da obrigatoriedade<sup>461</sup> apóiam o ensino do Italiano *standard* nas escolas públicas municipais. O suporte legal se encontra no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996.

Ao contrário do estado do Rio Grande do Sul, até o presente momento, nos municípios pesquisados, nem o Talian e nem o dialeto Trentino despertaram a atenção dos órgãos competentes, como aspecto cultural e não há de fato algum projeto, nos campos de pesquisa, que tenha como objetivo a manutenção dessas línguas de imigração e, tampouco das entidades que se apropriam do discurso da

---

<sup>460</sup> Conforme carta do presidente da Federação das Associações Ítalo-Brasileira do Rio Grande do Sul – Fibra – Paulo Massolini em anexo.

<sup>461</sup> Como se tornou obrigatória? Como já foi dito, não foi possível acessar as motivações que contribuíram para isso. Suponho que foi levado em conta, o grande número de descendentes italianos, e principalmente o contato direto com a Província de Trento – Itália, que oferece oportunidade aos jovens de fazer intercâmbio e estudar nessa região.

preservação da cultura. Existem algumas iniciativas particulares como as mencionadas no decorrer do trabalho, mas são iniciativas isoladas.

Nos dois campos de pesquisa, as memórias dos imigrantes/descendentes têm um ponto em comum. Segundo Fáveri “a repressão à língua foi dramática e fez com que nas colônias pairasse silêncios e autocontrole, com a presença de espiões; se não um policial, era um vizinho, um Inspetor de quartirão, um militar de plantão.”<sup>462</sup>

Atualmente temos duas realidades distintas: Rodeio apresenta, conforme Lenard, a lealdade linguística, ou seja, falando a mesma língua de seus antepassados, como o que ocorre hoje na região do Trentino Alto Ádige. Já Concórdia, apresenta o Talian, que tem sua origem nos dialetos italianos do norte da Itália, mas que em solo brasileiro se transformou em uma língua a partir da mistura desses com o Português. Como disse Paulo Massolini “não me sinto Italiano, sou brasileiro e tenho orgulho das raízes italianas e temos um compromisso e agradecimento aos imigrantes e esse é o nosso elo com a Itália.”

Sendo o Talian esse elo, conclui-se que o Talian é uma língua brasileira, com raízes italianas.

Estando o Talian, e demais línguas inventariadas com o reconhecimento e a nomeação

como referências culturais brasileiras constituirão atos de efeitos positivos para a formulação e implantação de políticas públicas para a valorização da diversidade lingüística, para o aprendizado dessas línguas pelas novas gerações e para o desenvolvimento de seu uso em novos contextos.<sup>463</sup>

E com a presença de políticas públicas efetivas, há possibilidades de impedir que as minoritárias linguísticas desapareçam frente à globalização e a imposição de línguas hegemônicas.

Os profissionais da educação, por sua vez, devem ficar atentos a essa pluralidade lingüística brasileira. De acordo com Piacentini

a preocupação em destacar diferenças específicas no interior da própria diversidade cultural pretende nortear o debate sobre educação intercultural e movimentos sociais, chamando a atenção para a complexidade que o

<sup>462</sup> FÁVERI, Marlene. op. cit., p. 115.

<sup>463</sup> Relatório das atividades do Grupo de trabalho da diversidade lingüística do Brasil. op. cit., p. 14.

pedagógico precisa considerar, ao tratar de sociedades com identidades culturais diversificadas e em constante transformação.<sup>464</sup>

Esse cuidado é importante para que os professores não se tornem ferramentas que ajudam a oprimir uma língua e cultura local em prol de uma cultura hegemônica.

### Segundo Bourdieu

a exemplo da sociologia da cultura, a sociologia da linguagem é logicamente indissociável de uma sociologia da educação. Enquanto mercado lingüístico estritamente sujeito aos veredictos dos guardiães da cultura legítima, o mercado escolar encontra-se estritamente dominado pelos produtos lingüísticos da classe dominante e tende a sancionar as diferenças de capital preexistentes.<sup>465</sup>

Percebeu-se que tanto em Concórdia e Rodeio existe uma parcela da população que não diferencia seus falares em relação à língua italiana *standard*, colocam tanto o Talian, quanto o dialeto Trentino no mesmo patamar que a língua italiana, por vezes achando que se trata de uma coisa só. Como a professora Rosângela Fava com formação em língua italiana através do *Magister* declara “eu quando comecei a estudar não fazia essa ideia, de tanta diferença”<sup>466</sup> entre o dialeto Trentino e a língua italiana.

Gorlin ainda acrescenta que “na cabeça dessa gente de mais idade, como se diz, eles acreditam que a língua que falam, que foi trazida, pelos pais, pelos avós, e bisavós é o verdadeiro e próprio Italiano. Mas não é.”<sup>467</sup>

Nas duas cidades pesquisadas, há o ensino de Italiano *standard* na rede municipal de ensino e, em ambas, os entrevistados declaram acreditar numa possível perda tanto do dialeto Trentino e do Talian. Paulo Notari<sup>468</sup> acredita que “com certeza, com duas gerações, vai desaparecer (...).”

Cristofolini<sup>469</sup> é mais enfático “diferentemente de meu tempo, para as crianças de hoje, aprender o Italiano é secundário, o Português tomou a dianteira. Tanto é que essa geração é a última a falar alguma coisa em Italiano.”

<sup>464</sup> PIACENTINI, Telma Anita. Festas Populares: processos de educação intercultural. In: FLEURI, Reinaldo. (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis Mover/ NUP/UFSC, 1998. p. 122.

<sup>465</sup> BOURDIEU, op. cit., p. 49.

<sup>466</sup> FAVA, Rosângela Adami. op.cit.,

<sup>467</sup> GORLIN, Elena Zuchi. op. cit.,

<sup>468</sup> NOTARI, Paulo. op. cit.,

<sup>469</sup> CRISTOFOLINI, Arcângelo. op.cit.,

Girardi acrescenta “mais umas três gerações não vai mais existir o dialeto,” e em relação aos jovens cita o exemplo: “minhas filhas entendem o dialeto, mas falam uma parte, não tudo”<sup>470</sup> o que acarreta uma perda paulatinamente dessas línguas.

Sugere-se que em futuras pesquisas sejam analisadas as crianças que hoje estudam na rede municipal de ensino, e verifiquem como se constitui a relação italiano standard e dialeto, verificando a interferência do primeiro sobre o segundo. Girardi, por sua vez, declara que parou de estudar o Italiano clássico [padrão] pois confundia-se muito em relação à essa e o dialeto Trentino.

Ao passo que estamos diante de uma iminente extinção das línguas de imigração, a partir da previsão dos entrevistados. As mesmas não constam no Atlas elaborado pela Unesco, no qual “constam as línguas que apresentam 538 estão em situação crítica, 502 seriamente em perigo, 632 em perigo e 607 em situação vulnerável.”<sup>471</sup> E não somente isso, “mas existem movimentos a nível de Brasil, querem que esta língua, esse Talian seja considerado uma verdadeira e própria língua.”<sup>472</sup> Dessa forma, se o Talian for registrado no Livro de Registros das Línguas, ela se torne Patrimônio Imaterial Brasileiro.

Gorlin faz uma pergunta pertinente, “como oficializar essa língua Talian se os jovens não a falam? Essa língua não é falada pelos jovens. São pessoas de meia idade, entre 40-50 anos, que falam”.

Mengarda em 1996 sinalizava que em relação ao Talian (vêneto brasileiro) as pessoas parecem demonstrar vergonha, considerando o dialeto uma língua de *status* inferior ao Português e acabam, por isso, deixando de praticá-lo e não vêm utilidade em aprender essa língua.

Gorlin observa que com a expansão da língua italiana, com o ensino do Italiano, tem jovens que estudam a língua italiana *standard*, e não entendem nada do Talian, ou passam a não entender o Talian, pois o Talian é falado com adultos e não se fala com os jovens.

Nesse sentido, cita-se o fato relatado ainda por Gorlin: “meu filho mais jovem sabe o Italiano *standard* mas não conhece o Talian. Por exemplo, quando ia na casa

---

<sup>470</sup> GIRARDI, Orlando. op. cit.,

<sup>471</sup> Disponível em: <http://www.adital.com.br/Site/noticia.asp?lang=PT&cod=37406>. acesso em 25/03/2009.

<sup>472</sup> GORLIN, op.cit.,

da avó, que faleceu ano passado, a avó falava com ele o dialeto [Talian]. Quando chegava em casa, ele pedia para eu ligar para a avó. Ele dizia ‘ela, falou, falou, falou e eu não entendi nada.

Diante disso, podemos inferir que talvez em um futuro próximo, o exemplo citado não será um caso isolado, vindo a ser cada vez mais comum.

Concluindo, é preciso uma política linguística eficiente e uma educação intercultural, que privilegie a relação entre as culturas, não só nos municípios aqui pesquisados, mas no estado de Santa Catarina.

Uma educação que privilegie a realidade linguística local está contemplada na Declaração Universal dos Direitos lingüísticos Artigo 20º seção II “o ensino deve estar sempre ao serviço da diversidade lingüística e cultural, e das relações harmoniosas entre as diferentes comunidades linguísticas do mundo inteiro.”

Uma educação que conscientize a “população que a perda dessa língua acarreta uma perda progressiva da identidade.”<sup>473</sup>

#### Segundo Piacentini

mesmo considerando o caráter complexo, amplo e universal que tem a cultura, a expressão de identidade cultural é de fundamental importância para o processo educativo, mais ainda num período como o nosso, um tempo de globalização.<sup>474</sup>

#### E acrescenta que

explicitar as diferenças sob o ponto de vista educativo é um passo na direção de uma sociedade que queremos mais justa, com igualdade de condições para todos, compondo a mobilidade da unidade na diversidade, através do respeito mútuo de projetos comuns.<sup>475</sup>

Através de uma educação intercultural voltada para a cidadania, ao respeito à diversidade linguística, poder-se-à mudar a realidade linguística desses municípios, possibilitando uma relação respeitosa e harmoniosa entre as línguas de imigração e a língua italiana *standard*, assim também com a própria língua portuguesa.

Sugere-se que pesquisas futuras apontem e registrem a transformação dessa realidade linguística, uma vez que ela está em plena transição e que a cada dia surgem novas descobertas nesse campo.

---

<sup>473</sup> MENGARDA, op. cit., p. 55.

<sup>474</sup> PIACENTINI, op. cit., p. 119.

<sup>475</sup> Idem. p. 123.

## REFERÊNCIAS

ALTMAYER, Everton. **Do Que Sou Descendente?** de tirolezes! còssa son mi? mi son tirolés! Pequena introdução sobre nossas origens trentinas. Apostila Trentina. Circolo Trentino di São Paulo. 2008. Mimeo.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **ABNT 2005**. Informação e documentação- Citações em documentos – Apresentação. 30. 01. 2006. 9p.

**NBR 6023** – Informação E documentação – Referências- Elaboração. 29.09. 2002. 24p.

**NBR 6024** – Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação. 30.06.2003. 3p.

**NBR 6027** – Informação e documentação- Sumário- Apresentação. 30. 06.2003. 2p.

**NBR 6028** – Informação e documentação- Resumo – Apresentação. 29.12.2003. 2p.

**NBR 10520** – Informação e Documentação – Citações em documentos – Apresentação. 29.09.2002. 7p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.186 p.

BARZOTTO, Salete Scheila. **Colonização em Videira: alemães versus italianos**. Caçador, 2005. 57 p. TCC (Graduação em História) Universidade do Contestado, Caçador.

BASTIANI, Andressa de Fátima de, BASTIANI DREHMER, Rozângela de. **Etnia Italiana: influência cultural em falantes da comunidade de Rio Bugre - Caçador-SC**. Caçador, 2002, 33 p. TCC (Graduação em Pedagogia) Universidade do Contestado, Caçador.

BENEDET, José Higino. FREITAS, Jair Orandes de. **Che lingua parli? ou perché non parli?** In: RADIN, José Carlos et. al (Org). Facetas da Colonização Italiana. Planalto e Oeste catarinense. Joaçaba: UNOESC. 2003. p. 186- 208.

BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 9º ed. 1990. 188 p. (Coleção Centenário da Imigração Italiana nº 3)

BERNARDI, Ulderico. **Abecedario dei Villani**. Treviso, Altri Segni, 1988.

BERNARDI, Paulo. A canção popular italiana em um processo migratório. In: SULIANI, Antônio. (Org) **Etnias e carisma**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 901-910.

BERTOLDI, Frei José; SCOTTINI, Frei Guido. **Rodeio 1875-1975**: aspectos de sua história e de sua gente. Rodeio. 1975. 64 p.

BETHELL, Leslie (Org). **História da América Latina - Da Independência até 1870**, Volume III, Co-edição Imprensa Oficial/EDUSP?FAG, São Paulo, 2001. Cap. 14 – “O Brasil da Independência a meados do Século XIX”, Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho. p. 695-769..

BONATTI, Mario Pe.; LENZI, Mauro. **As primeiras famílias trentinas de Rio dos Cedros**. Indaial: ASSELVI, 2006. 192 p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Lingüísticas**: o que falar quer dizer. Tradução de MICELI, Sérgio. São Paulo: Ed. Edusp, 1996. 185 p.

BOSO, Ivette Marli. **Noialtri chi parlen tuti en talian**. Trento: Museo Storico in Trento, 2002. 295 p.

\_\_\_\_\_. **Entre passado e futuro**: bilingüismo em uma comunidade Trentino-Brasileira. Dissertação. Florianópolis, UFSC, 1991.

BUCHELE, Maria da Graça Silva. **Retalhos Históricos das Comunidades**: Grupos de idosos. Concórdia: gráfica Equiplan, 1995. Concórdia – SC. Grupo de Idosos. 1995. 218 p.

\_\_\_\_\_. **O Pioneiro Caetano Chiuchetta**. Concórdia: Gráfica Brindal, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias**. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. p. 49-63.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 53/2006 e pelas emendas Constitucionais de revisão nº 1 a 6/94.- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRUNELLO, Piero. Índios e colonos italianos no sul do Brasil. In: FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. 1998. Florianópolis Mover/ NUP/UFSC, p.97-116

CANI, Iracema Moser. **Rodeio “Vale dos Trentinos”**. Prefeitura de Rodeio. 1997. 30 p.

CARNIERI, Helena. Para guardar a língua do “nono”. **Gazeta do Povo do Estado do Paraná**. Curitiba. 25/05/2008.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. Coleção tudo é História, n. 127, São Paulo: Brasiliensis, 1989. 87 p.

CAMPOS, Cynthia Machado. Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História/ Universidade Federal de Santa Catarina**.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 80 p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6ª ed. Tradução de GERHARDT, Klaus Brandini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CENTENARO, Alessandro – Venice Film Production. **Un popolo di Ambasciatori – I veneti nel Mondo**. Regione del Veneto Assessorato alle politiche dei Flussi migratori. s/d. (Documentário)

CONFORTIN, Helena, **A faina lingüística**. Porto Alegre: Ed. EST: Erechim: URI, 1998. 304p.

CONVITE. Inauguração do Grupo escolar “Oswaldo Cruz”. Rodeio. 1942.

COMASSETTO, Carlos Fernando. **A história oral, as companhias colonizadoras e a colônia Rio Uruguay [1920-50]** Disponível em <http://www.upf.br/ppgh/download/Carlos%20Fernando%20Comassetto.prn.pdf>. acesso em: 24/02/2008.

CORRÊA, Isaque de Borba. **Dicionário catarinense**: Tratado de Dialectologia, Falares, Subfalares e Expressões Idiomáticas no Estado Barriga-Verde. Florianópolis: Insular, 2000. 200 p.

CLEMENTE, Elvo. Situação do dialeto Vêneto no Rio Grande do Sul. Apud DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. (Orgs). **Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.p.251-254.

CURI, José. **A influência do “Talian” na fala catarinense**. In: Blumenau em Cadernos. Tomo XLVI - n. 05/06 – maio/jun, 2005. p. 20-63.

\_\_\_\_\_ **A influência do “Talian” na fala catarinense**. In: Blumenau em Cadernos. Tomo XLVI - n. 07/08 – jul/agos, 2005. p. 37-77.

DALL’ALBA, João Leocir. **Imigração Italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: Ed.EST, Florianópolis: Lunardelli,1983.

DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do Campanário**: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio vale do Itajaí Açú (1892-1918). Florianópolis-1993. 205p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DAMIANI, Maria José Costa. *et al.*(Orgs.) **Línguas**: ensino e ações. Florianópolis: UFSC/NUSPPLE, 2002. p.13 -21.

Declaração Universal dos Direitos do Homem. UNESCO.1948. IN: **Vade Mecum** Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Marcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. - 5ª ed. atual. E ampl. –São Paulo: Saraiva, 2008. p.

DE BONI, Luis A. (Org) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Escola Superiore di Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. vol II.

DELLA CASA, Maurizio. **L’ Italiano Nella Società e Nella Storia**. Brescia: La Scuola, 2001.

Diversidade Lingüística do Brasil. Grupo de trabalho da Diversidade Lingüística do Brasil (GTDL) **Relatório de atividades. (2006-2007)**. Câmara dos Deputados, Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Ministério da

Ciência e Tecnologia e Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL) e UNESCO. 32 p.

DOLZAN, Janiane Cinara. **A (re) invenção da italianidade em Rodeio – SC.** Florianópolis, 2003. 120 p. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) Guerra.** Cotidiano e medo durante a segunda guerra em Santa Catarina. Itajaí: Ed.Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 533p.

FAVERO, Remi Antônio. **A Saga de Pioneiros.** Concórdia: Gráfica Sul Oeste, 2004.

FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. **Concórdia: o rastro de sua história.** Concórdia, Fundação Municipal de Cultura, 1992.

\_\_\_\_\_. A Câmara municipal na evolução de Concórdia. Concórdia: EDEME, 1994.

FERREIRA, I. **Linguagem, Texto e Ensino:** noções fundamentais discutidas em curso de formação continuada. Abordagem com e para professores da rede de ensino de São José. São José: PMSJ-SC, 2008. (Caderno Pedagógico da Rede Municipal de Ensino de São José. Anos iniciais do Ensino Fundamental).

FIORI, Neide Almeida. Rumos do nacionalismo brasileiro nos tempos da Segunda Guerra Mundial: o “nacional” e as minorias étnicas “inimigas” In: **Natureza, história e Cultura:** repensando o Brasil. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

\_\_\_\_\_. Homogeneidade cultural brasileira: estratégias governamentais sob o Estado Novo In: ADORNO, Sérgio (Org) **A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

\_\_\_\_\_.(Org) **Etnia e educação:** a escola alemã do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis/Tubarão: UFSC;Unisul, 2003.

FONSECA Maria Cecília Londres. **A diversidade lingüística no Brasil: considerações sobre uma proposta de política.** Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=215> data?

FONTANA, Attilio. **História da minha vida**. Petrópolis: Vozes, 1980.

FUCK, Irmã Clea. **100 anos de História: 1875 - 1995** Congregação das irmãs da Divina Providência no Brasil. Florianópolis: EDEME, 1995. 232 p.

FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis Mover/NUP/UFSC, 1998. 212p.

\_\_\_\_\_. **Educação Intercultural: mediações necessárias**. Florianópolis, Ed. DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Ed. 1975. 218 p.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Dialetos Italianos: um perfil lingüístico dos Ítalo-Brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)** Cascavel: EDUNIOESTE, 2002. p. 20-63.

HAMEL, Rainer Enrique. **Direitos lingüísticos como direitos humanos: debates e perspectivas**. In: OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Declaração Universal dos direitos lingüísticos. Novas perspectivas em política lingüística. Florianópolis: Mercado de Letras. 2003. p. 47-69.

HOBSBAWM, Eric J. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.p. 271-282.

HOULLOU, Jean Raphael Zimmermann. **As resistências dos italianos da cidade de Rodeio: preservação da cultura e da identidade frente ao Estado Novo**. Florianópolis, 2004. 51 p. TCC (Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **A interpretação regional do município de Rodeio**. Florianópolis, 1948.

**Jornal Zero**, curso de jornalismo da UFSC Ano XXV, nº 9 – Florianópolis, junho de 2008.

**Jornal Parole** de Ascurra- SC. 15 de set. de 2008

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LENARD, Andrietta. **Lealdade lingüística em Rodeio (SC)**. Florianópolis, 1976. 279 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras- Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LESSER, Jeffrey. O hífen oculto. In: **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.p. 271-282.

Livro tombo Curato São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio. 1900. v.1.

Livro tombo Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Concórdia. 1932.

LIZ, Renilda Aparecida Costa de. **A identidade Nacional Brasileira e a Educação: Homogeneidade x Pluralidade Cultural**. Florianópolis, 2001. 91p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia Política) UFSC, Florianópolis.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Noantri semo taliani grássie a Dio**. Porto Alegre: ed. Sagra, 1990. 99 p.

\_\_\_\_\_. **Talian (Vêneto Brasileiro)**: noções de gramática, história e cultura. Porto Alegre: ed. Sagra, 1994. 124 p.

\_\_\_\_\_. **El nostro parlar (e outras crônicas)**. Porto Alegre: Sagra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Talian (Vêneto Brasileiro) Sem Mestre**. Porto Alegre: Sagra, 1997. 262 p.

\_\_\_\_\_. **Dissionario Talian Vêneto Brazilian/portoguese**. Porto Alegre: Sagra, 2000. 418 p.

KLUG, João. A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil. In: WEHR, Ingrid (ed.). **Un Continente en movimiento: migraciones en América Latina**. Barcelona/Frankfurt: Iberoamericana/Verwuert, 2006. p. 339-347.

NODARI, Eunice Sueli. O Oeste de Santa Catarina: a renegociação das fronteiras étnicas. In: **Fronteiras–Revista catarinense de História**: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 29-50.

MANFRÓI, Olívio. Imigração e Nacionalismo. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. (Orgs.). **Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

MARCO, Elizete Aparecida De. **Dialetto veneto a Concordia**: segni di una Cultura. Florianópolis, 2005. 44 p. TCC (Graduação em Letras-Língua Italiana e Literaturas) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MARQUES, Mons. Agenor Neves. **Imigração Italiana**. Edição comemorativa centenário de Urussanga (1878-1978). Criciúma. p.s/n.

MARQUES, Ana Maria. Italianos no Vale do Itajaí-Mirim In: PIAZZA, Walter.Fernando (Org). **Italianos em Santa Catarina**. vol.1, Florianópolis: Lunardelli, 2001.

MENGARDA, Elias José. **Aquisição do Dialeto Vêneto no Contexto familiar catarinense**. Florianópolis- 1996. 210 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MILANI, Maria Luiza. SACHWEH, Maria da Salete. **Elos quebrados, identidades trocadas**: os italianos do Rio do Pinho (SC) Canoinhas: UnC, 2003. 116 p.

MONTYSUMA, Marcos. *Gênero e meio ambiente: mulheres na construção da floresta na Amazônia*. In: PARENTE, Temis Gomes; MAGALHÃES, Hilda Gomes D. (Orgs) **Linguagens Plurais**: cultura e meio ambiente. Bauru: EDUSC, 2008, v. 1, p. 155-173.

MORELLO, Rosângela. OLIVEIRA, Gilvan Muller. **Uma política patrimonial e de registro para as línguas brasileiras**. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=211> data?

MOSER, Anita. **A violência do estado novo brasileiro contra os colonos descendentes de imigrantes italianos em Santa Catarina durante a segunda guerra mundial**. 2004. Disponível em <http://www.ipol.org.br/> acesso em: 29/11/2008.

MOSER, Iracema Cani. **Jornal "O Corujão"**. coluna Pró-dialeto Cultura e Dialeto. Maio de 1997, p. 13.

PALOMINO, Rodolfo Cérron. **O ensino da língua**. In: MONTSERRAT, Ruth;GRYNER Helena (Org). Língua, Cultura e desenvolvimento. Brasília - Rio de Janeiro Ed.Brasília, 1974.

PIACENTINI, Telma Anita.Festas populares: processos de educação intercultural. In: In:FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. 1998. Florianópolis Mover/ NUP/UFSC. p.119-125.

PIZZAMIGLIO, Kleber Luis. **A Guerra do Contestado**. 2001.

PIAZZA, Walter. F. **A Colonização Italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC- Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A., 1976.

POSSAMAI, Paulo. **"Dall'Italia siamo partiti"**: a questão da identidade dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em [www.cpdoc.fgv.br/comum/htm](http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm).

POSENATO, Julio. **Talian: Língua e identidade cultural**. apud DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. (Orgs). Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.p. 255-280. Prefeitura de Concórdia. **Conhecendo Concórdia**: nomenclatura das ruas do Município. Ivone Marxreiter Bedin, Delci Schwingel e Raul Adolfo Kussler, (Orgs).Ed. gráfica SulOeste; 2006. 300p.

Protocolo Executivo para os anos de 2005 – 2006-2007 do **Acordo de Cooperação Técnica entre o Estado de Santa Catarina da República Federativa do Brasil e República Italiana**, para a promoção do estudo da língua e cultura italiana: Florianópolis, 19/04/2005.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito lingüístico.In: SILVA, Fabio Lopes da. MOURA, Heronides Maurílio de Melo. (Orgs).

**O Direito à fala.** A questão do preconceito lingüístico. 2ª Ed. Ver. Florianópolis: Insular, 2002. p. 83 – 92.

OLIVEIRA, Ancelmo Pereira de. **O discurso da exclusão na escola.** Joaçaba: UNOESC, 2002. 176 p.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades** -Tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular. 2006.

Revista **Insieme**. Curitiba: Sommo. n. 70, p. 12-18. mensal, out. 2004.

Revista **Insieme**. Curitiba: Sommo. n. 85, p. 16. mensal, jan. 2006.

Revista **Insieme**. Curitiba: Sommo. n. 96, p.18-19. mensal, dez. 2006.

Revista **Insieme**. Curitiba: Sommo. n. 100, p. 18-19. mensal, abr. 2007.

Revista **Insieme**. Curitiba: Sommo. n.107, p. 12-13. mensal, nov.2007.

Revista **50 e più il valore dell'Esperienza**. p. 40-42 .Anno XXX n.1. Gen. 2008.

Revista **50 e più il valore dell'Esperienza**. Anno XXX n.1. Gennaio, 2008. p. 40."Le lingue regionali, patrimonio universale."

**Fronteiras:** Revista Catarinense de História/ Universidade Federal de Santa Catarina Departamento de História, Programa de pós-graduação em História da UFSC e Associação Nacional de História (ANPUH-SC). n. 7 (1999). Florianópolis: Imprensa Universitária. 1998/1999. P. 45-71.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. – Florianópolis: COGEN, 1998.

ROGATTO, Geraldo Matheus. Achirópita, Fettuccine e Vinho: sobre a italianidade e a colônia italiana de São Paulo. apud DE BONI, Luis A. (Org) **A presença italiana no Brasil**. v. II. Porto Alegre;Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a sociedade civilizada**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SALVARO, Talita D.; NÖTZOLD, Ana Lúcia V. **Da Oralidade à escrita: a cultura Kaingáng através do Registro da Memória**. In: Publicações do IV encontro Regional de História Oral, Florianópolis, UFSC, 12 a 14/11/2007.

SANTOS, Roselys I.I Correa dos. **A terra prometida: Emigração Italiana: Mito e Realidade**. 2ª Ed. Itajaí: Ed. da Univali, 1999. 299 p.

SANTOS, Roselys I. Correa dos. O país da Cocanha: emigração italiana e imaginário apud FLEURI, Reinaldo (Org). **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis Mover/ NUP/UFSC, 1998. p. 71-95.

SANTOS, Gislene A. dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, Leila C.; SILVEIRA, Rogério L.L. (Orgs) **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 51-78.

SERPA, Ivan Carlos. Os Engenhos de Limeira, História e memória da imigração italiana no Vale do Itajaí. Itajaí: Univali, 2000.

SIMONI, Karine. Sonhar, Viver Recordar – Memórias dos nonos de Xavantina (1920-1950) Florianópolis: Insular, 2002.

SPESSATTO, Marizete B. **Marcas da História: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó**. Florianópolis, 2001. 100 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOUZA, Shirlei A. Braz de. **A etnia, a língua oficial e a escola**. Florianópolis, 2001. 102 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SUFREDINI, Lourdes Claudete Schwade. **Aspectos do Bilingüismo alemão/português numa comunidade rural do oeste catarinense**. Florianópolis, 1993. 267p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TANAKA, Teresa Adami. **RODEIO, 1975: DEPOIS DA FESTA** Somos todos italianos com orgulho. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Teresa%20Tanaka.pdf> data?

TONIAL, Honório. **A respeito del Talian**. In: SULIANI, Antônio. (Org) Etnias e Carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 527-531.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRAUER, Elisabeth Maria. **Alemão: uma língua estrangeira na escola catarinense?** Dissertação de Mestrado, UFSC, 1994, 123 p.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. Tradução: Mariarosaria Fabris (cap. 2 a 5) e Luiz Eduardo de Lima Brandão (cap. 1,6 e 7) - São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura San Paolo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988. 574p.

VICENZI, Pe. Victor. **História e imigração italiana em Rio dos Cedros**. 3ªed. Blumenau: Odorizzi, 2000. 192 p.

\_\_\_\_\_. **História de Rios dos Cedros (1875/1975)**. Blumenau: Odorizzi, 1975.

ZANELLA, Fiorelo. **A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió**. Florianópolis, 1985. 243p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras-Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ZOTTI, Solange Aparecida (Org.) **História faz História: Contribuições ao estudo a História Regional**. Concórdia: Universidade do Contestado – UNC; HISED, 2006. 310 p.

## **ENTREVISTAS RODEIO**

CRISTOFOLINI, Arcangelo. (61 anos) Trabalhador industrial. **Entrevista concedida** à autora em 15/09/2008.

CANI, Iracema Moser. Idade: não declarada. Presidenta da Federação dos Circulos Trentinos no Brasil. **Informações fornecidas via correio eletrônico**.

ADAMI Joaquim Idade e profissão: não declarada. **Entrevista concedida** à autora em Rodeio no dia 17/09/2008.

ADAMI, Antonio. (64 anos). **Entrevista concedida** à autora em Rodeio no dia 17/09/2008.

FAVA Rosângela Adami. Idade: não declarada. Professora de Língua Italiana. Atualmente Diretora na creche “Irmã Colomba”. **Entrevista concedida** à autora em Rodeio no dia 17/09/2008.

FIAMONCINI, Décio (35 anos), agente de saúde, 4ª geração, fala Trentino e Português. **Entrevista concedida** a autora em 15/09/2008. Diamantina-(Pico)/Rodeio.

GIRARDI. Orlando. (53 anos). Empresário. **Entrevista concedida** à autora em 09/08/08.

NOTARI, Paulo. (79 anos). Aposentado. **Entrevista concedida** à autora em 16/09/2008 Ipiranga/Rodeio.

NOTARI, Anna. (77 anos) Aposentada. **Entrevista concedida** à autora em 16/09/2008. Ipiranga/Rodeio.

MOSER, Êrico. 80 anos, aposentado. **Entrevista concedida** à autora em 09/08/2008

PAULA, João Jesus de. Idade: Não declarada. Diretor de Cultura e Turismo. **Entrevista concedida** à autora em 09/08/2008.

RIEG, Helena Notari. Idade: não declarada. Professora de História. **Entrevista concedida** à autora em 16/09/2008.

SARDAGNA Lilian: Idade não declarada. Profissão: não declarada. **Entrevista concedida** à autora em 09/08/2008.

SCOZ, Laura. (48 anos). Professora de Língua Italiana. **Entrevista concedida** a autora em 16/09/2008.

SCOZ, Mafalda Notari. (89 anos) Aposentada. **Entrevista concedida** a autora em sua casa em 16/09/2008.

TAIS, Jaqueline. (10 anos). Estudante. **Entrevista concedida** a autora em 15/09/2008 Diamantina-(Pico) Rodeio.

TAIS, Irma. Idade: Não declarada. Agricultora. **Entrevista concedida** a autora em 15/09/2008 Diamantina-(Pico) Rodeio.

TAIS, Theodora. Idade: Não declarada. Aposentada. **Entrevista concedida** a autora em 15/09/2008 Diamantina-(Pico) Rodeio.

TAIS, Maristela. (7 anos) Estudante. **Entrevista concedida** a autora em 15/09/2008 Diamantina - (Pico) Rodeio- SC.

Transcrição da entrevista com Elsa Pasqualini, 75 anos e Joni Pasqualini, 48 anos em sua residência em Florianópolis. **Realizada por Teresa Adami Tanaka e gentilmente cedida pela mesma.**

Transcrição da Entrevista com Joaquim Adami e Luiz Francisco Fava. Efetuada em 14/09/2007 na residência do segundo. **Realizada por Teresa Adami Tanaka e gentilmente cedida pela mesma.**

## **Entrevistas Concórdia**

A.M. (44 anos) Administrador. **Entrevista concedida** a autora em janeiro 2009

BARP, Jurema. Idade: não declarada. Aposentada. **Entrevista concedida** em 07/11/2008.

BONATTO, Pierina.( 85 anos) Aposentada. **Entrevista concedida** a autora em janeiro 2008.

C.M. (34 anos). Bibliotecária. **Entrevista concedida** a autora em janeiro 2009.

LAZAROTTI Adelaide. (88 anos).Aposentada. **Entrevista concedida** a autora no encontro do grupo de veteranos. Concórdia em 05/11/2008.

L. M. **Conversa** em 09/11/2008 durante o XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro. Usou-se as iniciais do nome, pois não obtivemos autorização por parte do depoente.

HERMES, Harri entrevista feita em 24/05/1990 por Eunice Cadore Franckzak. **Acervo Museu Histórico Municipal Hermano Zanoni** – Rua Abramo Eberle, 322 – Concórdia - SC.

MAGRO, Adelina Busato. (79 anos). Aposentada. Residente em Lajeado Guilherme, comunidade interiorana de Concórdia. **Conversa em sua residência** em janeiro de 2008.

MASSOCCO, Hermínio (86 anos). Aposentado. **Conversa** no encontro do grupo de veteranos. Centro- Concórdia em 05/11/2008.

MARÓSTICA, Edmar. Idade não declarada. Humorista em Talian. **Conversa** em 09/11/2008 durante o XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro.

M. S. idade: (55 anos) **Conversa** em no Sindicato dos trabalhadores Rurais de Concórdia. Usou-se as iniciais do nome, pois a mesma não quis que a conversa fosse gravada. Em 04/11/2008.

MAGRO, Enio. Idade: não declarada. Empresário e radialista de programa em Talian. **Entrevista concedida** em janeiro 2008.

ZAGO, Rafael F. Santi. Idade: 24 anos. **Conversa**. Diretor Sócio-Cultural e Coreógrafo da Associação Bellunese di Concórdia.

Marize M. Silveira Da Rosa. Idade: não declarada. Professora de língua Italiana. **Conversa** com a autora em 05/11/2008.

SFREDO, Juraci. 52 anos. Professora de Língua Italiana. **Relato concedido** a autora em fevereiro 2009.

TOCHETTO, Dianete. Idade: não declarada. Professora de língua Italiana. **Conversa** com a autora em janeiro 2009. E posterior questionário escrito.

TIBOLLA, Flávia Camillo. Idade: não declarada. Professora de língua Italiana. **Conversa** com a autora em janeiro 2009.

ZUCCHI, Elena Gorlin. Idade não declarada. **Entrevista concedida** em 06/11/2008. Presidente da Associação italiana Vêneta di Concórdia.

### **Participação em eventos relacionados ao tema da pesquisa.**

**La Sagra** ocorrida em Rodeio em 08 e 09 de agosto de 2008, promovido pelo Circolo Trentino di Rodeio.

**La Saga** ocorrida em Rodeio de 12 a 21 de Setembro de 2008, promovida pela Prefeitura Municipal de Rodeio.

**XII Encontro Nacional de Apresentadores de Programas do Talian do Rádio Brasileiro** ocorrido em Concórdia no dia 08 e 09 de Novembro de 2008.

## **MUSEUS**

Museu Histórico Municipal Hermano Zanoni  
Rua Abramo Eberle, 322 - Concórdia – SC.

Memorial Atílio Fontana  
Romano Anselmo Fontana, 675 - Concórdia – SC.

## **LOCAIS DE PESQUISA**

Alfana Magazine

Assistência Social de Concórdia

Biblioteca Pública de Concórdia Julio das Neves

Biblioteca do Memorial Attilio Fontana.

Cresol – Cooperativa de Crédito

Lojas Arendt

14ª Delegacia Regional de Policia Civil Concórdia.

Sindicados dos Trabalhadores Rurais de Concórdia.

Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina.

Universidade do Contestado – UNC – Campus Caçador.

Universidade do Contestado - UNC - Campus Concórdia - Biblioteca Neudi Primo Massolini.

## **INTERNET**

[www.concordia.sc.gov.br/asplan](http://www.concordia.sc.gov.br/asplan) acesso: 22/11/2008

[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br) acesso em: 15/10/2008.

[www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/pdfs/FLEURI\\_1998\\_EI\\_desafios\\_emergentes.pdf](http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/pdfs/FLEURI_1998_EI_desafios_emergentes.pdf)  
acesso em: 12/06/2008.

[www.acime.gov.pt/modules](http://www.acime.gov.pt/modules) acesso em: 15/11/2008

[www.oriundi.net](http://www.oriundi.net) acesso em: 12/09/2008.

<http://www.adital.com.br/Site/noticia.asp?lang=PT&cod=37406> acesso em:  
25/03/2009.

[http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm) acesso em:  
20/08/2008.

[www.familiabortoletto.com.br/.../italia.gif](http://www.familiabortoletto.com.br/.../italia.gif) acesso em 12/02/2008

<http://www.ctsp.org.br/curiosidades.php> acesso em 02/12/2007

<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php> acesso em 02/12/2007

[http://www.fundacaoastrojildo.org.br/index.asp?opcao=mostra\\_noticia&id=748](http://www.fundacaoastrojildo.org.br/index.asp?opcao=mostra_noticia&id=748)  
02/12/2007.

[http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20\\_etnogr\\_para%20Monica.htm](http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm)  
m acesso em 02/12/ 2007

[www.pmf.sc.gov.br/sc\\_municipios\\_nomes.jpg](http://www.pmf.sc.gov.br/sc_municipios_nomes.jpg) acesso em 12/02/2008

<http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=98&Pag=2> acesso em  
12/02/2008

<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/brasil-na-segunda-guerra-feb-na-italia.jhtm>  
acesso em 09/10/08

<http://www.rodeio.sc.gov.br/conteudo> acesso em 24/09/2008

<http://www.ipol.org.br> acesso em 19/11/2008

[http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040813\\_getulio\\_vargas.asp](http://www.tvebrasil.com.br/noticias/040813_getulio_vargas.asp) 21/11 acesso em  
21/11/2008.

<http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura> acesso em: 04/05/2008.

# ANEXOS

## Anexo 1

### Programação da Festa La Sagra 2008

Dia 08- Sexta-feira	Início: 13hs
	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Encontro da 3ª Idade: Grupos da região</li> <li>* Café Colonial</li> <li>* Tarde dançante até às 17h</li> <li>* Conjunto Multishow "Pérola do Vale"</li> <li>* Ingresso R\$ 5,00 com direito ao Café Colonial e sorteio de brindes</li> <li>19h - Reinício: Abertura da Bilheteria - Ingresso R\$ 5,00</li> <li>20h - Solenidade de Abertura da 20ª La Sagra e 33 anos de Circolo Trentino</li> <li>* Autoridades e Associações</li> <li>* Sangria do vinho e espumante: Vinícola San Michele/ Circolo Trentino/ Autoridades/ Patrocinadores</li> <li>* Início serviço de restaurante: Jantar Italiano com buffet completo</li> <li>* Café Italiano</li> <li>* Show com o Grupo Musical "Clarini D´Argento"</li> <li>* Mostra fotográfica de cultura italiana</li> <li>* Homenagem às 1as famílias da Imigração Italiana de Rodeio (painel)</li> <li>* Feira de Artesanato local</li> <li>* Serviço de Bar</li> <li>* Vinhos da Vinícola "San Michele", outras marcas e importados, espumante, bonikamp e grappa</li> </ul>
Dia 09 - Sábado	Início: 19 hs
	<ul style="list-style-type: none"> <li>20h - Jantar Festivo: Gastronomia típica</li> <li>* Show: Grupo Musical "Clarini D´Argento"</li> <li>22h - Grande Baile: Orquestra "BEPPI Intenacional Band", com músicas italianas, internacionais e variadas, sob a regência do Maestro Beppi (o italiano Giuseppe Bertollo)</li> <li>24h - Homenagem especial em comemoração ao Dia dos Pais: "A Valsa dos Pais" - participação dos pais presentes.</li> </ul>
Dia 10 - Domingo	10h - Missa Solene
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Igreja Matriz de "São Francisco"</li> <li>* Participação do Coral Polifônico "São Francisco"</li> <li>* Participação das capelas e associações dos bairros</li> <li>* Após a missa: Desfilada dos grupos e delegações presentes, precedida pela Fanfarra E.E.B. Osvaldo Cruz, bandeiras, estandartes...</li> <li>* Trajeto: da Igreja até o clube Antares</li> <li>11h - Início - Ingresso Gratuito</li> <li>12h - Almoço típico em comemoração ao Dia dos Pais, seguido de um festival de talentos:</li> <li>* Grupo Musical "Clarini D´Argento"</li> <li>* Homenagem às famílias da imigração italiana (painel)</li> <li>* Hino de Rodeio: execução em flauta</li> <li>* Grupo Folclórico Infantil de Ascurra</li> <li>* Grupo Folclórico do Circolo (GIBRAC)</li> <li>* Show Colégio "Santo Antônio" - Rodeio</li> <li>* Apresentação Escola "Madre Avosani" (S.Vigilio)</li> <li>* Gruppo Folkloristico "Primo Ballo"</li> <li>* Apresentação E.E.B. Osvaldo Cruz</li> <li>* Seqüência de Shows musicais dos talentos locais</li> <li>* Gruppo Folk Trentino di Rodeio</li> </ul>

## Anexo 2

### Programação Saga Trentina 2008.<sup>476</sup>

#### **12 de setembro (sexta-feira):**

20hs – Abertura da “Saga Trentina 2008” (Centro Cultural Ivanir A. Scoz) 21hs – Vita Mia: Encenação histórica com teatro Messias, Coral São João Batista de Rodeio 12 e Coral S. Francisco (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)

21hs – Banda “Segredo” (Pavilhão de Eventos)

23hs – **Banda “S/A”** (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 19hs às 23hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi)

#### **13 de setembro (sábado):**

19hs – Jantar Italiano (Pavilhão de Eventos) 19hs – Missa Solene c/participação do Coral S. Francisco de Assis - Igreja Matriz

20hs – Grupo Italiano “Itália Nostra” (Pavilhão de Eventos) 20:30hs – Grupo Primo Ballo (Centro Cultural Ivanir A. Scoz) 21:30hs – Comunitá Italiana Di Jarinu/SP (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)

23hs – **“Os Montanari”** (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 19hs às 00hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi)

#### **14 de setembro (Domingo):**

10hs – 41º Torneio Estadual de Mora (Pavilhão de Eventos) 12hs – Almoço com grupo “Itália Nostra” (Pavilhão de Eventos) 13hs – 6º Torneio Estadual de Mora (até 16 anos) (Pavilhão de Eventos) 14hs – Grupo Primo Ballo (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)

14hs – Banda **“Roda Viva”** (Pavilhão de Eventos)

15:30hs – Banda **“Juventude S/A”** (Pavilhão de Eventos) 17hs – Grupo Folk Trentino (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)

19hs – **“Os Montanari”** (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 10hs às 23hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi)

#### **Dias 15 e 16 de setembro:**

Não haverá atividades

#### **Dia 17, 18 e 19 de setembro (Quarta, Quinta e Sexta-feira):**

**2º Canzone D’Itália c/ banda “CARAVELLY”**

#### **17 de setembro (Quarta):**

A partir das 09hs - Etapa Regional (eliminatória) (Pavilhão de Eventos) 21hs – Banda “Caravelly” (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 19hs às 23hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi) **18 de**

#### **setembro (Quinta):**

A partir das 09hs - Etapa Estadual (eliminatória) (Pavilhão de Eventos) 21hs – Banda “Caravelly” (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 19hs às 23hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi) **19 de**

#### **setembro (Sexta):**

18hs - Finalíssima das etapas Regional e Estadual com premiação p/ vencedores (Pavilhão de Eventos) 23hs – Banda **“Seven”** (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 19hs às 23hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi)

**20 de setembro de 2008 (Sábado):** 11hs – Almoço típico (Pavilhão de Eventos)

13hs – **Tarde da “Melhor Idade” – banda “Duplo Sentido”** (Pavilhão de Eventos)

19hs – Jantar Italiano (Pavilhão de Eventos)

20hs – **Banda “Conexão 11” com presença do Apresentador do programa “Bandas e Fatos” Valmor Silveira** (Pavilhão de Eventos) 20:30hs – Grupo 100% Livre (Centro Cultural Ivanir A. Scoz) 21:30hs – Grupo Santo Antônio e Dança (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)

00hs – **Banda “Corpo & Alma”** (Pavilhão de Eventos) **Expofeira das 19hs às 00hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi)

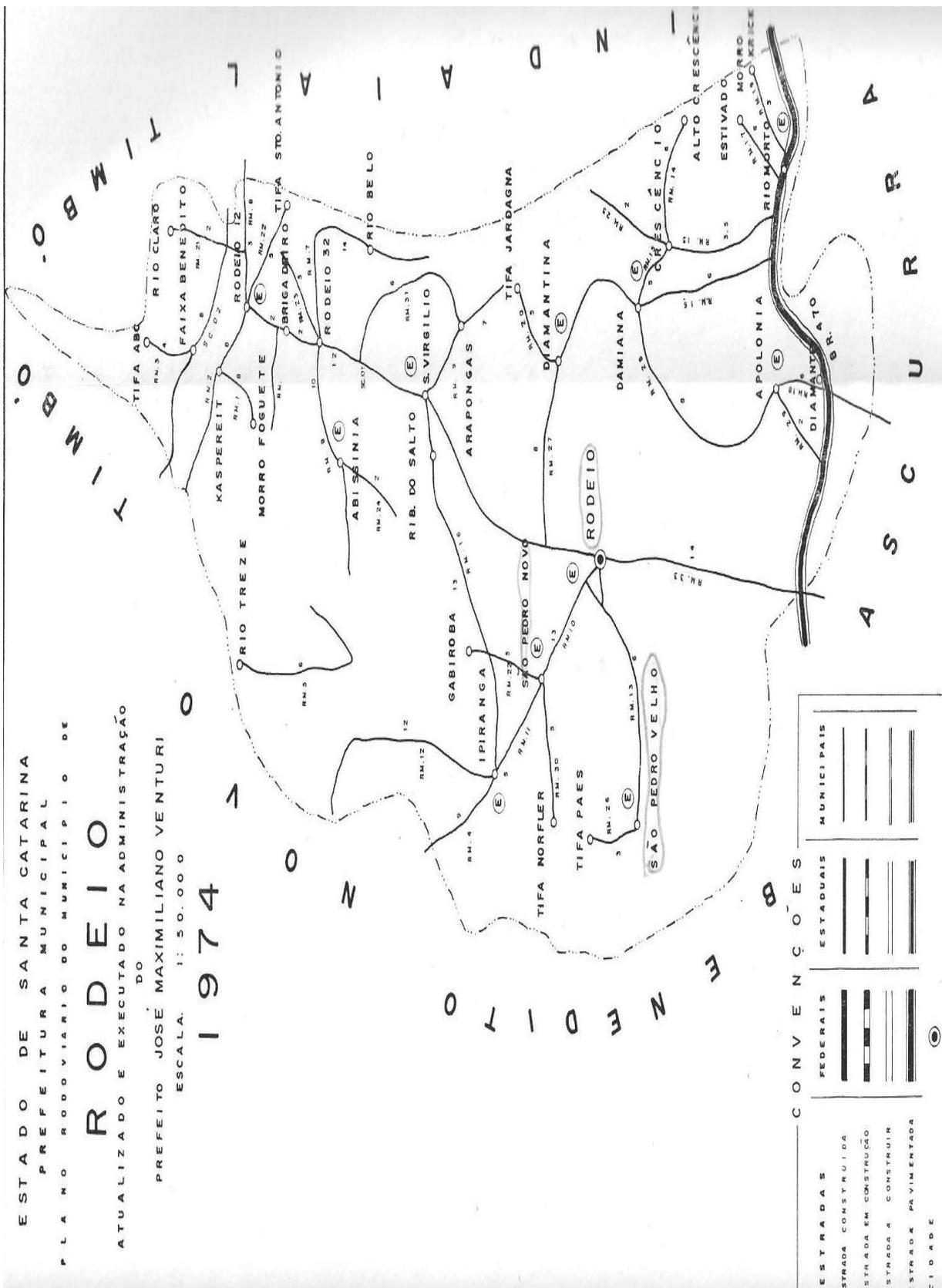
#### **21 de setembro de 2008 (Domingo):**

12hs – Almoço com grupo “Itália Nostra” (Pavilhão de Eventos)

<sup>476</sup> Disponível <http://www.rodeio.sc.gov.br/conteúdo> acesso em 24/09/2008.

14hs – Coral “Flor do vale” de Ascurra (Centro Cultural Ivanir A. Scoz) 15hs – Grupo 100% Livre (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)  
15hs – Banda “**Caravelly**” (Pavilhão de Eventos) 16hs – Grupo Santo Antônio e Dança (Centro Cultural Ivanir A. Scoz)  
19hs – Banda “**Os Atuais**” (Pavilhão de Eventos)  
22hs - Encerramento da “Saga Trentina edição 2008” **Expofeira das 10hs às 21hs** (Ginásio José Maximiliano Venturi)

Anexo 3



## Anexo 4



**134 Anos da  
Imigração Italiana  
no RS - Brasil  
1875 - 2009**

**Of. 01B/09**

**Ilmos Sres.**

**Escritores, Jornalistas, Radialistas, Pesquisadores, Historiadores da  
Língua do TALIAN e Simpatizantes.**

Serafina Corrêa, 22 de Março de 2009.

Caros amigos

Ao saudá-los, temos grata satisfação de informar a todos que iniciamos o inventário do TALIAN.

TALIAN foi a primeira língua a solicitar reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Recomendamos pesquisarem na internet a edição da revista "ISTO É", de 11/03/2009 o texto: Acredite – Um terço das línguas estão sumindo.

Assim, graças ao IPHAN e a colaboração de todos, o nosso TALIAN foi incluído entre as cinco primeiras línguas a serem inventariadas no Brasil.

Um acordo foi firmado e a Universidade de Caxias do Sul foi escolhida para coordenar os trabalhos, que inclui a Associação dos Difusores do Talian, a FIBRA e o Instituto Veneto.

Somos conscientes que, embora todas as esperanças, as tratativas com os governos da Itália só nos causaram dissabores e frustrações. Foram apenas algumas iniciativas individuais e isoladas. Eles, dos governos, jamais se interessam pelo Talian a nossa vera lengoa.

Agora, não podemos desperdiçar a oportunidade que nos oferece o GOVERNO BRASILEIRO de reconhecer e tutelar a nossa língua e porque não dizer a cultura da imigração já que a língua é a primeira identificação de um povo.

Fizemos um apelo a todos para que se unam a nós nesta força tarefa de identificar este patrimônio a ser inventariado. Enviem este ofício a seus amigos para que todo o Brasil TALIAN se manifeste e seja identificado de forma concreta enviando:

- Livros
- Jornais
- Documentários
- Festividades comemorativas
- Eventos culturais: música, teatro, dança, escola, Cursos, etc
- Registros de programas de rádio e televisão
- Monografias
- Leis municipais e estaduais

- Escrevam sobre a importância da língua em sua cidade e ou região com estimativa de falantes do TALIAN e estimativa dos que entendem mas não falam. Isto é muito importante.

Finalizamos, reiterando para que todos façam uma cópia daquele material que está no baú, na biblioteca, na Associação Italiana, na Prefeitura, na casa do amigo, na Igreja e enviem para nós, seja por cópia, CD, vídeo, DVD ou mesmo por internet. Caso tenham dificuldades, enviem o material que pagaremos o sedex aqui.

Estou à disposição no telefone (54) 99747668, e-mail [fibrars@yahoo.com.br](mailto:fibrars@yahoo.com.br) e meu endereço é Rua Otávio Rocha, 340 – CEP 99250-000 – Serafina Corrêa – RS.

Colabore e façam parte desta história que deixaremos aos nossos filhos e as futuras gerações.

Un strucon.



**Dr. Paulo Massolini**  
**Presidente**